



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

PAULA REGINA GOTO

**CEM ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA E AS
REPRESENTAÇÕES DA CULTURA NIPO-BRASILEIRA EM
MARINGÁ**

Londrina
2009

PAULA REGINA GOTO

**CEM ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA E AS
REPRESENTAÇÕES DA CULTURA NIPO-BRASILEIRA EM
MARINGÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Raimunda de Brito
Batista

Londrina
2009

Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

G684c Goto, Paula Regina.

Cem anos da imigração japonesa e as representações da cultura nipo-brasileira em Maringá / Paula Regina Goto. – Londrina, 2009.
107 f.

Orientador: Raimunda de Brito Batista.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2009.

Inclui bibliografia.

1. Migração japonesa – Brasil – Teses. 2. Japoneses – Cultura – Maringá (PR) – Teses. 3. Identidade étnica – Teses. I. Batista, Raimunda de Brito. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

CDU 39(81)

PAULA REGINA GOTO

**CEM ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA E AS REPRESENTAÇÕES
DA CULTURA NIPO-BRASILEIRA EM MARINGÁ**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Raimunda de Brito Batista
UEL – Londrina - PR

Profa. Dra. Angela Maria de Souza Lima
UEL – Londrina - PR

Profa. Dra. Olga Rodrigues de Moraes Von
Simson
UNICAMP – Campinas - SP

Londrina, 15 de dezembro de 2009.

Dedico este trabalho aos meus queridos
pais, Antonia Pinheiro Goto e Oscar
Fumio Goto, cujo encontro é a tradução
desta mistura tão brasileira.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos especiais:

À minha orientadora, Raimunda de Brito Batista, por sua dedicação durante todo o trabalho;

Ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina;

Ao Núcleo de Estudos da Cultura Japonesa da Universidade Estadual de Londrina;

Aos estudantes intercambistas da Universidade Meio de Okinawa, Japão, pelo tempo em que passamos juntos;

Ao Museu Histórico da Imigração Japonesa no Paraná, sediado em Rolândia (PR);

À Divisão do Patrimônio Histórico e Cultural de Maringá;

Ao Observatório Metrôpoles da Universidade Estadual de Maringá;

Ao Projeto Parque do Japão de Maringá;

Ao Instituto de Estudos Japoneses da Universidade Estadual de Maringá;

À Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA);

À Igreja Tenrikyo de Jussara (PR);

Ao templo budista Nambei Honganji de Maringá;

Ao templo budista Nippakuji de Maringá;

Ao templo budista Nishi Honganji de Maringá;

Aos meus queridos Antonio Angelo Mazzaro e Antonio Sérgio Longhini, pelo apoio recebido neste processo;

Ao Glaicon, pelas contribuições tecnológicas;

À minha cunhada e amiga, Daniela;

Aos meus queridos irmãos, Lillian e Luciano;

Ao nosso pequeno, Arthur.

***“A cultura não é uma questão de ontologia,
de ser, mas de se tornar.”***

(Stuart Hall)

GOTO, Paula Regina. **Cem anos da imigração japonesa e as representações da cultura nipo-brasileira em Maringá.** 2009. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

Com a chegada da primeira leva de imigrantes japoneses ao Brasil, começava a ser formada a cultura nipo-brasileira. A partir das colônias japonesas, os *nikkeis* imprimiram sua presença através de monumentos, entidades, festas, práticas religiosas e demais manifestações culturais. O município de Maringá, localizado na região norte do estado do Paraná, apresenta, desde seu surgimento, uma expressiva presença de japoneses e descendentes. Este trabalho objetiva contribuir para o estudo do processo de produção de significados da cultura nipo-brasileira a partir da análise de suas principais festividades, que, no ano do Imin-100, se encontram inseridas no contexto mais geral de comemoração dos 100 anos da imigração japonesa no Brasil. A pesquisa privilegia a análise das principais festividades e cerimônias sociais identificadas com os nipo-brasileiros realizadas em Maringá como seu principal objeto empírico de análise. Foram realizados levantamentos documentais dos materiais disponíveis nos acervos dos arquivos históricos de Maringá e do Paraná, entrevistas qualitativas e pesquisas de observação participante feitas durante as comemorações do Imin-100. Perpassando diferentes gerações e adentrando o centenário da imigração japonesa, é possível localizar nos principais movimentos migratórios dessa comunidade e nas suas formas de organização e de expressão a busca pela reafirmação de uma identidade étnica.

Palavras-chave: Imigração japonesa. Comunidade nipo-brasileira. Cultura nipo-brasileira. Identidade étnica.

GOTO, Paula Regina. **One hundred years of Japanese immigration and the representations of Nippon-Brazilian culture in Maringá.** 2009. 107 p. Dissertation (Master in Social Sciences) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009

ABSTRACT

Upon the arrival of the first group of Japanese immigrants to Brazil, Nippon-Brazilian culture began to be formed. Through Japanese communities, the Nikkeys imprinted their presence by means of monuments, entities, celebrations, religion practices and other cultural manifestations. The municipality called Maringá, located on the North region of Parana State - South of Brazil, has had an expressive presence of Japanese people and their descendents since its foundation. This paper aims to contribute with the study of production process of Nippon-Brazilian culture meanings, through the analysis of its main festivities, which are inserted in the most general celebration context of the 100th anniversary of Japanese immigration to Brazil. The research focuses on the analysis of major festivities and social ceremonies, which were carried out in Maringá by the Nippon-Brazilians, as its principal analysis empiric object. Document investigation of material which was available in the historical collection files in Maringá and Paraná was carried out, qualitative interviews and participative observation researches were also conducted during the festivities of Imin-100. By observing different generations and the 100th anniversary of Japanese immigration to Brazil, it is possible to find, in the main migratory movements of this community and in its organization and expression ways, the search for reaffirmation of an ethnical identity.

Keywords: Japanese immigration. Nippon-Brazilian community. Nippon-Brazilian culture. Ethnic Identity.

GOTO, Paula Regina. **Cent ans de l'immigration japonaise et les représentations de la culture nippo-brésilienne à Maringá**, 2009. 107f. Dissertation (Master de Sciences Sociales) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RÉSUMÉ

Avec l'arrivée de la première vague d'immigrants japonais au Brésil, commençait à se former la culture nippo-brésilienne. A partir des colonies japonaises, les nikkeis (ou migrants japonais et leurs descendants) ont marqué leur présence par des monuments, des fêtes, des associations, des pratiques religieuses et autres manifestations culturelles. La ville de Maringá, située dans le Nord de l'État du Paraná, connaît, depuis sa fondation, la présence notable de Japonais et de leurs descendants. L'objectif de ce travail est de contribuer à l'étude du processus de production d'une culture nippo-brésilienne à partir de l'analyse de ses principales festivités, qui, l'année du Imin-100, ont été insérées dans un contexte plus global de commémoration des 100 ans de l'immigration japonaise au Brésil. Cette recherche a pour objet d'étude privilégié l'analyse empirique des principales festivités et cérémonies sociales qui identifient les nippo-brésiliens à Maringá. Une exploitation des matériaux disponibles dans les fonds documentaires des archives historiques de Maringá et du Paraná a été enrichie par des entrevues qualitatives et des études de terrain réalisées durant les commémorations du Imin-100. En étudiant les différentes générations, et en se focalisant sur le centenaire de l'immigration japonaise, il est possible de percevoir dans les principaux mouvements migratoires de cette communauté ainsi que dans ses formes d'organisation et d'expression, la quête de la réaffirmation d'une identité ethnique.

Mot clés: Immigrants japonais. Nipo-brésilien communauté. Nipo-brésilien culture. Identité ethnique.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS	19
CAPÍTULO 2 A IMIGRAÇÃO JAPONESA E A PRESENÇA <i>NIKKEI</i> EM MARINGÁ	24
CAPÍTULO 3 FESTIVAL NIPO-BRASILEIRO	35
CAPÍTULO 4 FESTIVAL DE CANTO	48
CAPÍTULO 5 <i>IREISAI</i>	59
CAPÍTULO 6 <i>UNDOUKAI</i>	69
CAPÍTULO 7 O TRONO DO CRISÂNTEMO NO PAÍS DO PAU-BRASIL	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	102

LISTA DE SIGLAS

ABRAC	Associação Brasileira da Canção Japonesa
ACBJ	Aliança Cultural Brasil - Japão
ACCIJB	Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil
ACEMA	Associação Cultural e Esportiva de Maringá
ACIM	Associação Comercial e Industrial de Maringá.
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
BRATAC	<i>Burajiru Takushoku Kumiai</i>
BUNKYO	Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CELEM	Centro de Estudos de Língua Moderna
CNPQ	Conselho Nacional de Pesquisa
EDUEL	Editora da Universidade Estadual de Londrina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEJ	Instituto de Estudos Japoneses
NHK	<i>Nippon Hoso Kyokai</i>
FEMUCIC	Festival de Música da Cidade Canção
KKKK	<i>Kaigai Kogio Kabushiki Kaisha</i>
SIDRA	Sistema IBGE de Recuperação Automática
SOCEMA	Associação Cultural e Esportiva de Maringá
SASC	Secretaria de Assistência Social
UEM	Universidade Estadual de Maringá
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

INTRODUÇÃO

Declarado o “Ano do Intercâmbio Brasil-Japão”, 2008 se iniciou com um intenso cenário de festividades que coloriram o Brasil de Norte a Sul. A organização dessas comemorações exigiu tempo e preparo e foi fruto de um cuidadoso trabalho de negociações entre as lideranças de entidades nipo-brasileiras, empresas, poder público e sociedade.

Como forma de estreitar as relações de amizade entre os dois povos no ano de seu intercâmbio, Brasil e Japão prezaram por articular conjuntamente as atividades que iriam marcar as comemorações relacionadas aos cem anos da imigração japonesa no Brasil nos dois países, que no Brasil ficara conhecido como Imin-100.

A Comissão Nacional para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil foi formada desde 2006 e oficializada por intermédio dos decretos 5.966/06 e 6.036/07 do presidente Luís Inácio Lula da Silva. Tendo à frente o ministro das relações exteriores, a comissão contou com um titular de cada pasta do governo e com a presença das empresas estatais que se interessassem em participar institucionalmente das comemorações.

O caráter oficial da comissão se revestiu de importância estratégica para a comunidade nipo-brasileira, considerando a significação conferida pelo envolvimento governamental com os assuntos atinentes ao grupo. A idealização destas comemorações, no entanto, foi gestada ao longo de anos pela comunidade nipo-brasileira¹ e suas entidades. A partir de um movimento iniciado desde 2001, em 2003 foi fundada a Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil (ACCIJB).

Definida como entidade civil sem fins lucrativos e com o objetivo de planejar as atividades de comemoração do centenário, a criação da ACCIJB foi uma iniciativa da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e Assistência Social (BUNKYO)², da Aliança Cultural Brasil – Japão (ACBJ)³, Beneficência Nipo-brasileira

¹ Emprega-se aqui o sentido utilizado por Stadniki e Pinto (1999, p. 245): “A expressão *nipo-brasileiro*, surgida no contexto da colonização japonesa no Brasil, sugere a noção de pertencimento dos japoneses imigrantes e seus descendentes a uma comunidade étnica, culturalmente definida, e a uma entidade politicamente definida, no caso o Estado brasileiro.”

² O *BUNKYO* foi fundado pela comunidade nipo-brasileira de São Paulo em 1955 e tem como função a divulgação e manutenção da cultura japonesa e atividades de assistência social.

de São Paulo, Federação das Associações de Províncias do Japão⁴ e Câmara do Comércio e Indústria do Japão no Brasil⁵.

No Japão, houve, igualmente, uma preparação para as comemorações e no dia 18 de janeiro de 2007 foi fundada a Comissão Organizadora do Ano do Intercâmbio Japão-Brasil. Neste caso, as comemorações possuíram a especificidade de serem direcionadas, ao mesmo tempo, para os japoneses e para a comunidade nipo-brasileira residente no Japão.

No dia 27 de abril de 2008, com a presença de autoridades brasileiras, iniciam-se no município de Kobe, no Japão, os eventos oficiais do Centenário da Imigração para homenagear os 781 japoneses que emigravam ao Brasil, a bordo do navio Kasato Maru, em 28 de abril de 1908 e que iriam constituir a primeira leva de imigrantes japoneses ao Brasil.

No dia 28 de abril de 2008, no prédio da Hospedaria do Imigrante, em Kobe, simbolizando os laços de amizade entre os dois povos, foi acesa a “Tocha da Amizade”. A tocha seguiu via navio o mesmo percurso feito pelos imigrantes japoneses em 1908 e visitou uma série de municípios, os quais tinham marcante presença *nikkei*⁶ em sua história e em sua constituição.

No Brasil, a solenidade oficial de abertura aconteceu em cerimônia especial em Brasília no dia 17 de janeiro de 2008, com a participação do presidente Luis Inácio Lula da Silva, representantes da comunidade *nikkei* e demais autoridades, dando início à série de atividades culturais que, oficialmente ou não, viriam a ser parte integrante do Imin-100.

O ano de 2008 foi, indiscutivelmente, um ano no qual a temática das comemorações ao aniversário da imigração japonesa estava na agenda do dia. Nas Feiras Culturais das Escolas, nos seus desfiles, nas ruas, nos *shoppings centers*, nas lojas, nos supermercados, nos campeonatos esportivos e nos mais variados festivais culturais.

³ A Aliança Cultural Brasil – Japão foi fundada em 1956 e tem como principal função promover o intercâmbio cultural entre o Brasil e o Japão através de convênios e promoções de diversas atividades que envolvam os dois países.

⁴ As associações de províncias surgiram com os primeiros imigrantes japoneses no Brasil e têm como objetivo a manutenção dos laços de amizade através do intercâmbio cultural, assistencial e educativo, que permite que estudantes com domínio do idioma japonês possam ingressar nas universidades japonesas através da concessão de Bolsas de Estudo.

⁵ Formado por empresários japoneses e brasileiros, seu principal objetivo é o estreitamento dos laços comerciais entre o Brasil e o Japão.

⁶ *Nikkei* é o descendente de japonês.

Dos eventos nacionais aos locais, Maringá se vestiu de Japão e o tema ocupou diversos ambientes e espaços, com uma infinidade de atividades em homenagem ao aniversário da imigração japonesa. Além dos festivais anuais promovidos pelas entidades nipo-brasileiras, foram realizados festivais de cinema, de balonismo, festivais gastronômicos, festas temáticas e diversas outras apresentações culturais.

Com uma expressiva presença de japoneses e descendentes ao longo de sua história, o município de Maringá se destaca no cenário nacional pela riqueza das manifestações culturais identificadas com o Japão. Este destaque parece ter sido construído pela visibilidade étnica que a sua comunidade *nikkei* prezou por reproduzir desde a constituição de suas primeiras associações e do seu apreço às artes, ao esporte e à educação.

Perpassando diversas gerações, a comunidade nipo-brasileira maringaense adentra o centenário da imigração japonesa no Brasil participando ativamente das atividades oficiais do Imin-100 e colocando o município na disputada rota do Príncipe Herdeiro do Japão, Naruhito Kotaishi Denka, mais comumente chamado de Naruhito, em sua visita oficial ao país.

O príncipe esteve em Maringá para o lançamento da pedra fundamental do Parque do Japão. Previsto para ser o maior parque temático do gênero na América Latina, o Parque do Japão é um ambicioso projeto arquitetônico, paisagístico, turístico e cultural que, em parceria com o poder público e privado, está sendo construído sobre uma área de aproximadamente 100 000 metros quadrados.

Esta disposição de mobilização dirigida às comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil em Maringá se manifestou no nível governamental com a criação de uma Secretaria Especial para Assuntos do Imin-100, que foi criada pelo prefeito municipal Sílvio Magalhães Barros II e ocupada pelo sr. Shudo Yassunaga, perdurando durante todo o ano de 2008.

Percebe-se, na chegada do primeiro centenário da imigração japonesa ao Brasil, uma tendência de afluxo da cultura nipo-brasileira em Maringá, ao contrário do que poderiam entender alguns com o passar dos anos. Ou seja, há um considerável aumento dos espaços e dos movimentos identificados com uma etnicidade nipo-brasileira no município.

A região de Maringá não recepcionou, de início, as primeiras levas de imigrantes japoneses, levando em conta a sua constituição política ou a sua

“fundação” ocorrida somente em 1947, portanto, de forma relativamente tardia em relação a demais municípios com presença marcante dos *nikkeis*. É curioso perceber, no entanto, que as suas cerimônias sociais são tidas como das mais “típicas” e “tradicionais” da cultura japonesa no universo destas práticas no Brasil.

Considerando que o contexto no qual se apresenta a comunidade nipo-brasileira difere no tempo e no espaço, a própria cultura dessa comunidade apresenta-se, em diferentes níveis, inserida nestas novas configurações. Os significados das atividades culturais podem sofrer variações, de acordo com as representações assumidas pelos símbolos para os grupos sociais, já que os sentidos partilhados pelos sujeitos são constantemente negociados.

O recente fenômeno dos *dekasseguis*⁷ causa uma reconfiguração da comunidade nipo-brasileira, pois altera o cenário no qual esta se encontrava imersa, não somente através da reestruturação de famílias inteiras, mas com o próprio movimento pendular vivenciado por esses trabalhadores e com o papel que a cultura nipo-brasileira assume para esses diferentes membros no tempo e no espaço, no Brasil e no Japão.

Para além das implicações políticas e das questões econômicas imbrincadas aos movimentos migratórios, a questão cultural que os permeia é de fundamental importância. Esses estudos culturais se encontram relacionados à preocupação com a integração dos imigrantes às sociedades receptoras. Este trabalho busca, a partir de um olhar sobre o caso de Maringá, contribuir para um melhor entendimento do processo de integração dos *nikkeis* à sociedade brasileira.

O primeiro capítulo inicia-se com uma ligeira apresentação das contribuições dos estudos migratórios que considero de fundamental importância para o desenvolvimento das pesquisas sobre a temática das migrações. Partindo dos estudos migratórios promovidos pela “Escola de Chicago”⁸, busco fazer uma breve incursão pela produção teórica referente às migrações no Brasil, elencando

⁷ Termo que caracteriza os brasileiros que participam do fluxo migratório para o Japão a partir da década de 1980, que se deslocam do país para trabalhar e juntar dinheiro. De acordo com Elisa Massae Sasaki Pinheiros (2004, p.34), a palavra *dekassegui* significaria, originalmente, trabalhar fora de casa. Composta por dois ideogramas, *deru*, que significa sair, e *kassequ*, que quer dizer trabalhar, ganhar dinheiro, de acordo com a pesquisadora, referia-se no Japão, aos trabalhadores que migravam temporariamente de uma região a outra a fim de trabalhar e juntar dinheiro.

⁸ “Por *Escola de Chicago* costuma-se designar um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica realizados, entre 1915 e 1940, por professores e estudantes da Universidade de Chicago.” (COULON, 1995, p.7).

alguns relevantes estudos da temática, sobretudo os que se referem à comunidade nipo-brasileira.

No segundo capítulo, um olhar sobre a história da imigração japonesa busca localizar os imigrantes japoneses e descendentes na ocupação da região norte do estado do Paraná, apresentando algumas fundamentações que contribuíram para essa significativa presença *nikkei*. Considerando o cenário de dificuldades no qual se encontravam à época, introduz, ainda, motivações encontradas para muitas de suas primeiras práticas associativistas.

Na análise das festividades e cerimônias sociais elencadas torna-se possível identificar uma multiplicidade de sentidos conferidos pela comunidade nipo-brasileira às suas práticas culturais. No ano do Imin-100, o grande desafio é apreender os significados dessas festividades para os membros da comunidade nipo-brasileira e as formas de ressignificação de sua cultura.

No universo das cerimônias sociais, optei pelos eventos de maior expressividade dentre o cenário de festividades e rituais. Seguido do Festival Nipo-Brasileiro, Festival de Canto, *Ireisai* e *Undokai* são os eventos anuais da comunidade nipo-brasileira mais tradicionais em Maringá, por isso se fazendo constar dentre as atividades mais significativas no ano do centenário da imigração japonesa.

Considerando ainda que Maringá se inseria no calendário oficial de atividades do Imin-100 da mesma forma que o calendário nacional se inseria, na medida do possível, na programação de comemorações das quais o município e sua comunidade *nikkei* participariam, dois eventos acontecidos fora de Maringá são, necessariamente, parte integrante das comemorações do centenário da imigração japonesa na região: o Expo Imin 100, realizado em Londrina, e a visita do Príncipe Herdeiro Naruhito.

A breve, mas eternizada, passagem do príncipe, permite um melhor entendimento das culturas envolvidas, dos japoneses e descendentes, da comunidade nipo-brasileira e de seus eventos. Permite, a partir da presença de um membro da família imperial japonesa, problematizar sobre os laços que ligam a figura do Imperador do Japão aos japoneses e descendentes no Brasil.

No ano do centenário da imigração, multiplicam-se as festividades e também o material etnográfico que torna possível o desenvolvimento desta pesquisa, que utiliza a observação participante como ferramenta de trabalho de

campo. Sobre o papel que assume a observação participante na antropologia, observa Roberto Cardoso de Oliveira (1996, p.30):

Permito-me dizer que talvez ela seja responsável por caracterizar o trabalho de campo da antropologia, singularizando-a enquanto disciplina dentre suas irmãs nas ciências sociais. Apesar de essa observação participante ter tido sua forma mais consolidada na investigação etnológica junto a populações ágrafas e de pequena escala, tal não significa que ela não ocorra no exercício da pesquisa com segmentos urbanos ou rurais da sociedade a que pertence o próprio antropólogo.

É estudando grupos de sociedades urbanas em Maringá que faço uso da observação participante como técnica de pesquisa, valendo-me da etnografia como a metodologia mais abrangente deste trabalho. A etnografia, para Laplantine (1991, pp. 150-151):

não consiste apenas em coletar, através de um método estritamente indutivo, uma grande quantidade de informações, mas em impregnar-se dos temas obsessivos de uma sociedade, de seus ideais, de suas angústias. O etnógrafo é aquele que deve ser capaz de viver nele mesmo a tendência principal da cultura que estuda. Se, por exemplo, a sociedade tem preocupações religiosas, ele próprio deve rezar com seus hóspedes.

Desta forma, privilegio nestes estudos, ao analisar o universo das principais cerimônias sociais da comunidade nipo-brasileira em Maringá no ano do Imin-100, a etnografia como método de “imersão total”.

A etnografia é antes a experiência de uma imersão total, consistindo em uma verdadeira aculturação invertida, na qual, longe de compreender uma sociedade apenas em suas manifestações “exteriores” (Durkheim), devo interiorizá-la nas significações que os próprios indivíduos atribuem a seus comportamentos. (LAPLANTINE, 1991, p.150).

Para a compreensão dos rituais e festas observados, tornou-se necessário muito mais do que um olhar sobre os eventos em si. Uma persistente pesquisa de campo que prezasse pela observação sistemática das principais atividades da comunidade nipo-brasileira ao longo de meses foi capaz de dizer mais do que os eventos pudessem parecer significar para aqueles que superficialmente neles tomam parte. Para Laplantine (1991, p.156):

Uma das características da abordagem antropológica é que se esforça em levar tudo em conta, isto é, de estar atenta para que nada lhe tenha escapado. No campo, *tudo* deve ser observado, anotado, vivido, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que pretendemos estudar. De um lado, o menor fenômeno deve ser apreendido na multiplicidade de suas dimensões (todo comportamento humano tem um aspecto econômico, político, psicológico, social, cultural...). De outro, só adquire significação antropológica sendo relacionado à sociedade como um todo na qual se inscreve e dentro da qual constitui um sistema complexo [...] é a razão pela qual toda abordagem que consistir em isolar experimentalmente objetos não cabe no modo de conhecimento próprio da antropologia, pois o que esta pretende estudar é o próprio contexto no qual se situam esses objetos, é a rede densa das interações que estas constituem com a totalidade social em movimento.

Neste sentido a análise prezou por interpretar as cerimônias e buscar complementos para a sua compreensão também nos demais fenômenos observados no trabalho de campo durante os meses restantes, levando em consideração ainda o contexto histórico, social e econômico no qual se insere a comunidade estudada em seus diversos momentos.

O trabalho ao qual me propôs, de imersão pelo universo das principais festividades e cerimônias sociais realizadas pela comunidade nipo-brasileira em Maringá representou um grande desafio para mim. Tendo feito a opção metodológica pela etnografia, a descrição desses rituais foi precedida de um intenso trabalho de campo, o qual se localiza, fundamentalmente, entre os anos de 2007 e 2008.

Em um primeiro momento, tive que entrar em confronto com a minha própria identidade, brasileira descendente de terceira geração de japoneses e, portanto, nipo-brasileira. Filha de mãe nordestina, que descende de etnias indígenas e de portugueses, também sou filha de pai da segunda geração de japoneses. Portanto, sou popularmente conhecida como “mestiça”⁹. Meu “*ditian*”¹⁰ era japonês, e minha “*batian*”¹¹ é *jun-nissei*, ou seja, veio para o Brasil ainda pequena e por intermédio da decisão de emigrar do Japão tomada por seus pais.

Em função desta mistura, não fui educada, como a maioria de meus primos por parte de pai, de forma a me identificar com a cultura japonesa. Não frequentei *nihon-gakus*¹² e meus pais não utilizavam expressões japonesas em

⁹ Na região de Maringá o descendente de japonês fruto da miscigenação com outro que não seja igualmente descendente de japonês é popularmente conhecido como “mestiço” ou “mestiça”.

¹⁰ *Ditian* é o termo pelo qual os descendentes de japoneses no Brasil designam o avô japonês.

¹¹ *Batian* é o termo pelo qual os descendentes de japoneses no Brasil designam a avó japonesa.

¹² *Nihon-gakus* são as escolas de língua japonesa no Brasil.

casa. Também, diferentemente de meus primos *nikkeis*, não tive um segundo nome em japonês. Por outro lado, se a cultura japonesa não estava, aparentemente, inserida em meu universo, tive um encontro com a comunidade nipo-brasileira no Japão, considerando que fiz parte do fluxo migratório dos *dekasseguis*, aos 17 anos de idade, tendo trabalhado como operária em fábricas japonesas durante o período de 1995 a 1997.

Pela identificação que o grupo étnico fazia de mim como membro da comunidade nipo-brasileira, em função da descendência, ao chegar a campo, os membros desta comunidade em Maringá me identificavam, necessariamente, como sendo também um membro. Eu não me via como um membro da comunidade nipo-brasileira em Maringá, e, portanto, no meu entendimento, o “estranhamento” necessário para um melhor olhar sobre a cultura observada era uma questão dada.

Realizei pesquisas de observação participante e as visitas à Associação Cultural e Esportiva de Maringá (ACEMA), associação que concentra a maior parte das atividades culturais da comunidade no município, se tornaram uma constante. Conteí ainda com a sorte de ter ao meu lado um membro desta comunidade que me abrisse as portas e facilitasse o acesso ao cotidiano das atividades no universo da comunidade, ao qual chamarei de Y..

Por diversas vezes em que participava das atividades, pela identificação que o grupo fazia de minha pessoa como membro participante de fato, me via obrigada a atuar como tal. Esta foi uma situação que se repetiu, principalmente quando eu não estava junto de Y. Este foi o caso de muitos rituais fúnebres dos quais tive a oportunidade de observar.

No intuito de melhor compreender o próprio *Ireisai* e o seu universo simbólico, realizei diversas visitas ao templo budista Nishi Honganji de Maringá para entender os fundamentos dos rituais fúnebres budistas. E, durante os rituais, torna-se difícil ser somente uma observadora sem causar contrangimentos aos familiares. Desta forma, ao receber o livro com as liturgias budistas, eu participava do ritual e recitava o *nembustu*¹³.

De idêntica forma tive que proceder ao observar as atividades realizadas pela associação beneficente de idosos Wajun-kai, vinculada ao templo budista Nippakuji de Maringá. Considerando o envolvimento de todos nas

¹³ O Sutra budista *Nami Amida Butsu*.

brincadeiras cuja finalidade é o entretenimento dos seus membros internos, que são, em sua imensa maioria, japoneses de terceira idade, eu interagia, com os presentes, nas brincadeiras.

Igualmente interessante eram as reações curiosas dos *insiders*¹⁴ sobre a minha pessoa. Nas visitas aos ensaios de canto de música japonesa, a todo o momento que tentava obter informações dos participantes, era logo questionada sobre o meu sobrenome, ao que era imediatamente identificada com os meus familiares que participavam das atividades da comunidade nipo-brasileira em Maringá. E, no entendimento dos entrevistados, eu tinha a impressão que eles me consideravam também um membro desta comunidade.

Nas pesquisas de campo das cerimônias de recepção ao Príncipe Herdeiro do Japão, Naruhito, em Rolândia, considerando a brevidade dos eventos, era mais difícil não ser confundida com uma participante. Recebi bandeirinhas de papel que tinham, de um lado a bandeira do Brasil e do outro a do Japão. Acompanhada de minha mãe e de minha amiga Carla no evento, era difícil eu explicar que eu não tinha a intenção de ficar, juntamente com o público, chacoalhando as bandeirinhas aos sinais de comando do mestre de cerimônia.

Ao mesmo tempo, visando não causar constrangimentos, considerando que demais pessoas ao meu redor me olhavam com determinada reprovação, certamente por pensarem que eu não fosse das pessoas mais disciplinadas e não estivesse colaborando com a equipe organizadora para que a recepção ao Príncipe Naruhito fosse a melhor possível, eu decidi por partilhar junto com os presentes do espetáculo de recepção e, assim, abanar uma das bandeirinhas que me foram entregues por uma participante que estava próxima a mim.

O Festival Nipo-Brasileiro, por ser um evento de maior número de participantes, me garantia uma liberdade maior de movimentação em Maringá. Ou, para me expressar de outra forma, eu não me sentia tão observada quanto no trabalho de coleta de dados das demais cerimônias sociais da comunidade. Ao mesmo tempo, é um trabalho mais difícil, já que em um evento mais fechado, como o Festival de Canto, é possível, ao tempo em que somos observados, observar, igualmente, de forma mais atenta, os movimentos dos seus personagens.

¹⁴ *Insider* é uma palavra inglesa que significa “membro interno”. Refere-se, nesta pesquisa, aos membros identificados com a comunidade estudada.

O Expo Imin 100, realizado em Londrina na semana do aniversário dos cem anos da imigração japonesa no Brasil, evento de grandiosidade e pelo qual passaram mais de 240 mil pessoas, foi analisado ao nível das demais festividades nacionais, já que, mesmo participando de suas festividades, não foi possível que eu realizasse uma pesquisa que possibilitasse uma maior atenção ao universo da comunidade nipo-brasileira em Londrina.

Por fim, considerando o relativo “fenômeno *dekassegui*”, o trabalho não poderia se encerrar sem a tentativa de proceder a uma breve análise de sua contribuição para a conformação da cultura nipo-brasileira. Japoneses no Brasil e brasileiros no Japão, os *dekasseguis* sentem o preconceito intrínseco não somente à questão de sua identidade étnica, mas à discriminação pela exclusão econômica e social que, de certa forma, representam.

Ao optar pela imersão no campo de pesquisa, todas aquelas atividades que me pareciam tão estranhas de significado no início foram se revestindo de sentidos conforme eu adentrava mais o universo de seus participantes. Ao perceber a multiplicidade que a cultura nipo-brasileira admite no aniversário dos cem anos da imigração japonesa ao Brasil e os trajetos que a identidade percorre, eu terminei por compreender muito mais sobre a minha própria identidade.

CAPÍTULO 1 CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS

Há vários dias sinto-me triste.
Toda tarde encontro a caixinha de correio vazia.
Nenhuma carta, nenhuma notícia...
Imagino que todos estejam levando a vida de sempre,
sem perceber minha ausência de quase sete meses.
Ao pensar assim, tenho a sensação de estar abandonada,
sozinha nesse país estranho, nesse mundo imenso...
Por que vim para tão longe? Por que tinha que ser tão longe?
(Sandra Kimie Oku)¹⁵

No que tange às pesquisas mais gerais envolvendo os movimentos migratórios e os seus agrupamentos, credita-se à “Escola de Chicago” o pioneirismo pelos estudos sistemáticos sobre imigrações.

A escola de Chicago é uma sociologia urbana que realizou uma série impressionante de estudos sobre os problemas que enfrentava a cidade de Chicago; mas, sobretudo, consagrou grande parte de seus trabalhos a um problema político e social mais importante, que à época preocupava todas as grandes cidades americanas e ultrapassava os limites de uma sociologia da cidade: o da imigração e da assimilação de milhões de imigrantes à sociedade americana. (COULON, 1995, p.8).

Através de diversos experimentos no campo da sociologia urbana a “Escola de Chicago” notabilizou-se pela utilização de pesquisas empíricas e pelo desenvolvimento dos conceitos de assimilação e aculturação relacionados à problemática da integração dos imigrantes às sociedades receptoras.

Diferentemente do que o termo etimologicamente possa sugerir para alguns¹⁶, a aculturação seria assim entendida como um momento de trocas culturais, de encontro das culturas, de onde surgiria a figura do “híbrido cultural”. Este, por sua vez, incorpora características inerentes às tradições culturais nas quais se encontra imerso, que são as tradições da cultura do país que deixa ou ao qual se identifica etnicamente e as tradições culturais do país receptor.

No entanto, os estudos sobre aculturação demonstraram também que os contatos com comunidades diferentes podem provocar reações adversas tanto no grupo interno quanto no externo, cujo resultado negativo poderia ser o

¹⁵ Trecho da carta de Sandra Kimie Oku, moradora da Província de Chiba-Ken, no Japão, extraído do Concurso Literário do Jornal Tudo Bem, publicado na obra “Dekassegui – Os exilados econômicos: a realização de um sonho”, no ano de 1995.

¹⁶ Aculturação não é aqui entendida como negação da cultura, mas como incorporação de traços da cultura, sobretudo no encontro de duas culturas.

preconceito manifesto contra a cultura diferente. Neste enfrentamento de culturas surgiria o chamado “homem marginal” de Park (apud COULON, 1995, p.57):

O judeu emancipado é o homem marginal típico, historicamente falando o primeiro homem cosmopolita e o primeiro cidadão do mundo. É o estrangeiro por excelência, que Simmel, ele próprio judeu, descreveu com tanta penetração e compreensão em sua Sociologie... As autobiografias de imigrantes judeus poloneses publicadas em grande número nestes últimos anos são todas versões diferentes da mesma história, a do homem marginal.

É em função das preocupações com a incorporação dos imigrantes e de seus descendentes às sociedades que se desenvolveram a maioria das pesquisas relacionadas à questão identitária dos diversos grupos de imigrantes, de onde emerge o conceito de assimilação de Frazier (apud COULON, 1995, p.55). De acordo com o autor, a assimilação seria um processo existente posteriormente à aculturação, onde haveria então a identificação completa dos indivíduos aos preceitos culturais da sociedade receptora.

No Brasil, os primeiros estudos sobre contatos interétnicos estavam vinculados a projetos políticos de cunho nacionalista. De acordo com Seiferth (1997), a estratégia de integração dos imigrantes “alienígenas” foi tratada institucionalmente como uma questão de segurança nacional. Pensando no nordestino como grupo humano representante do mito das três raças, o Estado Novo elegeu os soldados daquela região para a missão de promover a unidade da raça (sic), da língua e do pensamento nacional em todo o território brasileiro.

Isso significa que o *jus soli*, por si mesmo, não era critério absoluto ou suficiente de cidadania, uma vez que para ser cidadão era preciso ser também um nacional: os alienígenas podiam nascer brasileiros, mas não pertenciam à nação brasileira [...] E a tarefa de educar era uma tarefa do Exército nacional – ali responsável pela nacionalização. A ele cabia inculcar no elemento de procedência estranha o “sentido nacional.” (SEIFERTH, 1997, p.101).

Uma das principais contribuições aos estudos sobre migrações no Brasil coube a Emílio Willems (1940). Estudando a imigração de alemães no estado de Santa Catarina, no sul do Brasil, seu mérito residiu no aprofundamento dos conceitos de assimilação e de aculturação aplicados à realidade brasileira. Enquanto a assimilação consistiria em um movimento em direção ao imigrante, para que este capturasse novos valores culturais, como o desejavam os artífices das doutrinas de

segurança nacional, a aculturação consistia numa troca cultural entre imigrantes e sociedade receptora.

Autora de um dos mais respeitados estudos sobre aculturação no Brasil, a antropóloga Ruth Corrêa Leite Cardoso (1973) publica o trabalho intitulado “O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses”. Neste trabalho, a pesquisadora analisa o protagonismo do *nissei*¹⁷ na atuação dentro dessas entidades, bem como os direcionamentos e estímulos que são dados no sentido de propiciar aos descendentes de japoneses a inserção nas diversas instâncias da sociedade brasileira.

Na coletânea “Assimilação e integração dos japoneses no Brasil”, de Hiroshi Saito e Takashi Maeyama (1973), os conceitos de assimilação, integração e aculturação são, em alguns momentos, utilizados de forma intercambiável, tratando, na prática, de relações interétnicas por intermédio do estudo de experiências do imigrante japonês no Brasil.

Os aprofundamentos das pesquisas sobre migrações trouxeram como contribuição a valorização do conceito de etnicidade como importante ferramenta no estudo das pluralidades étnicas. Desta forma é que se percebe um caminho traçado pelas pesquisas que se iniciam com os estudos sobre assimilação, passando pela aculturação, chegando às destacadas pesquisas sobre relações interétnicas na atualidade.

Nesta direção encontra-se o trabalho do historiador norte-americano Jeffrey Lesser (2001). Em sua obra “A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil”, o pesquisador se debruça sobre o estudo dos imigrantes não-europeus no país, a imagem que a mídia deles fazia, o seu processo de integração à sociedade brasileira e suas lutas.

Dentre os trabalhos disponíveis no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) sobre etnicidade japonesa, encontram-se uma pluralidade de instituições e pesquisadores. Dentre estes destaca-se Elisa Massae Sasaki (1998), que é reconhecida atualmente como uma das maiores autoridades nos estudos sobre os *dekasseguis*. É dela “O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento dekassegui”, desenvolvida sob a orientação de Maria Teresa Sales de Melo Suarez no Programa de Pós-

¹⁷ *Nissei* é um termo que designa o descendente de japonês da segunda geração no Brasil. Ou seja, é o filho de japoneses.

graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). A pesquisadora utiliza o termo “dekassegui retornado”, para identificar seu objeto de estudo e buscar as implicações desse movimento nos processos de construção identitária dos migrantes.

A pesquisadora Célia Sakurai desenvolve sua tese de doutorado em 2000 pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), sob o título “Imigração tutelada: os japoneses no Brasil”. Publica em 2007 “Os Japoneses”, ganhador do prêmio Jabuti de literatura¹⁸. Sakurai é ainda Coordenadora do Grupo de Trabalho sobre Migrações Internacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e coordenadora acadêmica do Museu da Imigração Japonesa no Brasil.

Considerando as pesquisas sobre os *dekasseguis* dentre as mais valiosas no que tange aos estudos dos nipo-brasileiros na atualidade e das novas configurações que assumem os seus movimentos na busca por uma identidade étnica é que Adriana Capuano Oliveira apresenta, em 1997, a sua dissertação de mestrado “Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão. A trajetória de uma identidade em um contexto migratório, pela UNESP.

Uma outra vertente dos estudos recentes das comunidades nipo-brasileiras *dekasseguis* surge das ciências sociais em área limítrofe com a psicologia social. Tal parece ser o caso de Percy Galimberti (2002), autor da obra “O caminho que o dekassegui sonhou: cultura e subjetividade no movimento dekassegui”. No trabalho, o pesquisador, que, mestre em sociologia, também é psiquiatra e psicoterapeuta, problematiza o estado emocional dos *dekasseguis* que vivem o movimento pendular das idas e vindas.

Também centrando na subjetividade dos indivíduos as preocupações da pesquisa, Cristiane Yuri Toma (2000), em “A experiência feminina dekassegui. Um olhar sobre a subjetividade no processo migratório”, publica seu trabalho pela editora da Universidade Estadual de Londrina, EDUEL, fornecendo uma valiosa contribuição ao fazer um recorte de gênero para o estudo do movimento.

Considerando a vasta produção científica na área, o atual trabalho se propõe, a partir da observação das manifestações da cultura nipo-brasileira em

¹⁸ Existente desde 1959, é considerado o mais importante prêmio literário no Brasil.

Maringá, a estudar as suas significações e ressignificações culturais, contribuindo assim para as pesquisas sobre comunidades em contextos migratórios. Manifesta a opção pela etnografia, este trabalho busca, a partir da análise das manifestações culturais elencadas, problematizar sobre o papel da identidade e da etnicidade¹⁹ neste processo.

Dentre a complexidade que a questão das identidades assume na contemporaneidade e nos estudos das Ciências Sociais, considerarei a construção do conceito de identidade do sujeito pós-moderno proposto pelo teórico de estudos culturais Stuart Hall (2003). Para este conceito, a identidade não é uma categoria fixa, podendo se deslocar de acordo com os interesses em jogo, cujas consequências são a emergência da fragmentação e da pluralidade das identidades:

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. (HALL, 2003, pp.44-45).

Para Hall (2003), a cultura é um processo em constante transformação e a globalização da economia causa um descentramento dos sujeitos e das identidades por eles assumidas. Por permitir entender as formas que a identidade assume, com os seus processos de “hibridização” ou fusão de diferentes tradições culturais, a proposta de Hall para o estudo da identidade se adequa aos propósitos desta pesquisa, que pretende perceber o “jogo de identidades” que está em questão no contexto de afirmações das culturas, no qual se localiza a afirmação da cultura nipo-brasileira.

¹⁹ Apresento aqui o conceito para verificar a definição que mais se adequa à pesquisa e as suas fundamentações no decorrer do trabalho.

CAPÍTULO 2

A IMIGRAÇÃO JAPONESA E A PRESENÇA *NIKKEI* EM MARINGÁ

Avante, companheiros, além-mar
 Ao Brasil, terra prometida,
 Fazei brilhar a luz do Japão!
 Ide com bravura, hoje, na partida,
 Banzai, banzai, ban-banzai!
 (Trecho de Canção do Imigrante)²⁰

O movimento migratório internacional registrou, a partir do século XX, intenso fluxo populacional entre o Brasil e o Japão. Através de ciclos de imigração, o Brasil recepcionou levas de populações japonesas, cujo marco tem início com a chegada do navio *Kasato Maru* ao Porto de Santos, em 18 de junho de 1908, trazendo a bordo os primeiros imigrantes japoneses. Essa tem sido uma espécie de “história comum” sobre o início da imigração japonesa, cuja referência pode ser encontrada em autores como Tomoo Handa²¹ e Francisca Isabel Schurig Vieira. Contextualizando o fenômeno das emigrações japonesas ao Brasil, afirma Vieira (1973, p.23):

Qualquer análise da imigração japonesa no Brasil deve partir de uma consideração da emigração japonesa inserida no esquema geral do desenvolvimento capitalista do Japão dos fins do século XIX e início do século XX, e, por outro lado, não pode deixar de conjugar esse desenvolvimento com as transformações do sistema de trabalho rural no Estado de São Paulo, com a introdução da empresa agrícola cafeeira e o avanço da frente de expansão no oeste paulista nas primeiras décadas do século XX.

No primeiro ciclo de imigração japonesa, as despesas de transporte dos imigrantes eram subsidiadas pelo governo paulista em conjunto com os proprietários rurais. Os imigrantes vinham para o trabalho nas lavouras de café. Estes trabalhadores constituíam mão-de-obra para o regime que se convencionou chamar de colonato²².

²⁰ Esta canção teria sido entoada no porto de Kobe em homenagem aos emigrantes que partiam ao Brasil. A tradução apresentada é de Takao Namekata e consta na epígrafe da obra Cem anos da imigração japonesa: História, memória e arte. (apud HASHIMOTO, TANNO, OKAMOTO, 2008, p.7).

²¹ “O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil”, de Tomoo Handa é uma das primeiras referências surgidas nos estudos sobre imigração japonesa no Brasil.

²² O colonato foi um regime de trabalho que se estabeleceu como substituição, em um primeiro momento, ao regime de trabalho escravo, notadamente nas lavouras cafeeiras. Segundo Martins (1990), mesclava relações capitalistas com relações não capitalistas em seu interior, constituindo regime que operou, em sua última fase, a transição para o capitalismo.

No segundo ciclo migratório, a partir de 1925, a imigração passa a ser subvencionada pelo governo japonês e orientada pelas companhias de emigração japonesas. A respeito da imigração subvencionada, José de Souza Martins analisa como ela se constituiu em uma necessidade para a libertação do capital, que, na figura do escravo ou do colono sob o regime de parceria, mantinha no trabalhador renda imobilizada a ser capitalizada. Essa situação permitia que o proprietário de terras, que investia renda com a vinda do imigrante, travasse com ele uma relação de posse, pois aquele somente poderia deixar o trabalho nas terras do fazendeiro se antes quitasse seus débitos contraídos desde sua viagem para o Brasil. Para Martins “a renda capitalizada” foi a principal forma de capital da fazenda cafeeira, tanto sob o regime do trabalho escravo quanto sob o regime do trabalho livre. Sobre o regime de parceria, o referido Martins (1986, p.63) assinala:

[...] o trabalhador não entrava no mercado de trabalho como proprietário de sua força de trabalho, como homem verdadeiramente livre. Quando não estava satisfeito com um patrão, querendo mudar de fazenda, só podia fazê-lo procurando “para si próprio um novo comprador e proprietário”, isto é, alguém que saldasse seus débitos para com o fazendeiro.

A imigração japonesa estava, assim, em conformidade com a readequação dos regimes de trabalho nas lavouras, quando o governo brasileiro teve que repensar formas para a integração do colono ao trabalho nas fronteiras agrícolas. Contudo, inaugurada a imigração subvencionada, afirma Martins (1986, p.65), o governo passou a pagar as despesas de transporte para o Brasil até a localidade de fixação do imigrante e sua família. Passou, ainda, a financiar a terra e as despesas iniciais, mantendo um regime de tutela sobre o colono, que perdurava por aproximadamente dois anos.

No caso da imigração japonesa, o governo brasileiro, avançando em seu projeto de desonerar os fazendeiros da imobilização de recursos no trabalhador, firmou acordos com o governo japonês, que passava a custear a vinda de seus migrantes para o Brasil. Vieira (1973, pp.23-24) ressalta que a política governamental japonesa de migração fazia parte do processo de industrialização e de desenvolvimento capitalista no Japão, tendo sido orientada pelo governo e empresários japoneses, que se unem para atender interesses complementares. Enquanto o governo japonês pensava na resolução de problemas demográficos e

sociais, os empresários eram atraídos pelas possibilidades de novos investimentos com o movimento emigratório.

Companhia Ultramarina de Desenvolvimento, a *Kaigai Kogio Kabushiki Kaisha (K.K.K.K.)* foi fundada em 1917 e tinha como função, de acordo com a pesquisadora Célia Sakurai (2008, p.20):

fixar colonos proprietários em terras adquiridas por elas, em acordos de compras ou concessão com o governo do estado. De tais acordos, surgiram colônias como as de Registro, Iguape e Sete Barras no vale do Ribeira, que se instalaram a partir de 1913 numa área de 100 000 hectares, dos quais 50 000 foram cedidos pelo governo de São Paulo.

Evandir Codato demonstra que a intervenção governamental nos negócios de emigração coincide com as dificuldades encontradas nos países receptores, tanto na aceitação dos migrantes quanto no tratamento a eles dispensado. “Estados Unidos e Peru, anteriormente receptores de trabalhadores japoneses, passam a impedir a sua entrada”. (CODATO, 1981, p.63).

Vieira (1981) destaca o papel das companhias de emigração japonesas na execução de políticas governamentais. A este respeito, observe-se o que Vieira (1981, p.40) afirma: “como a *K.K.K.K.* monopolizava todos os serviços de emigração, tornou-se o órgão executivo da política de migração do governo japonês e é possível afirmar que a partir de 1925 a emigração passa a ser politicamente orientada”.

A partir de 1925, os serviços de emigração do Japão tornam-se, na prática, execuções de políticas governamentais, orientadas de acordo com o governo japonês e compreendendo desde a emigração, até a instalação dos japoneses no país de destino.

Para Codato, a relação paternalista característica dos laços que unem o Japão e os “súditos” influenciou essa intervenção governamental japonesa nas emigrações. Ela localiza neste contexto a constituição da *K.K.K.K.*, que previa também a condução das estruturas organizacionais das populações emigradas no Brasil na condição de comunidades, colônias e vilas rurais, remontando ao *mura*.

O paternalismo é de fato característico da política emigratória do governo japonês. Além do mais, é preciso desde logo lembrar que a política de colonização privilegiada pelos japoneses está intimamente ligada às estruturas fundiárias tradicionais do Japão, haja vista a prática do *mura*. Este compreende a “vila rural” ou “colônia”, mas implica, acima de tudo, em laços de solidariedade entre os camponeses que o compõem (CODATO, 1981, p.62).

Caracterizado pela cooperação e solidariedade entre os membros, o *mura* foi vivenciado pelos imigrantes japoneses através das colônias japonesas. A estrutura do *mura* esteve presente nessas colônias, sobretudo naquelas orientadas pelos escritórios de representação das companhias de emigração, a partir de 1925, já no segundo ciclo de imigração japonesa no Brasil.

O regime de colonato permitiu a agricultura intercalar e a venda de produtos pelos lavradores, concomitantemente aos serviços prestados aos proprietários rurais. Há então uma busca de mobilidade social, pela possibilidade do colono acumular capital. Nesse período, registra-se um movimento de expansão das fronteiras agrícolas, com a aquisição de terras pelos antigos colonos. Experiências solidárias, como a estrutura de *mura*, foram de fundamental importância para o cooperativismo e o fortalecimento de colônias de japoneses, bem como de sua emancipação frente aos antigos proprietários rurais, através da compra de propriedades.

As ações orientadas do Japão, abrangendo desde a emigração até os investimentos em infra-estrutura para a instalação dos imigrantes, estavam em consonância com os interesses do governo brasileiro, que precisava, com o fim do trabalho escravo, resolver o problema da mão-de-obra para as fazendas de café. Segundo Martins (1986, pp.108-109),

Durante o período de deslocamento do café do Vale do Paraíba para a região central, deu-se o fim do tráfico de escravos. Começaram, então, as primeiras tentativas de substituição dos escravos por trabalhadores imigrantes, dentro das próprias fazendas, dado que experiências anteriores com imigrantes estrangeiros referiam-se a programas de colonização. Numa certa medida, mas não completamente, o deslocamento do café de uma região para outra, que colocou a cidade de São Paulo na rota dessa mercadoria, foi marcado pela passagem do trabalho escravo para o trabalho livre.

A passagem do regime de trabalho escravo para o trabalho livre não representou a transição para o trabalho assalariado. Martins (1990) tenta desconstruir a afirmação, corrente em historiografias e estudos sociológicos, de que a mão-de-obra escrava foi substituída pelo trabalho assalariado. Outras relações de trabalho coexistiram no período de transição da mão-de-obra escrava para a mão-de-obra assalariada.

Em um primeiro momento, os imigrantes vinham em condições precárias e permaneciam vinculados ao dono da terra por dívida. Financiadores da

vinda dos imigrantes, os proprietários estabeleciam com esses trabalhadores uma relação de tutela, pois estes entravam no processo de produção como mercadoria. Com os imigrantes japoneses não foi diferente.

A imigração subvencionada foi uma das condições para a libertação dos colonos. Nesta fase, o colono não se encontrava tão preso à propriedade, já que o proprietário de terras não investia, necessariamente, na vinda deste imigrante. Ao promover a libertação do trabalhador, o regime promoveu a libertação do capital, já que este não precisou mais imobilizar renda na figura do colono, promovendo as bases de transição para o trabalho assalariado.

Um terceiro ciclo da imigração japonesa em massa inicia-se no contexto do pós-guerra, em 1952, tendo seu auge na década de 1960 e encerrando-se, como as demais correntes imigratórias ultramarinas para o Brasil, na década de 1970.

Há, já, neste momento, um novo quadro de distribuição geográfica dos *nikkeis*. Sakurai (2008) observa uma tendência de ocupação de cinturões verdes e de novas frentes agrícolas, na qual se inseriria a região do Cerrado.

A expansão desta última região se aproveitava do acordo bilateral Brasil-Japão, conhecido como Procer, cujo projeto piloto foi iniciado por descendentes de segunda geração, nos anos 1970. No sul, descendentes também participaram dos projetos de fruticultura de clima temperado dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina desenvolvendo a cultura das maçãs do tipo fuji, do kiwi, da nectarina. Nos anos 1970, a cultura do mamão do tipo papaia, do sul do Estado da Bahia, inundou os mercados. (SAKURAI, 2008, pp.27-28).

A pesquisadora ainda fornece um panorama das atividades desenvolvidas pelos *nikkeis* em demais regiões do Brasil na década de 1980:

[...] os nipo-descendentes auxiliavam no desenvolvimento da fruticultura irrigada na região do Semi-Árido do Nordeste, no vale do médio rio São Francisco, plantando uvas e mangas para exportação. No Pará, na colônia de Tomé-Açu, a exploração de polpa de frutas tropicais, como o maracujá e o açaí, criou uma nova perspectiva aos moradores, fazendo a colônia renascer depois que a cultura da pimenta-do-reino foi dizimada por pragas na década de 1960. (SAKURAI, 2008, p.28).

No que tange à ocupação *nikkei* no Norte do Paraná, notadamente Maringá, é necessário que se faça uma breve incursão pela historiografia da região,

de forma a considerar o contexto desses movimentos migratórios inserido no contexto mais amplo das realidades conjuntural, política e econômica do país.

Os pesquisadores Lúcio Tadeu Mota e Francisco Silva Noelli, estudando os grupos indígenas e não indígenas que habitavam a região norte do estado do Paraná, anteriormente ao processo colonizador, chamam a atenção para o fato de a historiografia oficial considerar o início da história a partir da chegada dos “conquistadores”, afirmando que a terra estava inabitada e à espera de ser “desbravada”. Alertam, ainda, para a necessidade de não se desconsiderar a história dos povos que habitaram esta região. Dessa forma, Noelli e Motta (1999, pp.5-6) procedem à seguinte análise:

Os territórios que envolvem Maringá vêm sendo continuamente habitados por diferentes populações humanas há cerca de 7000 anos, de acordo com os vestígios materiais mais antigos encontrados pelos arqueólogos. Entretanto, se considerarmos a cronologia dos territórios vizinhos que foram ocupados em épocas anteriores, é provável que ainda venham a ser obtidas datas que poderão atestar a presença humana em períodos mais recuados, podendo alcançar até 11.000 ou 12.000 anos atrás. [...] Diante dessas evidências, é importante ressaltar que os fundadores de Maringá não foram os primeiros humanos a ocuparem a região; nem mesmo os caboclos que chegaram antes. Tampouco os militares e as expedições de reconhecimento da antiga província do Paraná no século XIX ou os espanhóis que fundaram Vila Rica por volta de 1578, no atual município de Fênix, e os jesuítas [...] Para existir Maringá e o *Norte do Paraná*, foi necessário expulsar, destruir e confinar as populações indígenas que viviam nessas regiões.

Esta versão da história que Noelli e Motta contam é importante para diferenciarmos a noção de povoamento da região do processo de ocupação e colonização do Norte do Paraná ocorrido na primeira metade do século XX. O presente trabalho irá ater-se àquela ocupação que se faz orientada economicamente e que estava em consonância com o projeto colonizador do contexto de fundação política do município de Maringá.

Ao analisar o deslocamento da colonização de São Paulo para o norte do Paraná, Codato aponta dois momentos: primeiramente, com as frentes de expansão e, posteriormente, a emergência da frente pioneira. Segundo Codato (1981, pp.35-36):

Se no século XIX, assiste-se, de modo geral, a três tipos de interesses e conseqüentemente a três tipos de colonização – braços para a lavoura, núcleos coloniais e colônias militares-, no século XX, a colonização será resultado do fenômeno que geógrafos, historiadores e sociólogos denominam de “frente pioneira”. [...] No caso do Norte do Paraná, para o século XIX, talvez fosse mais adequado falar em “frentes de expansão” enquanto que para o século XX o correto seria “frente pioneira”, as quais acabarão por determinar, face às circunstâncias particulares, a colonização sistemática.

Para Codato, o que caracteriza a “frente pioneira” é a instauração de empreendimentos econômicos, e, neste sentido, ela descreve a substituição das frentes de expansão por uma única frente, a pioneira. Dessa forma, no Norte do Paraná,

[...] partindo do conjunto das antigas “frentes de expansão” uma única frente pioneira se estabelece a partir do século XX. Ampliando-se essa “frente” ela irá envolver desde o Norte Pioneiro, a partir de Ourinhos, até o Novo Norte e o Norte Novíssimo, num período ininterrupto que vai desde 1900 até a década de 1950. Dito de outra maneira, a “frente pioneira” norte paranaense não sofre interrupções, caminhando sempre em direção norte-noroeste, num período aproximado de 50 anos, o que quase sempre transmite a idéia de ter havido várias frentes pioneiras concomitantes ou sucessivas (CODATO, 1981 p.38).

O imigrante japonês que ocupou a região Norte do Paraná é proveniente, em sua maioria, do Estado de São Paulo. A presença dos imigrantes na região estava de acordo com os interesses da expansão capitalista da fronteira agrícola nessa área, coincidindo, pela recente constituição, com o desenvolvimento econômico e a organização administrativa que levaria à fundação política de Maringá. No caso do Norte do Paraná, um movimento orientado pela *BRATAC* (*Burajiru Takushoku Kumiai*), representação de companhia de emigração do Japão, promoveu as bases para a significativa presença dos nipônicos no movimento de colonização. Conforme Stadniky e Pinto (2001, p.241):

A presença dos japoneses no Norte do Paraná é registrada a partir de 1914, em Cambará, no chamado Norte Velho, e, no final dos anos 20, constatam-se famílias nipônicas na região de Cornélio Procópio, Assaí e Uraí. A fase mais dinâmica da imigração inaugurou-se em 1925 em cujo contexto se dá a ocupação do Norte Novo, que tem em Londrina o maior número de nipônicos e seus descendentes.

De acordo com dados disponíveis no acervo do Projeto Memória, vinculado à Divisão do Patrimônio Histórico da Secretaria de Cultura da Prefeitura

Municipal de Maringá, a vinda do primeiro imigrante japonês para a região aconteceu em 1939, com Mitsuzo Taguchi. Agricultor em Araçatuba, Mitsuzo teria sido incentivado pelo filho primogênito, Torao Taguchi, a adquirir terras por meio do corretor da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, Hikoma Udihara. O corretor percorria, então, o interior paulista oferecendo pedaços de terra no novo “Eldorado”. Em 1939, Mitsuzo e Oey Taguchi, sua esposa, mudaram-se com os filhos, Torao e Yoshinori, para as terras adquiridas, tornando-se a primeira família de imigrantes japoneses de Maringá.

A colonização de Maringá contou com expressivo número de *nikkeis*. Isso se traduziu na impressão de marcas dessa comunidade na cultura local, que podem ser atestadas por peculiaridades observadas na história da cidade, como aparece no discurso dos entrevistados. Os ônibus que circulavam na cidade traziam informações aos usuários em português e em japonês, pois era representativa a proporção de japoneses em relação ao conjunto de outros imigrantes que se dirigiam para Maringá. Informantes observam, ainda, que brincadeiras japonesas foram incorporadas às brincadeiras das crianças em Maringá, perpassando várias gerações. Ainda, ressalta-se que o *shoyu*, tradicional tempero da culinária oriental, teria sido popularizado na região pelos japoneses.

No entanto, é possível perceber que essa presença dos *nikkeis* na memória da representação social de Maringá torna-se mais visível na medida em que a comunidade nipo-brasileira torna-se economicamente mais interessante para o município, o que se dá em maior intensidade a partir dos anos 1990, conforme pode ser verificado pela sua participação na renda apresentada pelos dados do IBGE referentes ao Censo de 2000. Neste mesmo período surgem de forma mais sistematizada as principais atividades culturais identificadas com esta comunidade, como o Festival Nipo-Brasileiro e os Festivais de Canto.

O Banco de Dados Agregados do Sistema de Recuperação Automática do IBGE – SIDRA, referentes ao censo de 2000, apresenta a seguinte composição por cor e raça no município de Maringá: Em primeiro lugar, estão 76,52% de brancos, seguidos de 16,85% de pardos. Em terceiro lugar vem a cor amarela, correspondendo a 3,34% do total da população. A cor preta representa 2,72% dos habitantes e os indígenas, 0,19%. A distribuição dessa população por cor e raça em níveis de faixas salariais revela predominância dos amarelos nas faixas de 5 a 10 salários mínimos, na qual representam 0,72% da população. Se levamos

em conta que os amarelos são 3,34% da população total de Maringá, isso representa uma concentração de 21,5% dos amarelos nessa faixa. Se fizermos um paralelo com os brancos, verifica-se que seu nível de concentração encontra-se na faixa de 1 a 2 salários mínimos, representando 20,90% da população total. Considerando que brancos somam 76,52% da população, isso representa uma distribuição de 27,31% dos brancos nessa faixa.²³

No Brasil, os primeiros imigrantes japoneses logo se depararam com dificuldades de adaptação e sofreram sistematicamente o preconceito da sociedade receptora. Os japoneses vivenciavam duplamente a política da diferença, por serem imigrantes e por serem portadores de uma cultura não ocidental e tida como exótica pelas visões eurocêntricas.

O jornalista Fernando Morais (2000), que buscou entender as fundamentações da criação da *Shindo Renmei*, organização de imigrantes japoneses surgida no contexto da Segunda Guerra Mundial, fornece um relato jornalístico que contribui na modalidade de fonte documental para demonstrar a difícil situação vivenciada pelos japoneses no Brasil. Para Morais (2000, pp.31-32):

Apesar de todos os esforços, os dissabores dos japoneses pareciam não ter fim. O surgimento, em poucas décadas, de uma colônia estrangeira tão numerosa desentrou ódios nacionalistas de caráter abertamente racista. Em nome de uma *teoria do melhoramento do tipo racial*, homens públicos como Miguel Couto, Félix Pacheco e Xavier de Oliveira, entre outros, haviam incendiado as tribunas da constituinte de 1934 em cruzada contra o *perigo amarelo*. O deputado federal Fidélis Reis orgulhava-se de ser o autor do que seria considerado o *primeiro projeto de lei antijaponês*.

Ainda vítimas do preconceito do primeiro impacto que a presença dos imigrantes japoneses causou na sociedade local, o cenário de guerra internacional deixou os imigrantes japoneses em situação bastante desconfortável no Brasil, desta vez com perseguição institucional. A adesão do Japão, um dos países do “Eixo”, na Segunda Grande Guerra, e a participação do Brasil no lado diametralmente oposto, foram fatos que apresentaram reflexos na vida dos imigrantes japoneses no Brasil, conforme relata Morais (2000, p.34):

²³ Fonte: IBGE: Censo de 2000. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 5 maio 2008.

No bojo da repressão a tudo o que soasse estrangeiro, Getúlio baixou no dia 20 de agosto de 1938 um decreto proibindo publicações em línguas estrangeiras sem prévia permissão do Ministério da Justiça. [...] Aparentemente sem pretendê-lo, Getúlio acabara de decretar a morte lenta da imprensa japonesa no Brasil. [...] Os imigrantes japoneses enxergaram no decreto, porém, um detalhe que os deixou ainda mais apreensivos. Em nome da necessidade de impedir o *cultivo demasiadamente vivo da língua, de tradições e costumes estrangeiros numa determinada zona*, o governo também proibira, além de jornais e revistas, a edição de livros em línguas estrangeiras.

Diante do clima tenso em que se encontravam esses imigrantes no Brasil naquele período, os japoneses e descendentes encontraram na colônia japonesa formas associativistas que permitissem a sobrevivência de suas práticas culturais e a sua própria vida social no país estrangeiro, que lhes proibira até a utilização do idioma japonês.

O conceito de colônia japonesa transcendeu sua definição original, sinônimo de vila rural de imigrantes japoneses. Até a década de 1990, o termo esteve vinculado à identidade do grupo. Pertencer à colônia japonesa significava partilhar de uma origem étnica comum e participar das formas associativas que identificassem a comunidade, quer fossem educacionais, religiosas, esportivas, culturais ou políticas.

Desta forma é que em Maringá, no dia 18 de junho de 1947, é fundada a ACEMA, espaço por excelência de sua colônia japonesa. Considerando que a fundação política do município se deu no dia 10 de maio do mesmo ano, inferimos que a imigração japonesa na região encontra-se no cerne da própria formação deste município.

Fundada a associação, tornou-se necessária a criação de uma gama de atividades que pudessem de fato congregar os nipo-brasileiros ao longo do tempo. E é em grande parte devido a essa associação que, chegando aos cem anos da imigração japonesa no Brasil, Maringá é palco das comemorações nacionais das atividades do Imin-100.

Permitindo a manutenção de uma série de práticas culturais identificadas com suas tradições, a organização da comunidade nipo-brasileira em Maringá atesta a importância da presença *nikkei* no município e o respeito adquirido por essa comunidade em todas as instâncias. Uma análise sobre as principais festividades da comunidade nipo-brasileira em Maringá permite um melhor entendimento, não somente de como essa comunidade se insere nas

comemorações dos cem anos da imigração japonesa no Brasil, mas de como ela se organiza e se reorganiza de forma a partilhar os significados conferidos por suas atividades culturais.

CAPÍTULO 3 FESTIVAL NIPO-BRASILEIRO

“Brasil! Meu Brasil brasileiro
Meu mulato inzoneiro
Vou cantar-te nos meus versos
O Brasil, samba que dá Bamboleio, que faz gingar.
O Brasil, do meu amor Terra de Nosso Senhor Brasil!
Pra mim! Pra mim, pra mim
[...] Oi! Essas fontes murmurantes. Onde eu mato a minha sede
Onde a lua vem brincar
Esse Brasil lindo e trigueiro
É o meu Brasil Brasileiro
Terra de samba e pandeiro Brasil!”
(Trecho da Canção Aquarela do Brasil)²⁴

“Eu tenho um pé no Japão. Porque a minha melhor amiga de infância está no Japão, a minha atual melhor amiga é japonesa, eu já fiquei com um japonês [...] tenho muitos amigos japoneses. Eu sempre venho ao Festival Nipo-brasileiro. Acho tudo muito organizado. A acolhida das empresas é muito boa, distribuindo vários prêmios [...] Fiquei impressionada com a quantidade de voluntários na festa. A gente vê que as pessoas estão se doando. As comidas são muito gostosas [...] eu percebi que a colônia japonesa é muito unida. Quando tem alguma coisa, está todo mundo lá, nas apresentações, nos shows [...] apesar de serem músicas desconhecidas para mim, a gente vê na colônia japonesa todos cantando juntos”. Diana, bancária, afrodescendente, em entrevista a mim concedida durante o Festival Nipo-brasileiro no ano do Imin-100.

Considerada a maior festividade da comunidade nipo-brasileira em Maringá, o Festival Nipo-Brasileiro, atualmente, acontece anualmente, sempre nos meses de agosto e por ele passaram mais de 100 mil participantes em cada uma de suas últimas edições. Um dos eventos mais esperados por *nikkeis* e não descendentes na região, reúne gastronomia, arte e negócios e possui uma história bastante interessante desde o seu surgimento.

A densa presença de *nikkeis* na região influenciou o desenvolvimento do município de Maringá ao longo de sua história. E uma das marcas dessa presença foi a formação do IEJ (Instituto de Estudos Japoneses). Vinculado à UEM (Universidade Estadual de Maringá) com apoio do CNPQ (Conselho Nacional de Pesquisa), a formação desse instituto teve como justificativa o objetivo do ensino da língua japonesa, a fim de facilitar aos interessados a obtenção de bolsas de estudo oferecidas pelo governo japonês. Para que esse

²⁴ Aquarela do Brasil é uma composição de Ary Barroso datada de 1939 e é uma das mais populares músicas brasileiras. Como o seu título sugere, a letra descreve a alegria na mistura étnica e cultural que forma o Brasil. Não por acaso, é quase que música obrigatória nos festivais nipo-brasileiros.

instituto fosse mantido, seria preciso estimular o aprendizado do idioma japonês. Assim, diversas atividades culturais típicas do Japão foram utilizadas como interface para a divulgação do Instituto.

Na prática, o IEJ fomentou, idealizando e/ou orientando eventos de fato, diversas atividades culturais japonesas como cursos de origami e culinária japonesa. Neste contexto, surge e ganha corpo a idéia do Festival Nipo-Brasileiro, acrescentando-se a isto o fato de que a comunidade nipo-brasileira em Maringá apresentou-se ao longo de sua história como uma das mais bem organizadas no Brasil, o que levou a ACEMA a obter reconhecimento nacional pela forma como agrega os nipo-brasileiros.

O cônsul geral do Japão no Paraná, Shigehiro Takeuchi, conhecido como cônsul cultural, lançou um desafio à comunidade nipo-brasileira em Maringá: que fizessem um festival cultural. No ano de 1989, a confluência de três fatores propicia o surgimento do Festival Nipo-Brasileiro: a articulação da UEM/IEJ, representada pelo professor Renato Cardoso Nery, ACEMA, através do diretor cultural Shudo Yassunaga, e poder público, por intermédio do vice-prefeito Willy Taguchi. Portanto, a provocação foi feita em boa hora, quando um descendente de imigrantes japoneses tinha chegado ao comando político da cidade.

Renato Cardoso Nery foi o idealizador do Festival Nipo-Brasileiro e esteve à frente de sua condução em suas oito primeiras edições. Professor do departamento de física e ex-coordenador do IEJ, Nery havia tido os primeiros pontos de encontro com a cultura japonesa em sua infância, na cidade do Rio de Janeiro, com *isseis*²⁵, e em Maringá, com *nisseis*, com os quais travou contato com a língua e costumes japoneses.

De acordo com entrevista concedida por Renato Cardoso Nery durante a XVI edição do Festival Nipo-Brasileiro, obtivemos a informação de que, em suas origens, o projeto foi apresentado à comunidade nipo-brasileira pelo professor e a ACEMA teria abraçado a idéia. Ressaltou que, para os descendentes japoneses, não existiria um eu, mas um nós. Acrescenta ainda que, a partir do momento em que todos abraçam uma causa, as coisas acontecem. O próximo passo teria sido convencer a prefeitura, pois o projeto previa o envolvimento da UEM, ACEMA e Prefeitura Municipal de Maringá. O prefeito e o vice tinham em seu

²⁵ *Isseis* são os japoneses, tanto os residentes no Japão, quanto a primeira geração de japoneses imigrantes no Brasil.

conjunto bom trânsito pela comunidade nipônica, considerando ainda que a gestão tinha na vice-prefeitura um *nikkei*, Willy Taguchi. Entre os apoiadores, é destacado o papel da Associação Comercial e Industrial de Maringá (ACIM).

A presença de importantes personalidades políticas foi viabilizada através da articulação dos *nikkeis* no legislativo e executivo, resultando na presença do governador do Estado do Paraná, Álvaro Dias. Autoridades políticas do Japão e do Brasil compareceram à festividade, fortalecendo os laços de irmandade entre Maringá e Kakogawa²⁶. A partir do evento, podem ser registradas ainda algumas conquistas para a comunidade nipo-brasileira, como o ensino gratuito de língua japonesa nas escolas estaduais por meio do Centro de Estudos de Língua Moderna (CELEM).

Em suas primeiras versões, o Festival Nipo-Brasileiro foi realizado pela Prefeitura Municipal de Maringá, Universidade Estadual de Maringá e ACEMA. Os eventos aconteciam no Centro de Convivência Comunitária, no Paço Municipal e no auditório Hélio Moreira, dividindo-se entre mostras artísticas, apresentações folclóricas, concursos e seminários.

De acordo com Nery, o evento foi realizado desde o início com colaboradores voluntários. Os membros da comunidade se dividiram na organização da decoração, culinária e demais demandas do festival.

A gastronomia, um dos maiores fatores de atração de público, ficou a cargo da *Funjinkai*, Associação das Senhoras Nipo-Brasileiras de Maringá, cujas participantes preparavam os pratos típicos da culinária japonesa.

Sobre os patrocínios, Nery afirma que a presença dos nipônicos na economia local facilitava a negociação com as empresas elencadas a contribuírem. Além disso, a reciprocidade que costumam oferecer aos que os ajudam seria uma característica dos japoneses. Desta forma, muitos pedidos de patrocínio foram feitos a bancos e a estabelecimentos comerciais, por bons clientes *nikkeis*.

De acordo com entrevistas concedidas por informantes durante a XVI edição do festival, as mostras culturais, com a exposição de renomados artistas *nikkeis*, como Manabu Mabe e Kenji Fukuda, proporcionavam prestígio ao evento.

²⁶ Maringá e a cidade japonesa de Kakogawa, da Província de Hyogo, assinaram, em 1973, um convênio que estabeleceu o pacto de co-irmandade entre os dois municípios. O convênio previa o estreitamento das relações entre os países, através de intercâmbios regulares de estudantes e co-participação em eventos, como no caso do Festival Nipo-brasileiro.

As programações das primeiras edições incluíam, ainda, seminários dirigidos à comunidade nipo-brasileira, que tratavam de temas empresariais e políticos e tinham como objetivo o fomento ao destaque dos *nikkeis* nesses segmentos, avaliando a presença econômica e política dessa comunidade na região.

Incorporada à festividade, ocorreu a reinauguração do Jardim Imperial Japonês, localizado no Parque do Ingá, que foi marcada pelo plantio de uma cerejeira pelo cônsul do Japão no Paraná, Shigehiro Takeuchi, oficializando a entrega do jardim.

O Festival Nipo-Brasileiro foi realizado no Centro de Convivência Comunitária de 1989 até 1992. No ano de 1993, o então prefeito, Sr. Said Ferreira, se opôs à realização da festa nesse local, que é um espaço no qual, tradicionalmente, acontecem diversas festas comunitárias que recebem o apoio da administração municipal. O resultado foi que o Festival Nipo-Brasileiro não aconteceu nesse ano de 1993 e, a partir de 1994, passou a ser realizado na ACEMA. A atitude, aparentemente impopular, do ex-prefeito Said, para com a comunidade nipônica de Maringá foi por ele justificada, publicamente, pelo fato dele precisar atender a contestação de parcela da população local, vizinha ao Centro de Convivência Comunitária, que teria reclamado dos distúrbios e de haver “muita bagunça” com a festança.

O novo local de realização do evento suscitou diversas opiniões. De acordo com informações obtidas em entrevistas, no projeto inicial, a intenção era fazer em local aberto e em seu formato constava até distribuição, gratuita, de batatas fritas e refrigerantes, como forma de chamar a população a participar. Cogitou-se a realização do festival no Parque de Exposições de Maringá, mas a possível cobrança de estacionamento pela Sociedade Rural de Maringá causava a apreensão de alguns organizadores. No ano em que o evento foi transferido para a ACEMA, a entrada começou a ser tarifada e o estacionamento passou a ser cobrado. Houve, portanto, uma forma de seleção do público.

Em entrevista concedida por Willy Taguchi durante a XVI edição do festival, nota-se que a sua organização prezou, desde o início, por congrega os municípios vizinhos nas festividades. Municípios distantes também participavam do festival, cuja organização atraía para o evento diversas autoridades e *nikkeis* do Brasil. Taguchi observa que outros festivais de cultura japonesa, realizados por outras entidades nipo-brasileiras no país, não obtém a mesma “sensação” do festival

nipo-brasileiro, aqui em Maringá, de fato, um festival de cultura japonesa. De acordo com Nery, há uma sintonia da comunidade no processo de elaboração do festival que resulta em seu sucesso, o que talvez não aconteça nos demais municípios, pela desagregação da comunidade em interesses diversos e pela perda da identidade japonesa. É como se, em Maringá, tivesse dado certo porque os japoneses dessa cidade são “mais japoneses” do que os outros, de acordo com Nery.

O festival apresenta crescimento anual em participantes e em importância. Tem contado com mais de 100 mil participantes em suas últimas edições, sendo a segunda maior festividade de Maringá em número de visitantes, perdendo somente para a Feira Agropecuária de Maringá (Expoingá).

A Expoingá é caracterizada como uma feira de agronegócios. Seu período de realização abrange o aniversário do município e conta com atrações artísticas e de entretenimento para a população em geral. É, simultaneamente, uma feira que comemora o aniversário de Maringá. Assim, ela expressa sucintamente, uma vocação econômica da região, o agronegócio, e manifesta o poder político desse segmento, considerando que a direção do evento é da Sociedade Rural de Maringá. Paulatinamente, e não sem protestos, os segmentos comercial e industrial têm participado das exposições, dividindo o espaço com os agropecuaristas.

Para fornecer uma dimensão do panorama de festividades oficiais no município, é preciso citar outros eventos anuais, de menor público mas igualmente de expressão, que também ocorrem em Maringá, como festivais de música e gastronômicos.

O Festival de Música da Cidade Canção (FEMUCIC) é um festival de música de projeção nacional. Valoriza a música popular brasileira, o *rock* e a música sertaneja “de raiz”. Durante seu período de realização, Maringá recebe a visita de inúmeros músicos, que, além da participação no festival, têm a oportunidade de trocar experiências entre si. É realizada pela Secretaria de Cultura do município, com apoio de entidades e empresas.

A Festa dos Estados e das Nações é uma festa gastronômica e folclórica, que conta com diversas barracas de comidas típicas de estados brasileiros e de nações. Durante sua realização, ocorrem apresentações de danças típicas, música e concursos de beleza. A festa resgata a semana do folclore, que é comemorada em agosto. Promovida pela Secretaria de Assistência Social (SASC), é realizada por diversas entidades assistenciais e voluntários, ocorrendo no Centro de

Convivência Comunitária. Sua renda é revertida para as entidades assistenciais participantes do evento.

A Festa da Canção é uma versão, no segundo semestre, da Festa dos Estados e das Nações. Há uma divisão das entidades participantes nos dois eventos. Algumas participam no primeiro semestre (Festa da Canção) e outras participam no segundo semestre (Festa dos Estados e das Nações). As duas festas têm as mesmas características.

No caso do Festival Nipo-Brasileiro, o projeto original sustenta como objetivos do evento a preservação, prática e divulgação da cultura japonesa, além da integração da comunidade nipo-brasileira. Todavia, é importante observar que a festividade é também pensada pela prefeitura municipal como evento anual desde seu surgimento, conforme matéria de divulgação veiculada em periódico local que traz a seguinte manchete: “Semana nipo-brasileira, mais um evento anual para Maringá” (O DIÁRIO, 1989, p.3). A matéria apresenta em seu corpo a idéia de que o festival visava integrar o calendário oficial de festividades do município.

Essa presença da prefeitura no evento varia ao longo das edições do festival, conforme o grupo político que se faz presente em sua gestão administrativa, porém, é notória a persistência da comunidade nipo-brasileira na negociação de seus interesses junto às instâncias decisórias do executivo e legislativo.

Atualmente promovido pela ACEMA, com o apoio de patrocinadores do poder público e privado e com a participação de voluntários externos, o Festival Nipo-Brasileiro ocorre anualmente, nos meses de agosto e com duração aproximada de uma semana.

A pesquisa de campo refere-se à observação de diversas edições do Festival Nipo-Brasileiro, realizadas desde 2005, até a sua versão especial para o Imin-100. Nelas puderam ser percebidas formas de organização da comunidade nipo-brasileira em Maringá, sua influência política e econômica e as diversas ritualizações da festividade.

A presença no festival de importantes lideranças, de expressão municipal, estadual e nacional, além de consulados e representações internacionais confere o apoio político à comunidade nipo-brasileira, que tem uma expressiva articulação na política local.

Percebe-se que, em suas origens, a construção de personalidades políticas *nikkeis* se deu no bojo da preocupação em forjar lideranças para atuarem como interlocutores do grupo, mas também como meio de afirmar o papel do *nikkei* na construção política e social do município. Akemi Nishimori, primeira candidata mulher da comunidade nipo-brasileira ao executivo em Maringá, que concorreu à vice-prefeitura, afirma, em entrevista concedida durante a XVI edição do festival, que uma das preocupações presentes ao aceitar a disputa eleitoral foi pensar em como a comunidade poderia contribuir para a sociedade maringaense.

O segmento empresarial ocupou um papel de importância no evento. O tratamento privilegiado dispensado às empresas reserva aos empresários cerimônias especiais de pré-abertura do festival e um amplo espaço físico no evento, que contempla um setor comercial, estrategicamente montado na entrada das festas. Tornou-se um evento economicamente atrativo, bastando observar, a cada edição, o interesse de patrocinadores e apoiadores, entre eles os bancos.

Durante o festival, empresas distribuem material produzido especificamente para o evento e para a comunidade, como jornais e brindes diversos. Essa presença comercial não era tão forte em suas primeiras edições, mas vêm se consolidando nos últimos anos, devido à dimensão que assumiu o Festival Nipo-Brasileiro em Maringá.

Há uma certa formatação de sua estrutura organizacional que se mantém. O ambiente é segmentado fisicamente em setores comercial, cultural e gastronômico. Jardins, incensos e objetos religiosos relembram aspectos das religiões predominantemente orientais. As exposições artísticas formam, com a decoração do ambiente, um conjunto que torna possível representar visualmente o Japão antigo.

Diversas manifestações culturais identificadas com o Japão ocorrem simultaneamente. Junto ao cenário, compõem o conjunto da festividade: indumentárias, músicas, danças, gastronomia, mostras de cinema japonês, artes plásticas, desenhos, pinturas, fotos, orquidário, bonecas japonesas, teatro *Nô*, *ikebanas*, *rakus*, *bonsais*, *origami*, *shodou*²⁷, entre outros.

²⁷ *Ikebanas* são espécies de arranjos florais em vasos, utilizadas para decoração. *Rakus* são formas de esculturas. *Bonsais* são árvores que crescem em vasos, após aplicação de técnica de transformação da muda em *bonsai*. Geralmente são miniaturizadas, mas não é regra. A principal virtude do *bonsai* consiste em transportar a paisagem para o vaso. *Origamis* são figuras feitas a partir de dobraduras de

A ambientação do local parece pretender reconstituir o universo japonês, causando nos participantes a sensação, por não raros momentos, de se estar no Japão. Era como se uma parte do Japão fosse trazida para o Brasil.

Não por acaso uma das frases escolhidas pela associação para a divulgação do Festival Nipo-Brasileiro é: “O Brasil é japonês na ACEMA”. Esta afirmação tem a ver com a representação simbólica do Japão que o festival pretende construir e já estava presente na segunda edição do festival, realizado em 1990, que solicitava: “a comissão organizadora deste evento, solicita aos membros da comunidade nipônica de Maringá para que compareçam neste festival de preferência vestidos com as roupas típicas japonesas”. (O DIÁRIO, 1990, p.10).

Para a comunidade nipo-brasileira, a festividade funciona ainda como articuladora do grupo, representando um momento de interação de suas diversas entidades. Pratica-se o cooperativismo através do papel desempenhado por cada colaborador para a realização do evento. A participação de diversas entidades nipônicas é visível no festival, mesmo que essas não participem de sua direção. Suas últimas edições contavam, em sua preparação, com mais de 2000 organizadores, sendo a maioria, de voluntários.

No Festival Nipo-Brasileiro, um exemplo é o setor gastronômico, que é reservado a entidades assistenciais ligadas à comunidade nipo-brasileira. Com a ajuda de centenas de voluntários, essas entidades ocupam a praça de alimentação com barracas e servem ao público diversos pratos típicos da culinária japonesa. A renda proveniente dessas barracas é destinada às próprias entidades.

É possível perceber uma certa regularidade nas atividades propostas para o festival em suas diversas edições. Tanto o formato da festividade quanto suas ritualizações costumam se repetir anualmente.

As solenidades de abertura dos festivais contam com a participação de personalidades *nikkeis*, representantes de segmentos empresariais e políticos, lideranças religiosas e demais autoridades. A importância econômica e política da comunidade na região costuma ser ressaltada nos discursos de patrocinadores e lideranças políticas. O discurso dos *nikkeis* costuma salientar a importância da manutenção da cultura japonesa legada por seus pais e avós.

papel. *Shodou* é uma arte de caligrafia japonesa, formado pelo conjunto da tinta *sumi* (à base de carvão), papel *washi*, pincel, *Kanji* e alma do artista. Ver Guia da Cultura Japonesa (2004).

Ritualizando cerimônias apresentadas como tradicionais no Japão, as personalidades do evento interagem nos rituais participando de cerimônias como *Moti Tsuki*, *Kagami Wari* e *Mikkoshi*.

A primeira cerimônia realizada nos festivais é a do *Moti Tsuki*. Organizada pelo templo budista Nishi Honganji de Maringá. Trata-se da cerimônia de preparação do *moti*²⁸, que pede por prosperidade. Socando o arroz cozido com pilões, os atores se revezam nas batidas, dois a dois, em movimentos sincronizados e alternados, expressando força, enquanto senhoras cuidam de molhar e manusear a massa que se transforma no alimento.

Durante muito tempo o arroz foi a base da alimentação dos japoneses e a cerimônia resgata o trabalho despendido na preparação do alimento. O *moti* representa ainda união, pois a massa somente se forma pela união dos grãos, sentimento representado em seu ritual de preparação, que busca o envolvimento do coletivo. O resultado do trabalho é compartilhado por todos, que desfrutam conjuntamente do *moti*.

Dando prosseguimento aos rituais, as autoridades participam da cerimônia do *Kagami Wari*, ou “abertura do espelho”, que é um ritual de celebração no qual se destrói a tampa de um barril de *saquê*²⁹ para simbolizar sorte, riqueza e um futuro afortunado. É ritualizado na inauguração de obras e abertura de festividades, como um pedido de sucesso ao evento, contando sempre com as máximas autoridades presentes realizando a quebradeira com uma espécie de martelo de madeira. Quanto mais saquê se espalhar ao quebrar a tampa do barril, mais afortunados serão o evento e o futuro dos participantes. Após a destruição da tampa do barril, serve-se o *saquê* para os presentes, que, tomando, acredita-se, irão comungar do pedido espiritual por prosperidade.

As autoridades ritualizam ainda a cerimônia do *Mikkoshi*, que remonta às festividades religiosas no Japão. Várias das pessoas presentes à cerimônia carregam um andor de 200 kg, que se apresenta fisicamente vazio, pois transporta “espíritos”. O passeio dos carregadores do andor pela festa é um chamamento dos espíritos à participação na festividade, para que possam compartilhar do momento. Os movimentos realizados no carregamento do andor

²⁸ O *moti* é uma espécie de bolinho feito de pasta de arroz compactada.

²⁹ O *saquê* é uma bebida à base de fermentação de arroz, que costuma ser comparada no Brasil à cachaça.

precisam representar brincadeira, sendo bruscos, suaves, repentinos, de parada, descida, subida, para um lado, para o outro, a fim de entreter os espíritos. Isso simularia a tentativa de derrubá-los, mas ao mesmo tempo, a impossibilidade de tal acontecer. A recompensa para todos pelo chamamento dos espíritos à brincadeira seria o sucesso da festa.

O carregamento do andor é uma tradição que se repete em festividades no Japão, que geralmente ocorrem tradicionalmente no outono ou primavera, coincidindo com o período de cultivo do arroz, representando o bem físico e espiritual, a fartura e a união dos japoneses. É ritualizado na dramatização o mito da vitória do espírito sobre a matéria, mito que representa também a persistência dos japoneses pela conquista de um objetivo.

No festival, os rituais religiosos são praticados por membros de diferentes religiões, que se mesclam e se unem em torno da manutenção de tradições que remontam ao simbolizado país de origem. Acontecem manifestações de diversas religiões, desde a exposição de objetos que guardam vínculo com cerimônias religiosas, até a encenação dos mais variados rituais. O sincretismo religioso do festival espelha um pouco da prática religiosa no Japão, onde celebrações de várias religiões podem conviver em um mesmo espaço.

O monge do templo budista Nippakuji de Maringá, Eduardo Sasaki, membro cativo nos cultos budistas realizados nos festivais, comenta durante a celebração da XVI edição do festival, que o *bon-odori*, que se dança em círculos, tem em sua origem a celebração contra a fome e o sofrimento e o culto aos mortos sofredores, para que possam gozar de paz através de um rito de passagem de um estágio original de sofrimento. Para o monge, todo o festival deve ser uma celebração pela felicidade.

O *bon-odori* foi eleito para finalizar os rituais diários, onde, em um momento fraterno, em um grande círculo que se forma ao redor dos *taikos*³⁰, o público em geral ritualiza e reatualiza, a dança folclórica. Num ecletismo sonoro, os tambores do *taiko* se mesclam às músicas mecânicas e os atores da festa se entregam à dança. A juventude toma conta das pistas e encerra a noite. É interessante notar que há uma modificação substancial na forma com que a dança

³⁰ As batidas dos tambores do *taiko* estão quase sempre ligadas aos rituais do xintoísmo, religião com status oficial no Japão por ser a religião da família imperial.

era apresentada no Brasil. Geralmente, era apropriada majoritariamente por senhoras de terceira idade, em trajes de *kimonos*, ao som de música folclórica, com movimentos lentos e pouco atrativos aos jovens.

Sendo uma das principais tradições folclóricas do Japão, os tambores do *taiko* constituíram momentos de integração cultural e interação com o público. Geralmente identificados com as festividades xintoístas, diz-se que o som da batida do tambor assemelha-se ao som da batida do coração da mãe ouvida pelo feto no ventre materno. No Japão antigo, as batidas do tambor estavam intimamente ligadas à comunidade rural, pois os domínios de uma propriedade chegavam até onde fosse audível o som das batidas do *taiko*. Outros registros históricos apresentam o *taiko* preparando exércitos para guerras. Suas batidas expressam, então, autoridade e docilidade, domínio e entrega, integração e revolta.

O Festival Nipo-Brasileiro busca na integração cultural a valorização de uma imagem étnica. E é com esta intenção que as diversas edições de seus festivais foram, desde o primeiro momento, pensados também para o grande público e incorporam elementos e apresentações folclóricas identificados com outras culturas.

No Festival Nipo-Brasileiro, as exposições artísticas e apresentações eram ainda intercaladas com expressões culturais de origens japonesa e “brasileira”, bastando observar a programação diária dos eventos. As apresentações de música japonesa tidas como “tradicionais” são seguidas de uma mistura de samba bem brasileiro.

Akemi Nishimori, diretora da ACEMA, em entrevista concedida durante a XVI edição, afirma que o festival não é somente transmissão da cultura japonesa para os descendentes, mas “elemento que vêm somar-se à diversidade multicultural de um país multiétnico”. É possível identificar nesta afirmação o desejo de que a cultura japonesa seja incorporada à multiplicidade de identidades étnicas características do Brasil e, com isso, reafirmar o sentido de pertencimento dos *nikkeis* a uma “cultura brasileira”.

É possível, ainda, fazer uma analogia do Festival Nipo-Brasileiro com as festividades folclóricas típicas do Japão. Estas costumam ser praticadas pelos japoneses em períodos determinados, com direito a prolongados feriados e através de ritualizações dos mais diversos mitos, mesclando aspectos religiosos e folclóricos, portanto, sagrado e profano. São exemplos as festividades *Toyo Matsuri*,

Tanabata Matsuri, *Hounen Matsuri*, *Daisato Gomaku*. O *Toyo Matsuri* é uma cerimônia que agradece as graças recebidas e pede bênçãos para o ano que se inicia. O *Tanabata Matsuri* é o Festival das Estrelas, tendo como fundamento um mito de amor entre um casal. Nele, os participantes devem fazer pedidos diversos em papéis pendurados em árvores específicas. O *Hounen Matsuri* é o Festival da Fertilidade. Desta vez, o andor carrega uma escultura enorme de um pênis. O *Daisato Gomaku* é a Cerimônia do Fogo Sagrado. O ritual mistura elementos do budismo e do xintoísmo. Ao final da cerimônia, de acordo com a tradição, papéis com os pedidos dos participantes são queimados para que os desejos se realizem.

No Festival Nipo-Brasileiro, verificou-se a rigidez de algumas tradições, como a cerimônia do *Mikkoshi*, ao lado da plasticidade de outras, como o *bon-odori*. Nenhum informante soube dizer ao certo como se havia chegado à forma de dançar o *bon-odori* praticada nos dias da festividade e se este movimento era local, nacional ou japonês. Mas o que se depreende do ecletismo dos instrumentos, do ritmo e da forma de dançar, é a reinvenção dessa cultura.

Em entrevista a mim concedida durante a XVI edição do festival, um dos seus expositores de arte, artista plástico e também frequentador da festividade, afirmou que a principal contribuição do artista brasileiro, quando sua temática é a cultura japonesa, consiste em revelar o olhar do artista sobre o outro. Através das exposições dos artistas sobre a “cultura japonesa” é possível perceber como aqueles que não são considerados integrantes da comunidade nipo-brasileira enxergam essa mesma comunidade.

É preciso, também, que se reflita sobre a eficácia da transmissão dos costumes e tradições apresentados, os quais são, muitas vezes, criticados pelos jovens japoneses e descendentes, por não se identificarem com a identidade japonesa neles apresentada. Percebe-se uma certa rebeldia dos jovens às formas mais tradicionais da cultura japonesa. O conflito de gerações é verificado na recusa dos jovens à participação nos festivais tradicionais do Japão e do Brasil.

Kyoshi Yano, diretor da ACEMA, através de entrevista a mim concedida durante a XVI edição do festival, manifestou sua preocupação sobre a apreensão dos ensinamentos japoneses pelos jovens *dekasseguis* que retornam do Japão: **“Hoje a preocupação maior, que é uma discussão de toda a diretoria, nossa, mas também de outras entidades nipo-comunitárias é o problema do *dekassegui*. A ACEMA, como muitas entidades, não é um clube, é uma**

associação [...] se nós não pegarmos o dekassegui que está voltando do Japão e não chamá-lo a participar, acho que a vida da associação está contada [...] vai virar um clube como qualquer outro”.

Segundo Yano, residem nos novos ritmos do taiko e na “dança moderna” do *bon-odori* a tentativa de atrair esses jovens e evitar que a cultura japonesa “se perca”. O diretor da associação ressalta que a ACEMA não seria um clube, pois possui fundamentos que transcendem o papel de um clube de lazer. Para Kyoshi Yano, a manutenção da tradição e da cultura japonesa seria o traço central da associação, que teria sentido no período em que essa cultura fosse repassada para as gerações mais novas.

Em entrevista também a mim concedida durante a XVI edição do festival, por um jovem *dekassegui* retornado do Japão, percebe-se o impacto da diferença entre a apreensão de Japão feita por esse jovem e a representação de Japão na festividade: **“Não tem nada a ver com o Japão hoje em dia. É uma vergonha! Vergonhoso! Não diz nada o que são os valores da cultura japonesa hoje em dia. Muito vergonhoso! É por isso que os orientais são discriminados hoje em dia no Brasil. Faz o oriental parecer ridículo perante a sociedade brasileira. Só preservaram o que é ridículo da cultura japonesa”.** Para o entrevistado, o que é apresentado como tradição japonesa no festival são costumes estereotipados, que se moldam à forma como a mídia representa os japoneses no Brasil, e, por isso, a festividade reforçaria esses estereótipos.

No Brasil, diversas festividades são realizadas buscando manter as tradições japonesas, verificadas nas cidades com maior presença de *nikkeis*, apresentando, em geral, aspectos comuns uns aos outros, o que permite inferirmos a idéia de assentar-se em fundamentos similares. São exemplos, o Festival Casa Japão, realizado em Londrina, e o Festival do Japão, realizado em São Paulo.

Sendo a festa uma espécie de ritual, essas festividades folclóricas japonesas guardam a semelhança de serem celebrações, ou seja, rituais. O Festival Nipo-Brasileiro é um ritual anual, que promove a reatualização da identidade do grupo. Apreendida constantemente a partir das imagens construídas e reinventadas pela comunidade e para a comunidade, a construção dessa identidade é importante para que os laços justificadores do grupo étnico possam continuar dando sentido à sua existência. Constitui, ainda, expressão de visibilidade nipo-brasileira junto às diversas esferas e forma de tecido social que articula os membros em comunidade.

CAPÍTULO 4 FESTIVAL DE CANTO

Maringá Maringá
 Depois que tu partiste
 Tudo aqui ficou tão triste,
 Que eu garrei a maginá
 Maringá, Maringá
 Para havê felicidade
 É preciso que a saudade
 Vá batê noutro lugá
 (Trecho de “Canção a Maringá”)³¹

O canto pode ser considerado uma das tradições mais arraigadas entre muitos povos. Com os primeiros imigrantes japoneses, não foi diferente. *Nihon no Uta* significa “música japonesa” e é o termo utilizado pela comunidade nipo-brasileira e conhecedores do idioma japonês para designar as canções identificadas com o Japão.

Em Maringá existe, desde 1969, a Associação da Canção Folclórica Japonesa, *Min'yokai*, que reúne praticantes e admiradores do *Minyo*. De acordo com o Guia da Cultura Japonesa (2004, p.272):

O *min'you*, de fato, refere-se àquelas músicas de tradição oral ou de autores anônimos cantadas pelo povo, como define o enunciado “música folclórica”. Mas também inclui outras músicas como as clássicas, teatrais, ou ainda as músicas populares urbanas. Algumas músicas são somente instrumentais, outras são usadas originalmente para acompanhar as danças, os festivais ou os rituais. Há, ainda, um outro tipo – aquelas híbridas com o estilo ocidental executadas por intérpretes profissionais com a ajuda da moderna tecnologia. Há, portanto, aqueles que evitam a sua tradução, preferindo o termo original *min'you*.

Os praticantes do *Minyo* pertencentes à entidade são, em sua maioria, idosos, e se reúnem constantemente, geralmente no período da tarde, e, em momentos de descontração e conagração, trocam experiências musicais e reforçam seus laços de amizade. Não é raro que cantores de *Minyo* participem,

³¹ Trecho de *Canção a Maringá*, com letra e música de autoria de Joubert de Carvalho. Conta a lenda que o nome do município teria nascido desta canção, por isso sendo Maringá conhecida como “Cidade Canção”. Versando sobre uma filha de retirantes nordestinos que teria sido levada pela seca, a história de sofrimento entoada na canção no que se refere às partidas pode ajudar a entender sua forte presença no cotidiano dos primeiros pioneiros de Maringá e sua marcante relação com a história real dos imigrantes. É considerado informalmente uma espécie de hino do município e comumente confundido com o Hino Oficial de Maringá por muitos moradores. Esta confusão não é por acaso, já que “Canção a Maringá” consta na Lei Orgânica do Município como um de seus símbolos, ao lado da Bandeira, do Brasão e do Hino Municipal.

concomitantemente, de outros grupos de treinamento filiados a outras vertentes da música japonesa.

O concurso de *Minyo* é realizado anualmente em Maringá. Inserido em um cenário intenso de outras festividades em função do Imin-100, no dia 21 de junho aconteceu a sua edição de 2008. Sediado na sede social da ACEMA, embora realizado concomitantemente a outras atividades regionais, o evento contou com a participação de membros de diversas entidades nipo-brasileiras do estado do Paraná.

No entanto, o festival de canção japonesa que pode ser considerado de maior expressão em Maringá é o Concurso Seletivo de Canto, que, pela representação que possui para a comunidade local, tratarei igualmente sob a denominação de “Festival de Canto”. Por ser flexível a todas as modalidades de música japonesa que se apresentem inscritas, seu volume de participantes e de público acaba sendo maior e mais representativo da diversidade da comunidade.

O 56º Concurso Seletivo de Canto de Maringá aconteceu no dia 25 de maio de 2008, nas dependências da ACEMA, e contou, ao todo, com 121 apresentações inscritas. Promovido anualmente pela associação, trata-se ainda de etapa seletiva para outros festivais regionais de música japonesa, portanto, se revestindo de importância para os seus participantes.

Parece, à primeira vista, um evento discreto se consideradas as séries de atividades divulgadas ao grande público em função do centenário da imigração japonesa no Brasil. No entanto, é preciso entender a dimensão do acontecimento para os seus participantes. De acordo com a artista plástica e pesquisadora Maria Fusako Tomimatsu (2008, p.308):

Para conhecer a arte dos nipo-brasileiros, é necessário que se conheçam os seus olhos e o seu coração, ou seja, a sua visão do mundo e a maneira de captar o mundo. Isso abrange a bagagem cultural inserida, herdada pelos artistas, bem como o contexto social da época por eles vivido.

Portanto, na busca do entendimento dos significados da prática do canto japonês para os intérpretes e para a comunidade nipo-brasileira é que realizei pesquisas de observação participante frequentando reuniões de grupo realizadas nos templos budistas Nishi Honganji e Nambei Honganji de Maringá e acompanhei os Concursos Seletivos de Canto nos anos de 2006, 2007 e 2008.

De forma a permitir a visualização do Festival de Canto e de seus significados para a comunidade nipo-brasileira em Maringá, tentarei ressaltar alguns aspectos observados durante a edição do 56º Concurso Seletivo de Canto da música japonesa na Cidade Canção que permitam um melhor entendimento do contexto no qual se localiza a festividade.

Cheguei ao local do evento pela manhã de domingo, quando tem início a solenidade de abertura do festival. Autoridades políticas presentes e importantes membros da comunidade nipo-brasileira começam a ocupar os microfones e alguns se dirigiam ao público através do idioma japonês. Isso sugere ser o conhecimento do idioma um imperativo para os membros mais à frente da direção da entidade.

O ambiente era tomado por mais de uma centena de participantes, que se revezavam nas apresentações que duraram o dia inteiro e que se subdividiam em diversas categorias, desde as músicas tidas como mais tradicionais até as consideradas como pertencentes à categoria de “música moderna”. É importante ressaltar que não há acompanhamento instrumental ao vivo nestes festivais de canto, que acontecem ao estilo karaokê, com uma música instrumental eletrônica, cuja gravação é levada pelo próprio participante.

Seguindo os critérios da Associação Brasileira da Canção Japonesa (ABRAC), os participantes são agrupados através de subdivisões por gêneros musicais e por idade, cujo exemplo de agrupamento reproduzirei para uma das modalidades. A preferência para o início dos trabalhos é geralmente dada aos mais velhos e também às modalidades “mais tradicionais”, tendo sido o *Minyo* eleito pela organização para abrir as apresentações.

Para efeitos de julgamento na etapa da Seletiva de Maringá, o *Minyo* foi subdividido em 4 categorias. Os participantes acima de 75 anos compunham o *Minyo* – F. O *Minyo* - E compreendeu os participantes de 65 a 74 anos. O *Minyo* - D, os de 50 a 54 anos e, o *Minyo* - A, crianças de até 12 anos. Este é um exemplo das subdivisões das categorias com recortes de idade que pode ser reproduzido para todas as demais modalidades do concurso.

As categorias *Doyo* e *Tibiko* apresentam-se relacionadas a músicas alusivas a estórias infantis e ao público mais jovem do evento e são direcionadas para as crianças e adolescentes. Igualmente subdividido com recortes de idade,

não tem idade mínima e a idade máxima admitida é de 12 anos. A partir dos 13 e até os 17 anos de idade, os participantes se inserem na categoria “Juvenil”.

A modalidade *Pop* abrange o *J-Pop* ou *Japanese Pop*, compreendendo músicas contemporâneas e é também conhecida como “música jovem japonesa”. Sofre bastante influência ocidental e muitas vezes somente a letra é o que identifica como japonesa. Existem, ainda, músicas classificadas como *J-Pop* que possuem letras em inglês e, em alguns casos, os seus intérpretes ou músicos são a única identificação com o Japão.

O ecletismo de gêneros musicais nas canções apresentadas no festival leva à criação de agrupamentos mais amplos, tal é o caso das modalidades “Adulto” e “Veterano”. Considerando que as faixas etárias nas quais se inserem estas modalidades, assim como as referentes às categorias *Tibiko* e “Juvenil”, já se encontravam representadas em outras categorias, como no *Minyo* e no *Pop*, é comum diversos cantores participarem de mais de uma delas em um mesmo dia de competição.

Embora não exista uma categoria nominada *Enka* na etapa seletiva de canto considerada, muitas das canções apresentadas nas modalidades mais gerais podem ser identificadas como música *enka* e sua principal característica na atualidade é a mistura de instrumentos japoneses e ocidentais. O estilo *enka* é considerado, portanto, um estilo de música contemporânea, podendo ser incluído como um de seus representantes na atualidade Tsuyoshi Nagabuchi, cuja canção *Kampai* reproduzo com a tradução apresentada pelos maiores sítios de música da internet³²:

Pensando nos fortes laços de amizade
Da juventude, cujos dias não nos cansamos de narrar:
Ora mágoas, ora alegrias
E aquele dia em que os amigos deram força um ao outro...
Quanto tempo terá passado desde aquele dia?
Quantos “pôr de sol” foram contados?
O amigo da terra natal ainda permanece dentro do seu coração?

³² A tradução corrente foi a mais encontrada nos sítios que hospedam letras de músicas na internet, estando esta disponível em: <http://www.musicajaponesa.net/vermusica.asp?Id=462>. Acesso em: 18 set. 2009.

(*) Brindemos! Pois agora você está sobre o
 Grande, grande palco da vida,
 E começou sua caminhada sobre uma longa e distante estrada
 Que você seja feliz!

Aquelas duas pessoas sob a luz de velas
 Estão se entreolhando dessa forma
 Grandes alegrias e poucas tristezas
 Quero cantar com grande emoção ,
 Banhando-se na luz do amanhã
 Siga sem olhar para trás
 Mesmo contra o vento, mesmo contra a chuva
 Só não vire as costas para o amor no qual você acredita.

Estas melodias românticas e saudosas são características *enka* e *natsu-mero*. Contração dos termos *Natsukashi* e *melody*, a tradução para *Natsumero* seria o equivalente a “músicas saudosas”. Da mesma forma que outras modalidades de música, ao tempo em que se fazem presentes no Festival de Canto considerado, estas categorias possuem também eventos específicos.

Situando-se o Festival de Canto entre os eventos de maior expressão da comunidade, é perceptível a predominância da participação de descendentes de japoneses no festival. Desde o mestre de cerimônia, passando pelos fotógrafos, operadores de câmera e até os responsáveis por servirem o almoço.

Apesar do clima de conagração ser visível entre os participantes, que cantam com alegria e interação do público, esta especificidade de ser um festival mais endógeno dos descendentes pode ser explicado pela própria questão da centralidade do canto no evento. O canto parece ser mais difícil à comunicação para quem não conhece o idioma do que a maioria das demais formas de arte, principalmente quando o objeto da arte tem como pressuposto o conhecimento do idioma, com a atenção sendo voltada para as letras e para as performances que as comunicam. Talvez por isso a participação no evento seja centrada nos descendentes de terceira idade e *nisseis* e *sanseis*³³ que conhecem o idioma.

De acordo com a diretora do departamento de canto da ACEMA, Akiyo Takahashi, em entrevista a mim concedida em 25 de maio de 2008 “**a maioria**

³³ *Sansei* é o descendente de japoneses de terceira geração. Ou ainda, o neto de japoneses no Brasil.

dos adolescentes que participam do evento iniciaram-se no karaokê no interior da própria associação. E, para os membros da associação, um dos momentos mais esperados é a apresentação desses jovens, porque não são muitos os que se interessam”.

Depreende-se que, para os idosos, a atividade de canto ocupa um papel mais central em suas vidas do que para os mais jovens. Além disso, é possível verificar um conflito de gerações na fala de minha informante, em entrevista concedida durante a 56ª Seletiva de Canto, dona Maria, de 84 anos, que participa do festival nas modalidades mais tradicionais de canto: **“Juvenil só canta música moderna, o que os velhos não gostam. Os velhos não gostam de música moderna porque é americanizado...é!”** A dona Maria ainda repreende uma jovem participante por utilizar kimono cantando música moderna: **“Chacoalhar o corpo com kimono não orna hein...kimono é mais delicado”**.

A dinâmica do festival parece estar sempre se resignificando. Em relação às vestimentas, pudemos observar um traje diferente, para o qual obtive de dona Maria a seguinte resposta: **“está vestindo alguma coisa que não é nem vestido e nem kimono”**. Diversamente da forma de se vestir o kimono, a faixa ficava logo abaixo dos seios, de forma a salientá-los, diferentemente do obi, que é uma faixa para amarrar o quimono e que, por localizar-se à altura dos seios, promove o seu encobrimento.

O Festival de Canto parece não atrair quem está procurando um referencial da cultura japonesa porque ele não tem essa preocupação, de ser um referencial para o público externo. Sua preocupação é centrada nos participantes. Daí entender o porquê de um dos eventos mais importantes da ACEMA não fazer parte do calendário oficial de comemoração do Imin-100.

A maioria daqueles que acorrem às festividades temáticas precisam ver os espetáculos das culturas que julgam verem representadas, tal como o turista, que, como observou Flores (apud CANCLINI, 1997, p.20) em seu estudo sobre a “Oktoberfest”, necessita da simplificação da cultura, do *kitsch*³⁴:

O turista, orientado por sua agência, dirigido pelo seu guia, motivado pela propaganda, informado pelo *kitsch* turístico, normalmente viaja em bando. Seus olhares, comprometidos, não se surpreendem, apenas se extasiam

³⁴ O kitsch se caracteriza pela “redução da cultura aos traços específicos de cada comunidade”. (FLORES apud CANCLINI, 1997, p.20).

diante da luminosidade dos cenários bem montados prometidos pela propaganda, nos quais não há o que decifrar, porque o que é para ser visto, já está exposto nos signos e ícones que formam a representação.

A ambientação do Festival de Canto não tem a preocupação evidenciada no Festival Nipo-brasileiro, onde um *outsider*³⁵ se sente entrando em um pedacinho do Japão. No Festival de Canto, um palco com uma decoração típica é toda a decoração. O pedacinho de Japão que existe nesta festividade deve ser apreendida na atividade em si, no que as letras comunicam, por quem e para quem.

Segundo Maliko Nagao, uma das coordenadoras de canto da ACEMA, em entrevista concedida na 56ª Seletiva de Canto, as mulheres são 70% da participação nos festivais de canto e a maioria é de senhoras com mais de 60 anos de idade. Considerando ainda que muitas são viúvas, aponta para a importância do canto e das viagens propiciadas por seus festivais como atividade de lazer e integração para os descendentes de japoneses da 3ª idade.

Para a comunidade nipo-brasileira que participa efetivamente desta prática, o canto se reveste de grande importância porque parte da vida cultural desses membros, mesmo que de diferentes formas, seja como nostalgia, meio de conagração ou ainda como, no caso de muitos estudantes da língua japonesa, estímulo à prática do idioma.

O canto fazia parte da história do cotidiano da comunidade *nikkei* brasileira desde as primeiras levas de imigrantes, conforme afirma o musicólogo e crítico de música Shuhei Hosokawa (2004, p.284):

Em eventos como inaugurações de colônias, aniversários e chegada de convidados, os japoneses comemoravam reunindo-se na casa ou galpão do líder da comunidade local e começava uma informal solenidade: um após o outro improvisava canções, enquanto a platéia proseava, dançava e marcava o ritmo com palmas, único acompanhamento musical do cantor. [...] Com o tempo, as festas passaram a constituir uma atividade formalizada. Surgiu o chamado *engen kai*, tipo de show de variedades com a participação de números como coros infantis, execuções de acordeão e gaita de boca, peças teatrais pedagógicas, leitura de histórias moralistas, danças japonesas e ocidentais, *roukyoku* (gênero popular narrativo praticado nas primeiras décadas do século passado), melodramas, peças militares e tragédias tradicionais.

Existem, conforme atestam os pesquisadores Jhony Arai e Cesar Hirasaki (2008), mais de 250 associações de canto de música japonesa espalhadas

³⁵ *Outsider* é uma expressão em inglês que pode ser traduzida como “aquele que não pertence ao grupo”.

pelo Brasil, podendo esta prática, de acordo com os mesmos, ser considerada parte das “tradições nipo-brasileiras”.

No pós-guerra, surgiram no Japão, se disseminando pelas comunidades *nikkeis* do Brasil, o fenômeno do *nodo-jiman*, que significa “orgulho de cantar”. São, na prática, os primeiros esboços dos concursos de canto que se conhecem na atualidade, com suas seletivas regionais, fixação de corpos de jurados e finais. Hosokawa (2004, p.284) observa a diferença entre os programas de calouros e o *nodo-jiman*:

Enquanto para os brasileiros o programa de calouros consistia em uma forma de exibição musical, a versão da comunidade nipo-brasileira era mais sistematizada e politizada, pois o pensamento corrente era que a competição séria seria moral, cultural e psicologicamente mais relevante que a simples brincadeira. Havia uma regulamentação que reforçava a “seriedade” do *nodo-jiman*: cada candidato deveria ser filiado a uma associação de descendentes de japoneses, havia concursos seletivos, competições inter-regionais, repertório predefinido e regras na exibição.

Embora o canto seja uma prática presente há mais tempo na cultura nipo-brasileira, o karaokê como conhecido atualmente, com o acompanhamento eletrônico, é relativamente recente e foi fruto da inovação tecnológica de Daisuke Inoue, sendo a história de seu surgimento bastante inusitada. De acordo com a revista *Made in Japan* (2005, p.44):

Tudo começou em 1970, em Kobe. Um grupo de amigos formou uma banda de covers que se apresentava em barzinhos da cidade. Um dia, o presidente de uma pequena empresa pediu ao baterista que o acompanhasse em uma viagem, para que o rapaz fizesse a percussão enquanto ele cantasse. Daisuke Inoue, o tal baterista, não pôde ir e presenteou o admirador com uma fita com as músicas gravadas apenas com a instrumentação, sem voz, para o empresário cantar. Mais tarde, Inoue e seus amigos tiveram a idéia de fazer mais cópias das fitas e vender a outros bares.

Não tardaria a surgir no Japão o “karaokê box”, onde grupos de pessoas alugam cabines para cantar, comer, beber e conversar com os amigos enquanto se divertem se revezando ao microfone nas músicas. Configurando-se o karaokê em um dos maiores intercâmbios culturais entre o Brasil e o Japão nos últimos tempos, a comunidade nipo-brasileira dos dois países cumpriu um papel fundamental na difusão dessa prática cultural, como é notável nas declarações de

Eduardo Yoshikawa, campeão de karaokê amador no Japão, em entrevista concedida à revista *Made in Japan* (2008, p.114):

[...] Sou conhecido como Toshiyaki Yoshikawa, mas tenho cara de brasileiro, pois fui adotado por uma mãe nissei. Considero minha alma japonesa. O karaokê aprimorou meu lado pessoal, me fez perder a timidez para falar em público. Meu maior incentivador foi meu tio, Akihisa Kitagawa, que participava de concursos. Lembro que tinha 11 anos quando o via e imaginava “eu nunca vou subir num palco”, mas ele falava que eu conseguiria. Canto *enka*, mas tive contato com a música japonesa quando morei no Japão. Na escola, aprendi algumas canções infantis. No concurso que ganhei em Tokyo, percebi que os jurados ficavam assustados em ver como os brasileiros interpretavam tão bem uma música japonesa.

Podemos, desta forma, depreender que as atividades de canto, da mesma forma que serviram para congregar os primeiros imigrantes japoneses e descendentes, também cumprem um papel de socialização para a comunidade nipo-brasileira no Japão, que, em seu movimento pendular, ao mesmo tempo em que leva a cultura brasileira ao Japão, ajuda a manter a cultura japonesa no Brasil.

Maringá se destaca no cenário nacional e internacional no meio da comunidade nipo-brasileira em função da participação de seus membros nas entidades e nos eventos mais importantes relacionados à Canção Japonesa. A Brasil Kayo Kyokai, Associação Brasileira da Canção Japonesa, ou ainda, ABRAC, contou, entre seu quadro de idealizadores e incentivadores, com o maringense Jorge Kubota.

Tendo à frente da presidência da ABRAC a maringense Akemi Nishimori, Maringá foi sede do “Brasileirão”, Concurso Brasileiro da Canção Japonesa, que ocorre anualmente sob a direção da entidade. A sua 23ª edição contou com 718 inscritos e aconteceu de 18 a 20 de julho de 2008 na sede social da ACEMA.

Maringá também se destacou na comunidade nipo-brasileira do Brasil e do Japão em meados da década de 1990 com o “fenômeno” Joe Hirata. O maringense trabalhou como *dekassegui* no Japão de 1988 a 1994, quando despontou no país do Sol Nascente como vencedor do concurso de canto da rede de transmissão de rádio e televisão do Japão *Nippon Hoso Kyokai (NHK)*, *Nodojiman*, para o qual concorriam 80.000 pessoas.

Sendo o primeiro brasileiro a vencer o concurso, ficou famoso no Japão e entre a comunidade nipo-brasileira, lançando o CD “O Sonho de um Brasileiro”³⁶, cuja letra traduz sentimentos de sua vivência como *dekassegui*:

A história desse rapaz, faço questão de contar
 Quem quiser rir pode rir, quem quiser chorar pode chorar
 A luta de um brasileiro acabava de começar
 Com uma passagem pro Japão e um sonho no coração
 De Maringá, Paraná

A inflação e o desemprego não paravam de aumentar
 E ele decidiu sem medo, já não dava pra ficar
 Uma benção da mãezinha quem só soube lhe amar
 Um abraço nos amigos, a menina a soluçar

Adeus pátria amada
 Adeus minha Maringá
 Adeus pátria amada
 Qualquer dia eu vou voltar

Chegando lá no Japão já tinha onde trabalhar
 De peão na produção, calos nas mãos foi ganhar
 Dez, doze horas por dia e zangado sem recusar
 Pois o salário ajudava e o pouco que lhe sobrava
 Ele corria a guardar

Mas o tempo foi passando e a vida desse rapaz
 Foi toda se transformando, ganhava cada vez mais
 O peão virou patrão, tudo podia comprar
 Menos a felicidade pois saudade estava lá

Adeus pátria amada
 Ai que saudade me dá
 Adeus pátria amada
 No Japão eu vim prosperar

Dia vai e dia vem e a lembrança era sem par
 Então ele decidiu, era hora de voltar
 Uma carta escreveu, mãe já pode me esperar
 Vou compensar esses anos, vou dizer o quanto a amo
 Vou no seu colo deitar

E voltando ao Brasil, tudo parecia igual
 As pessoas, os amigos, sua cidade natal
 Mas ao rever a família, viu seu mundo desabar
 Mãe querida, mãe querida, não pode lhe esperar

Ai, ai pátria amada
 Pouco tarde eu fui chegar
 Ai, ai pátria amada
 Pra minha mãe eu vou rezar

Essa pessoa de quem falei
 Lutou e venceu em solo ancestral

³⁶ Esta música é de composição de Joe Hirata em parceria com o compositor Adilson Campos. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/joe-hirata/508574>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

Longe da terra natal
 E assim aprendeu
 Que devemos amar profundamente
 As pessoas que estão ao nosso lado

Muito obrigado Japão
 Por me acolher por me cuidar
 Muito obrigado Japão
 Mas o Brasil é o meu lugar

Muito obrigado Japão
 Por essas lágrimas e pelas glórias
 Muito obrigado Japão
 Esta é a minha história...

Ao mesmo tempo, Joe Hirata se tornou um símbolo da militância étnica³⁷ ao se negar a aparecer na mídia brasileira como o “japonês estereotipado” e afirmar a sua identidade de brasileiro. Após se tornar uma celebridade entre os japoneses e a comunidade nipo-brasileira, a sua luta foi pelo reconhecimento como cantor brasileiro no Brasil. O autor divulga seu orgulho de ser *nikkei* ao mesmo tempo em que tenta se firmar cada vez mais como um intérprete da música brasileira, conforme trecho de sua entrevista ao sítio sobre cultura okinawana na internet:

SONHO DE UM BRASILEIRO, fiz em parceria com o compositor Adilson Campos. Nesta letra homenageio os dekassegus, contando a minha história e mostrando que chegando no Japão a gente acaba descobrindo a verdadeira identidade, somos nikkeis com orgulho, mas somos acima de tudo BRASILEIROS...³⁸

Portanto, se os festivais de canto divulgam como um de seus objetivos a manutenção da cultura japonesa, também são palco das múltiplas identidades construídas pelas vivências dos atores envolvidos. E os significados que o canto possui para um imigrante japonês podem ser diferentes dos atribuídos por um *dekassegui*. O que se depreende neste percurso é que o canto foi e continua sendo uma importante prática cultural para a comunidade nipo-brasileira, seja para afirmar a sua niponicidade ou para assumir a sua brasilidade.

³⁷ Jeffrey Lesser (2008) utiliza a expressão “militância étnica” em sua aplicação ao engajamento dos nipo-brasileiros na busca por um identidade brasileira, o que está melhor detalhado na obra “Uma diáspora descontente: Os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica. 1960-1980”

³⁸ Disponível em: <<http://www.okinawa.com.br/entrevistas/index.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

CAPÍTULO 5 IREISAI

“Estamos vivendo juntos, nos apoiando um no outro.
Vivemos pela vida incontável de nossos antepassados”
(Frase proferida durante o *Ireisai* de 2008)³⁹

Um dos mais importantes acontecimentos sociais identificados com a comunidade nipo-brasileira em Maringá é a “Missa Campal em Intenção à Memória dos Pioneiros”. Também conhecida como *Ireisai*, é uma forma de homenagem especial aos primeiros imigrantes *nikkeis* do município.

Ministrado pelos monges representantes do budismo em Maringá, tem como objetivo divulgado pela ACEMA “Homenagear os pioneiros mortos da Imigração Japonesa no Brasil”. A cerimônia ocorre anualmente nas dependências da associação e é realizada geralmente no terceiro domingo de junho, de forma a manter a data próxima ao aniversário da imigração.

Inserido no calendário de atividades propostas para o Imin-100, o *Ireisai* de 2008 é emblemático por permitir, no resgate dos símbolos de seu ritual e dos seus significados, um breve olhar sobre uma das principais religiões “japonesas”. Considerando ainda o budismo uma religião que ajudou a conformar o Japão e sua cultura, um melhor entendimento da religiosidade dos japoneses permite um melhor entendimento da própria “colônia japonesa” em suas origens.

O culto aos antepassados é uma tradição trazida ao Brasil pelos *isseis* e *jun-nisseis*⁴⁰. Constituindo parte dos rituais fúnebres praticados pela comunidade nipo-brasileira, a tradição é identificada com o budismo japonês, que é, juntamente com o xintoísmo, uma das religiões predominantes no Japão.

A religião budista, também comumente conhecida como uma “filosofia”, surgiu por intermédio do Buda Siddhartha Gautama, cujo nascimento se situa por volta do século VI a.C., na região norte da Índia e onde hoje se localiza o Nepal. Filho da rainha Mayadevi, conta-se que sua mãe teria sonhado que um elefante branco descia do paraíso e adentrava seu útero, significando que concebera, a partir de então, um ser puro⁴¹.

³⁹ Fala proferida durante celebração do *Ireisai* em 15 de junho de 2008. Considerando a multiplicidade de participantes durante a celebração, o autor da fala não foi identificado.

⁴⁰ *Jun-nissei* é o japonês que veio para o Brasil quando ainda criança.

⁴¹ Considerando as diversas versões sobre o assunto, ao tratar do budismo neste subtítulo, procurei me ater à convergência dessas versões e ao que é uma espécie de “história comum”.

Ao nascer, o seu pai, o rei Shudodana, teria chamado um vidente para predizer o futuro da criança, ao que foram descritos dois caminhos possíveis para o seu filho. Em um deles, Siddhartha se tornaria um rei. No outro caminho, ele seria um “Buda Iluminado”, que ajudaria a humanidade e sua influência se espalharia por todo o mundo.

Sua sabedoria era visível desde criança e seus professores mais aprendiam com o pequeno buda do que ensinavam. Shudodana teria criado seu filho de forma a mantê-lo o mais próximo possível de sua influência, longe de toda a espécie de sofrimento e sob os limites do palácio real, pensando, assim, prepará-lo para ser rei.

Desta forma, Buda só teria tido contato com a realidade e as mazelas da existência social e biológica quando adulto, momento no qual começara a se indagar sobre a doença, o envelhecimento, a morte e sobre o sentido da vida. Então ele teria se destituído de qualquer vínculo material e decidido partir em busca do caminho da iluminação.

Filho da nobreza, Siddhartha Gautama ficou também conhecido como Buda Shakyamuni, sendo que Shakya era o sobrenome de sua família. Em sua peregrinação pelo conhecimento, aos 35 anos de idade, em uma noite de lua cheia e sentado ao pé de uma árvore, ele teria sido tomado por uma profunda iluminação.

A partir das crenças em torno dos ensinamentos de Buda Shakyamuni, desenvolveram-se várias ramificações do budismo desde o seu surgimento, sendo a principal divisão a que o subdivide nas escolas Theravada e Mahaiana. A linhagem Theravada é tida como a mais ortodoxa por considerar somente o cânone *Tipitaka*, que é uma compilação dos ensinamentos de Buda em *páli*⁴². A linhagem Mahaiana ou “Grande Veículo” permite a incorporação de novas sutras, indo, portanto, além do *cânon páli*. Esta é a escola budista que, através de suas diversas subdivisões, predomina no Japão e também no Brasil.

Sobre o processo de introdução do budismo no Japão e sua convivência com o xintoísmo, o pesquisador Pereira (2004, p.510) observa:

O Xintoísmo (*Shintou*) e o Budismo (*Bukkyou*) são os principais protagonistas do cenário religioso japonês [...] Até o século 6, as crenças autóctones não se encontravam organizadas teologicamente ou centralizadas numa única instituição. Nessa época, em que fora introduzido oficialmente o Budismo no Japão, via Coréia, sacerdotes ligados à Corte

⁴² Páli é uma espécie de dialeto do sânscrito.

começaram a organizar as crenças nativas, para distinguí-las do ensinamento budista, sob as denominações alternativas *Shintou*, *Kami-no-michi*, ou ainda *Kan'nagara-no-michi* [...] Se, por um lado, a tradição protoxintoísta, para sobreviver ao impacto da introdução do Budismo, teve de organizar-se tomando emprestado da religião importada termos, doutrinas, iconografia, etc., por outro, o Budismo, sendo uma religião originária da Índia, também teve de “japonizar-se” e fazer empréstimos da tradição religiosa dos japoneses para conquistar seus corações.

Desta forma é possível entender como templos budistas e santuários xintoístas convivem pacificamente no Japão havendo, inclusive, uma divisão de funções no que se refere aos ritos de passagem. Os rituais fúnebres são, geralmente, de responsabilidade dos monges budistas, enquanto os rituais de nascimento e de casamento ficam a cargo do xintoísmo. Isso não é, entretanto, uma regra. Pode haver, inversamente, cerimônias fúnebres xintoístas e nascimentos e casamentos com celebrações budistas.

No Brasil, seguindo a tradição herdada de seu país de origem, os primeiros imigrantes japoneses não podiam prescindir dos rituais budistas por ocasião do rito de passagem da morte. Por isso, em seus primeiros anos, a “colônia japonesa” elegia, para ministrar os seus rituais fúnebres, membros escolhidos entre a própria comunidade, que cumpriam a função de “bonzos”⁴³, já que dificilmente poderia se encontrar a figura dos monges acompanhando as primeiras levadas japoneses.

De acordo com a tradição budista, a partir do falecimento e compreendendo um período de 49 dias, deve-se iniciar uma série de celebrações de rituais, que corresponderiam a um estágio necessário para que a alma alcance um novo ciclo de existência. Para tanto, além do ritual inicial da morte, é necessário que ocorram celebrações no 7º dia, no primeiro mês, no 35º dia e no 49º dia⁴⁴. Os familiares e amigos se reunirão em torno do *Dharma*, que é a doutrina budista.

Um dos textos mais belos proferidos nos rituais fúnebres budistas é o *Hakkotsu-no Ofumi*, ou “Carta da Ossada Branca”, escrita pelo mestre da “Verdadeira Escola da Terra Pura”, Rennyō Shōnin⁴⁵:

⁴³ Uma espécie de sacerdote. No caso em questão, o bonzo é uma pessoa escolhida para cumprir as funções do monge budista no que se refere ao rito de passagem da morte.

⁴⁴ Disponível em: <<http://www.shurendo.org/budismoshin/revricardomariogoncalves/funeraisbudistas.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2008.

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.shurendo.org/budismoshin/mestrerennyo/cartadaossadabranca.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2008.

Considerando-se com atenção a aparência da frágil vida dos homens, vemos quão fugaz é esse período, em que todas as coisas mundanas são semelhantes a miragens. Nunca se ouviu falar de alguém que tenha vivido dez mil anos. A vida flui tão rápida! Quem consegue manter-se até a idade de cem anos? Nem eu nem ninguém pode garantir o dia de hoje ou o dia de amanhã. Dizem que os que hão de morrer e os que já morreram são mais numerosos que pingos de chuva que já caíram ou das gotas de orvalho que ainda cairão. Nosso corpo, que pela manhã ostenta faces rosadas, ao entardecer pode estar transformado em uma ossada branca. Quando sopra o vento da impermanência, os dois olhos se fecham imediatamente e a respiração cessa definitivamente. Então, as faces rosadas irremediavelmente se transformam e o semblante perde sua beleza comparável à de um pêssego. Os parentes se reúnem para chorar e lamentar, mas nada disso adianta mais nada. Urge tomar as providências necessárias e o corpo, conduzido ao crematório, desfaz-se em fumaça no meio da noite, restando apenas a ossada branca. Podemos dizer que é penoso, mas as palavras nem dão conta de tanta dor. A fragilidade do ser humano nem sequer estabelece distinção entre velhos e jovens. Assim, todos devem ter em mente a questão extremamente grave que é a vida póstuma, confiando profundamente no Buda Amida e recitando o Nembutsu. Salve!

Para o budismo, é importante a consciência da impermanência e de que a morte faz parte do “ciclo das existências”. As celebrações póstumas são, ao mesmo tempo, recitações e leituras de cânones e ensinamentos budistas e são dedicadas à plenitude da vida de todos os seres.

Nas ocasiões de aniversário da morte, as cerimônias servem como momentos para conagração e confraternização. Comidas e bebidas são especialmente preparadas para receber os convidados, que, reforçando seus laços, ajudam a manter viva a memória do ente querido⁴⁶.

Este parece ser um dos princípios norteadores do “Culto à Memória dos Antepassados”, que acontece no Brasil nas cidades com maior presença da comunidade *nikkei* e cuja tradição adentrou o ano do centenário da imigração japonesa. Reforçando os laços da comunidade nipo-brasileira, o cerimonial resgata a própria história de seus membros e de sua coletividade.

Em Maringá o *Ireisai* aconteceu no dia 15 de junho de 2008. Organizado pela ACEMA, com a participação de diversas entidades da comunidade nipo-brasileira, a celebração foi conduzida pelos monges e sacerdotes dos templos budistas Nishi Honganji, Nambei Honganji e Jodoshu Nippakuji de Maringá.

⁴⁶ A este respeito, é importante ressaltar o preconceito de que ainda são alvos os *nikkeis* praticantes do budismo ou que a ele acorrem nos rituais fúnebres. Existe uma certa dose de incompreensão por parte de alguns leigos e não são raros os comentários de que os “japoneses” costumam “fazer festas” quando do falecimento de familiares.

Após passar dois anos observando a dinâmica inerente às diferentes religiões com raízes japonesas na região de Maringá e os rituais fúnebres budistas realizados nas dependências do templo Nishi Honganji, naquela manhã de domingo, me dirigi à ACEMA com o interesse de observar o *Ireisai* e dele buscar apreender suas estruturas elementares.

Logo à entrada, era possível avistar os envelopes a serem preenchidos pelos presentes para as doações pecuniárias. Essas doações eram muito comuns quando do falecimento de membros da “colônia japonesa” no Brasil e são típicas de seus rituais fúnebres budistas. As doações representam o amparo da comunidade à família do falecido e, no caso das doações realizadas durante o *Ireisai*, sua destinação são as associações nipo-brasileiras. As famílias mais tradicionais e abastadas são chamadas a participarem como Beneméritos e seus nomes ficam inscritos na memória do evento.

A maioria do público era formada por *nikkeis*, na média dos 40 anos de idade ou mais. Com a participação predominante de membros da comunidade nipo-brasileira, o evento conta com a presença de representantes do executivo e legislativo a ela relacionados. A celebração é, também, um destacado evento social, com ampla cobertura pela mídia televisiva e impressa.

Enquanto os participantes se cumprimentam, assinam a lista de presença e realizam suas doações, os assentos do auditório do salão social da ACEMA são ocupados por mais de uma centena de participantes e o ambiente é tomado por silêncio, em sinal de preparação para o início da solenidade de abertura.

São dados inícios aos trabalhos do dia com a saudação inicial pela diretoria da associação. Esta se apresenta em trajes sociais, homens de terno e gravata e mulheres com maquiagem e cabelo impecáveis, conforme exige o protocolo do cerimonial. Os discursos são proferidos com falas nos idiomas japonês e português.

Após o término dos discursos oficiais, os olhares se voltam para a entrada principal do salão social da ACEMA, onde crianças com indumentárias bastante peculiares ao cerimonial iniciam os rituais, adentrando o recinto em fila indiana e ao som de música instrumental característica dos rituais litúrgicos. Levando flores, carregam também velas e abrem o caminho para a passagem dos monges.

Em um dos momentos mais belos e esperados do ritual, os monges entram sob uma procissão de pétalas, as quais enfeitam e perfumam o ambiente⁴⁷. Continuam seguindo até que cada um alcance sua posição junto ao altar. No mesmo altar, coroas de flores com plaquetas dos nomes de imigrantes japoneses falecidos são colocadas em destaque.

Não há escritos em português e as plaquetas encontram-se grafadas em *Kanji*⁴⁸ e com os nomes dos imigrantes em vida e os recebidos após a morte. Quando do falecimento, é comum que o monge celebrante da cerimônia batize o homenageado com um nome que será escrito na plaqueta ao lado de seu nome em vida. A plaqueta geralmente irá habitar o *butsudan* ou altar doméstico, que está presente em grande parte dos lares dos imigrantes japoneses e descendentes no Brasil e que constitui também um local doméstico de culto aos antepassados.

Num primeiro ato de reverência dos monges às divindades e aos ancestrais, tem início uma série de leituras, que se dão de costas para os presentes e de frente para o altar. Além do culto às divindades, uma das principais intenções neste posicionamento é que todos estejam voltados para os principais homenageados, ou seja, para as almas dos imigrantes⁴⁹.

A musicalidade toma conta do ambiente e tem início a “Cerimônia de Queima do Incenso Shokô”, que consiste no “incensamento”. Após a queima do incenso pelas autoridades e representantes das entidades, quase a totalidade dos presentes formam fila para idêntico procedimento, senão a totalidade, à exceção dos que estão registrando o evento. É uma cerimônia de caráter quase que obrigatório nos cultos budistas no Brasil e é realizada no sentido de purificar mente e espírito antes do início das reverências a Buda.

Após o ato de purificação, seguem-se uma série de leituras identificadas com o budismo, que são intercaladas com declarações em homenagem aos pioneiros falecidos. Tanto as leituras relacionadas à liturgia quanto as declarações são abertas à participação dos presentes, merecendo destaque as

⁴⁷ As flores se revestem de significação especial nos rituais budistas. Conta-se que o Buda Shakyamuni teria nascido no Jardim de Lumbini e, no momento de seu nascimento, houve um desabrochar de flores.

⁴⁸ Espécie de grafia japonesa herdada do chinês antigo.

⁴⁹ Esse simples posicionamento revela uma conduta diferenciada das religiões predominantes no Brasil, o catolicismo ou as pentecostais. Estas centram-se no culto a um deus e a figura do padre ou do pastor se coloca ao centro, com a persuasão desses “fiéis”, muitas vezes utilizando-se, para isso, de técnicas de oratória ou de ameaças aos “incrédulos”. Na maioria das correntes budistas, evita-se o proselitismo.

contribuições dos alunos representantes das escolas de língua japonesa de Maringá.

Segue-se a “Cerimônia Sankiemon em Reverência aos Três Tesouros da Tradição”. Também chamada de “Três Jóias da Tradição”, é apresentada por diversas correntes do budismo como uma trilogia necessária para a sua prática e é comumente traduzida para o português da seguinte forma:

Nós nos abrigamos em Buda, juntamente com todos os seres
Possamos compreender a realidade do grande caminho
Revelando a mente suprema

Nós nos abrigamos no Dharma, juntamente com todos os seres
Profundamente penetrando os sutras
A Sabedoria se tornando como o oceano

Nós nos abrigamos no Sangha, juntamente com todos os seres
Seguindo as relações harmoniosas e a comunidade
Tudo se tornando livre de obstáculos⁵⁰

O conjunto das representações Buda, *Dharma* e *Sangha* significa a própria prática budista a partir do momento da decisão de tomar Buda como mestre, ter o *Dharma* ou a doutrina do ensinamento budista como caminho espiritual e tomar refúgio em *Sangha*, a comunidade monástica budista.

Consistindo em uma forma de invocação, a “Declamação *Hyobyaku* em homenagem aos Pioneiros falecidos” é entoada. Espécie de meditação cantada, o *hyobyaku* é geralmente apresentado ao início das cerimônias. Após a sua entoação, seguiram-se uma série de declamações memoriais, acontecendo as falas do presidente da ACEMA, de representantes do *Rooso Kurabu*⁵¹ de Maringá e de alunos das escolas de língua japonesa do município.

Procedendo à leitura do Sutra *Amidakyo*, os monges ajudam a reafirmar os princípios da Escola da Terra Pura, da qual fazem parte os templos budistas de Maringá. Os sutras budistas são as compilações dos registros orais dos ensinamentos do Buda Shakyamuni transcritos por seus discípulos. O Sutra *Amidakyo* é o “Sutra Menor de Amida” e nele o Buda Shakyamuni descreve o Buda Amida e o paraíso da “Terra Pura”.

⁵⁰ Disponível em: <http://www.daissen.org.br/hp/index.php?id=0&s=textos&txt_id=64>. Acesso em: 14 nov. 2008.

⁵¹ *Rooso Kurabu* é o “Clube dos Idosos”.

A Escola da Terra Pura tem no *Amidakyo* um de seus mais importantes sutras e na recitação do *Nembutsu* uma de suas principais práticas. Consistindo na repetição vocal da expressão *Namu Amida Butsu*, pode ser traduzido como “Eu me refugio no Buda Amida”. É, ao mesmo tempo, espécie de meditação búdica, aspiração ao renascimento no paraíso da “Terra Pura” e contemplação de Amithaba Buda ou Buda Amida.

Buda Shakyamuni, ao mesmo tempo em que é o “Buda histórico”, que teria existido e vivido em determinado período, também é considerado como um “Buda eterno”. Este é um conceito que varia de acordo com as definições de cada escola ou “seita” budista, podendo ter seu sentido diverso, indo desde um “estado búdico” do próprio indivíduo, onde o ser atingiria um elevado nível de iluminação e paz interior, até o Buda comparado a um deus em graça e adorações. No caso de algumas escolas da Terra Pura, o Buda Amida é o Buda eterno.

Após a leitura do sutra, os monges realizam a “Transferência de Mérito Ekô aos homenageados”. A transferência de mérito consiste em dedicar os méritos gerados pelas recitações, declamações e leituras aos homenageados, no caso, aos imigrantes japoneses mortos. Considerando a interligação do *Sangha* ou comunidade búdica, bem como de todos os seres, fazendo isso, dedica-se a cerimônia realizada a toda a comunidade nipo-brasileira.

O ritual se encaminha para as saudações finais e tem-se início a “Oração Conjunta em Gasho”, na qual participam todos os monges presentes. Trata-se de uma recitação que é feita com as palmas das mãos unidas uma à outra e inclinando levemente a cabeça, como uma forma gestual de meditação búdica⁵². É, ao mesmo tempo, ato de reverência e de agradecimento que finaliza a “Missa Campal”.

Encerrando o Culto aos Antepassados, há o proferimento dos sermões e discursos pelos monges celebrantes, presidente da ACEMA e autoridades presentes. Dentre estas, é importante destacar a presença do então Secretário Especial para Assuntos do Imin-100, Shudo Yassunaga, que no seu discurso oficial ressaltou o compromisso do município com as atividades propostas para a comemoração do centenário da imigração japonesa.

⁵² Gestualmente o equivalente ao “amém” cristão.

No entanto, apesar da participação de diversas entidades e da presença do Secretário Shudo Yassunaga, este não foi um evento que contou com a divulgação do porte dos principais eventos do Imin-100. Os seus participantes eram, em sua imensa maioria, pessoas que guardavam relação com a celebração ou que tinham participação direta nas apresentações, caso das crianças e alunos das escolas de língua japonesa. Haviam, ainda, aqueles que representavam as famílias homenageadas ou os que, pela representatividade do evento social para a comunidade nipo-brasileira, sentiam-se na obrigação de participar do Culto aos Antepassados.

O ritual reafirma uma das funcionalidades do budismo para a comunidade *nikkei*, principalmente para as primeiras gerações, que é o de confortar os membros dessa comunidade nos rituais fúnebres. Com o tempo, o catolicismo e demais religiões começaram a investir em padres e missionários vindos diretamente do Japão para fazer frente às religiões identificadas com a maioria dos japoneses e assim fidelizar mais este público que se apresentava no Brasil.

O que está subjacente ao Culto aos Antepassados promovido pelo *Ireisai* é, ainda, o papel da “Colônia Japonesa” e do *ie* ou família. Takashi Maeyama (1973) considera o *ie* como o envolvimento nas atividades da comunidade e em suas atividades econômicas do cotidiano e procede a uma análise dos fundamentos de cada personagem no processo do Culto aos Antepassados em sua adaptação à realidade brasileira (1973, pp. 260-261):

[...] a idéia de “*senzo*” (antepassados) tem, embora vagamente, tomado forma em seus pensamentos, se bem que esta idéia não eteja ligada diretamente com a sociedade natal, mas sim com o solo brasileiro. Assim que se vêem idosos, eles começam a dizer com frequência: “Nós somos *senzo* (os antepassados) no Brasil”, ou “Nós seremos *senzo* dos japoneses no Brasil”. Até certo ponto, eles já são *senzo*. A idéia de “*senzo* vivo” nem sempre é contraditória para os japoneses. O conceito japonês de “*senzo*” implica em 1) um “fundador” (*so*) e/ou 2) um “ascendente linear” (*sosen*), mas não precisa ser necessariamente um “morto”. Os pais, mortos ou vivos, são, muitas vezes, referidos como *senzo* dos seus filhos. A maioria dos japoneses no Brasil não possui nenhum “antepassado morto” ligado ao seu “*yokoku*” (país adotivo). A primeira geração de imigrantes, mortos ou vivos, são igualmente fundadores da comunidade japonesa no Brasil, ao mesmo tempo que são ascendentes lineares dos presentes e futuros membros dos recém-criados *ie*, em seu “novo mundo”.

Desta forma, eles seriam os pais-fundadores do empreendimento da Colônia Japonesa na sociedade brasileira. Neste sentido, esclarece Maeyama (1973, p.261):

[...] a declaração de se tornar antepassado significa que eles, consciente ou inconscientemente, proclamam que a *propriedade auto-adquirida* ou os seus empreendimentos econômicos é uma *propriedade ancestral*. Doravante, esta propriedade deve ser cuidada em nome dos antepassados, que, neste caso, são eles próprios. Esta propriedade, portanto, idealmente, não deve ser dividida, de maneira tal que essa divisão venha acarretar o enfraquecimento da operação efetiva dos empreendimentos econômicos do *ie*, as quais deram fundamento.

Repleto de significados conferidos pelos rituais budistas, o *Ireisai* revela, ainda, uma cultura de reverência aos mais velhos que considera o presente como a continuidade da “vida incontável dos antepassados”. O Culto aos Antepassados encerra um “*ie* imaginário” onde os antepassados cultuados são os imigrantes japoneses e seus descendentes, fundadores do empreendimento que se constitui a Colônia Japonesa no Brasil. De acordo com a pesquisadora Sidinalva Maria Wawzyniak esta colônia consistia (2008, p.186)

um campo de relações de comunicação e referência que orientava os imigrantes japoneses e seus descendentes; concomitantemente preservou uma identificação étnica valorizando e ressaltando traços culturais que refletiam na sua organização social. Nesse sentido, este “*ie* imaginário”, a “Colônia”, seria a mais evidente representação da niponicidade no Brasil.

CAPÍTULO 6 UNDOUKAI

“Como se fora
A brincadeira de roda
Memória!
Jogo do trabalho
Na dança das mãos
Macias!
O suor dos corpos
Na canção da vida
História!
O suor da vida
No calor de irmãos
Magia!”

(Trecho da Canção Redescobrir, de Gonzaguinha)

De acordo com a ACEMA, o *Undokai* é uma “gincana poliesportiva” em comemoração ao “Dia do Trabalho”. Em Maringá, acontece desde a época da então Sociedade Cultural e Esportiva de Maringá (SOCEMA), associação que deu origem à ACEMA, a partir de 1947. Também conhecido como *Undoukai*, privilegiarei na pesquisa o termo utilizado pela ACEMA, porque mais comumente utilizado pelos seus praticantes na associação⁵³.

Introduzida no Brasil pelas primeiras gerações de imigrantes japoneses, dele participam todas as faixas etárias, desde as crianças, até os mais idosos. Acontece, geralmente todo dia 1º de maio nos locais com maior presença da comunidade *nikkei*.

De acordo com Francisco Noriyuki Sato e Cristiane A. Sato,

Traduzindo-se ao “pé da letra”, UNDOUKAI significa “reunião ou encontro de esportes”. Entretanto, ao contrário da conotação altamente competitiva ou profissional que têm os encontros meetings de atletismo, num UNDOUKAI todos os participantes são pessoas comuns, que não são necessariamente praticantes de uma modalidade esportiva específica. Sendo todos os participantes atletas-de-um-dia amadores, convencionou-se traduzir UNDOUKAI como “gincana poliesportiva”.⁵⁴

Em Maringá, a gincana ocorre geralmente no campo de basebol da ACEMA e os participantes se revezam na platéia e nas atividades, que se iniciam pela manhã e se estendem até o final da tarde. Esta etnografia é fruto da

⁵³ Utilizarei o termo *undoukai* quando a descrição for genérica, não especificamente se referindo ao *undokai* de Maringá.

⁵⁴ Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/html/Undoukai.html>>. Acesso em: 2 nov. 2009.

observação de vários *undokais*, mas sobretudo o realizado no ano do Imin-100, portanto, em 1º de maio de 2008.

Ressalto ainda que tive o privilégio de participar de suas brincadeiras quando criança, portanto, a pesquisa de campo, o levantamento de dados sobre suas origens e as lembranças de infância se encontraram para traduzir as percepções que reproduzo neste momento em que deixo de ser uma brincante para tentar entender o que está por trás destas brincadeiras.

De meu período de participante das gincanas do *undokai*, no final da década de 1980 e início da década de 1990, lembro-me que este era um dos momentos mais esperados do ano por mim, meus irmãos e meus primos. As edições das quais participei foram todas realizadas pela ACEMA.

Eu não participei sempre do *undokai*, mas ele me foi apresentado em determinado momento de minha infância. Como eu não fui criada dentro do rígido protocolo das “tradições japonesas”, eu não participava exatamente da “colônia japonesa”, embora eu tenha herdado muitos dos traços identificados com a cultura japonesa.

Duas recordações são trazidas à memória quando penso no *undokai*. Primeiro, o caráter de gincana, tais quais as gincanas que eram realizadas pelas escolas nas quais estudei em minha época de criança e pré-adolescência. Em um segundo momento, a participação de meus pais na brincadeira, o que não acontecia nas gincanas escolares comuns.

Embora a competição tenha o caráter de desenvolver a coragem e o espírito de grupo, considerando ainda que várias brincadeiras são realizadas de forma interativa com demais membros, um dos objetivos principais é fazer com que todos se sintam vencedores, porque competidores de forma honesta.

Para cada brincadeira, há distribuição de prêmios como brinquedos, guloseimas, alimentos não perecíveis como latas de óleo, farinha entre outros. É importante ressaltar ainda que ninguém fica sem premiação, sendo esta uma forma de reconhecimento pelo esforço do participante. Na fala de um organizador, em entrevista a mim concedida durante o *Undokai* de 2008, os que se propõem a competir são os melhores e, neste sentido, **“é melhor ser o pior dos melhores do que o melhor dos piores”**.

Os participantes são submetidos a provas como cruzar a linha de chegada através da modalidade corrida com sacos, andar com uma colher na boca

equilibrando um ovo e brincadeiras afins, conforme se verifica nas brincadeiras comuns à maioria dos *undoukais*:

- *Gojyū meeteru kyōsō* (corrida de 50 metros rasos), para crianças;
- *Hyaku meeteru kyōsō* (corrida de 100 metros rasos), para crianças;
- *Riree* (corrida de revezamento 4 X 400 metros), para adultos, masculino e feminino;
- *Ninin sankyaku* (corrida de 3 pernas), para crianças e para adultos. Em duplas, amarra-se a perna direita de uma pessoa à perna esquerda da outra, que abraçadas pelos ombros ou à cintura correm juntas por 50 metros;
- *Geta kyōsō* (corrida de "guetá" - tamanco de madeira japonês), para grupos mistos (homens, mulheres, crianças, jovens e idosos) de 4 pessoas. Usando um par de "guetás" - apelido dado a um par de esquis de madeira rústico, com tiras largas nas quais encaixam-se os pés calçados - o grupo deve andar o mais rápido que puder sem cair por 50 metros;
- *Yomesan sagashi* (corrida da "procura de noiva"), para jovens solteiros, homens e mulheres. Um grupo de rapazes é formado na linha de partida, e um grupo de igual número de moças é formado na metade do percurso da corrida. Na metade da distância entre os dois grupos, cartões com os nomes de cada moça são deixados no chão. Os rapazes saem correndo; cada um pega um cartão e vai até o grupo das moças, procurando e chamando pela jovem cujo nome ele pegou. Assim que encontra seu par, ambos devem correr de mãos dadas até a linha de chegada. Há também uma versão desta corrida para idosos e crianças, *Mago sagashi* (corrida da "procura de netinho/a");
- *Supuun reesu* (do inglês "spoon race" - corrida da colher com ovo), para senhoras (mulheres casadas). Equilibrando um ovo numa colher de sopa em uma das mãos, as senhoras devem percorrer 50 metros, e chegar sem deixar o ovo cair e sem segurá-lo com a outra mão;
- *Karimono kyōsō* (corrida do "empréstimo"), para crianças. Meninos e meninas correm numa pista, que tem na metade do percurso cartões com o nome de um objeto comum (caneta, chaveiro, cinto, lenço, relógio de pulso, telefone celular, presilha de cabelo, pulseira, etc.). Cada um pega um cartão e vai até amigos e familiares, pedindo emprestado o objeto citado no cartão. Assim que alguém lhe dá o objeto, a criança volta ao percurso para terminar a corrida e devolve o objeto a seu dono;
- *Tsunahiki* (cabo-de-guerra), misto, para grupos de crianças e grupos de adultos;
- *Takara sagashi* (corrida da "caça ao tesouro"), para crianças. Divide-se a distância a ser percorrida em 3 terços. A um terço da linha de partida, são colocados no chão cartões com o desenho de um objeto, a a dois terços são colocados fora de ordem cartões com o nome de cada objeto correspondente. As crianças devem sair correndo, pegar um cartão desenhado, chegar aos cartões escritos e encontrar aquele que corresponde ao cartão desenhado. Assim que achar o cartão correto, deve terminar o percurso;
- *Taiya korogashi kyōsō* (corrida de pneus), para crianças e para adultos. Corre-se empurrando pneus com as mãos por 50 metros;
- *Kani kyōsō* (corrida de caranguejo), para crianças e para mulheres. Em duplas, abraçadas de costas e correndo de lado, percorre-se 50 metros;
- *Sakana tsuru kyōsō* (corrida da "pesca da garrafa"), para homens e para mulheres. O "peixe" a ser pescado, na prática, é uma garrafa vazia colocada em pé na metade do percurso. Varas com um barbante e um prego de pelo menos 5 cm amarrado ao meio são deixadas no chão a alguns metros da linha de partida. Cada participante sai correndo, pega uma vara, chega às garrafas e deve, a dois passos de distância, fazer com que o prego entre na

garrafa. Com a garrafa presa à vara pelo barbante com o prego, o participante deve completar o percurso sem deixar a garrafa cair;

- *Keisan kyōsō* (corrida do cálculo), para crianças. Cartões com uma proposta de cálculo simples sem o resultado são deixadas no chão, na metade do percurso (por exemplo, $5+3=$, $7 \times 2=$, $10-8=$, etc.). Munidas com um lápis, cada criança corre, pega um cartão, escreve o resultado e termina o percurso. Obviamente vence a criança que chegar primeiro com o resultado correto escrito no cartão;
- *Tamaire kyōsō* (bolinhas ao cesto), para crianças. Dividem-se as crianças em dois times, que correspondem às cores - geralmente branco e vermelho - de dezenas de bolinhas de pano recheadas com retalhos, do tamanho de bolas de beisebol. Uma pessoa - de preferência com um capacete na cabeça - segura no centro do campo um grande balde instalado na ponta de uma vara ou cano com aproximadamente 4 m de altura, no qual as crianças devem durante 5 minutos jogar e tentar encestar o maior número de bolas da cor de seu time.⁵⁵

Kátia, uma informante da segunda geração de japoneses, em entrevista a mim concedida durante o *Undokai* de 2008, declarou que gostava de frequentar o espaço e levar seus filhos e netos porque se lembrava de sua mãe quando a levava para o *Undokai*.

É neste sentido também que o *Undokai* encanta gerações, porque, ao envolver todos os públicos na brincadeira, trabalha com as melhores lembranças dos participantes, relembando sua infância e seus pais. De acordo com Sato e Sato (2009):

Tão popular e antigo é o UNDOUKAI que o primeiro realizado "no Brasil" foi feito antes mesmo dos primeiros imigrantes pisarem em terras tupiniquins, pelos passageiros que estavam a bordo do navio Kasato Maru em 1908 - o primeiro a trazer oficialmente um grande grupo de imigrantes pelo acordo assinado entre o Brasil e o Japão em 1895 - que ocuparam todo o deque superior externo do navio para assistir e participar das corridas e brincadeiras. Desde então, em terra, os UNDOUKAIS passaram a ser realizados anualmente e tornaram-se uma tradição. Ao se estabelecerem no Brasil, os imigrantes sentiram necessidade de promover eventos de integração social e a realização de UNDOUKAIS foi uma escolha natural, partindo-se do fato de que, independentemente de qual região ou província vinham as famílias de imigrantes, todos conheciam e sabiam como funcionava a dinâmica de um UNDOUKAI.⁵⁶

Além da integração dos membros da comunidade, uma das funções da “gincana” em seus primeiros tempos era fazer os moços e moças se conhecerem e se aproximarem por meio das brincadeiras, tais quais muitas brincadeiras “caipiras” identificadas com o Brasil rural. Neste sentido são realizadas as

⁵⁵ Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/html/Undoukai.html>>. Acesso em: 2. nov. 2009.

⁵⁶ Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/html/Undoukai.html>>. Acesso em: 2 nov. 2009.

brincadeiras “À procura do noivo” e “À procura da noiva”, de onde podem se originar muitos “flertes”, de acordo com informantes.

Em entrevistas concedidas durante o *Undokai* realizado pela ACEMA em 2008, no dia 1º de maio, as opiniões sobre sua origem eram diversas. Para alguns, a data foi escolhida em função de no dia 29 de abril ser a data de aniversário do imperador Hiroíto⁵⁷. Teria sido eleita a data para que se procedessem a iguais comemorações no Brasil considerando ser o dia 1º de maio feriado no país em função do Dia do Trabalhador, e, portanto, data passível de ser fixada anualmente no calendário da comunidade.

De acordo com outros, em entrevistas também a mim concedidas durante a mesma edição de *undokai*, o objetivo da data seria a comemoração ao dia do trabalhador. Esta versão está de acordo com os objetivos divulgados no “sítio” da entidade na internet, embora a expressão divulgada seja “dia do trabalho”. Considerando que a festividade data de muito tempo, poderíamos indagar se a afirmação do dia do trabalhador como motivação para a gincana não seria ainda uma forma de driblar a perseguição sofrida pelos imigrantes e descendentes logo após a Segunda Guerra Mundial, em um momento onde ficou proibida qualquer forma de atividade que tivesse como princípio exaltar valores do Japão, da Alemanha e da Itália, países alinhados com o “Eixo”.

Para outros, ainda, a data seria o equivalente da comemoração *Kodomo no Hi* ou “Dia dos Meninos” no Japão, que ocorre todo ano em 05 de maio. Esta é a tradição na qual os pais que tem filhos homens hasteiam bandeiras com desenhos de carpas para fora das casas. A carpa é uma espécie de peixe símbolo de coragem, força e perseverança no Japão. Nas bandeiras, a carpa maior representa o pai, a carpa média, a mãe, e a carpa menor o filho homem. No *undokai*, essas bandeiras de carpas estão espalhadas por todo o ambiente de decoração, tremulando ao vento.

Se o *Kodomo no Hi* é o “Dia dos Meninos”, o *Hina Matsuri* é o “Festival das Meninas”, que é comemorado decorando-se a casa com bonecos, os

⁵⁷ Hiroíto foi o imperador que governava o Japão durante o período da Segunda Guerra Mundial. Foi obrigado, após a rendição do Japão, a renunciar de sua condição de divindade. Até então, a família imperial era tida como descendente direta da deusa Amaterasu, a Deusa do Sol. Ver mais em Sakurai (2008).

quais representariam a ordem imperial⁵⁸. O casal imperial é o modelo ideal de família na tradição deste festival. Decorando o altar desses bonecos com ramos floridos dos pessegueiros, os pais simbolizam um casamento feliz e os aspectos da personalidade que deveriam ser mais apreciadas na mulher: gentileza, compostura e tranqüilidade. Passado o período comemorativo, ele deve ser desmontado logo para a menina não demorar a se casar.

A hierarquia é uma categoria de fácil apreensão nas representações das formas de comemoração do Dia dos Meninos e do Festival das Meninas, ambos com propósitos específicos que sugerem o lugar de cada um na ordem social. Para a antropóloga Ruth Benedict (1988, pp.84-85), a hierarquia seria um princípio estruturador de toda a sociedade japonesa:

[...] organizam o seu mundo em constante referência com a hierarquia. Na família e nas relações pessoais, idade, geração, sexo e classe ditam a conduta devida. No governo, religião, exército e indústria, as zonas acham-se cuidadosamente separadas por hierarquias, onde nem aos mais elevados, nem aos mais baixos se permite ultrapassar as suas prerrogativas sem punição. Contudo que se observe a “devida posição”, os japoneses vão adiante sem protesto.

No *undokai*, as músicas que tocam no evento são todas, indistintamente, em japonês. Algumas letras não são entendidas pela maioria dos participantes. Mas, independentemente da apreensão dos significados das letras, enquanto as crianças inocentemente brincam, estão fortalecendo o *nihonjiron* ou os ensinamentos japoneses implícitos nas brincadeiras, as quais tem, em sua origem, princípios não somente hierárquicos, mas militaristas, já que o *undokai* teria sido introduzido no final dos século XIX no Japão, de acordo com Sato e Sato (2009):

como parte de um projeto maior de introdução de treinamento militar para crianças na escola. Entendia-se que a educação física devia servir ao objetivo de fazer a criança aprender a noção de consciência nacional com o próprio corpo e por isso, ao invés de difundir esportes como o judô ou o sumô - que apesar de tradicionais implicavam em uma prática individual - o governo priorizou as modalidades em grupo.⁵⁹

⁵⁸ De acordo com Wada (2001, p.24), normalmente, o imperador e a imperatriz ficam no topo. No segundo degrau, são distribuídas as damas da corte. No terceiro degrau são colocados cinco músicos. No quarto degrau, oferendas são escoltadas por dois ministros. No quinto degrau, localizam-se os guardas, cercados por uma laranjeira à esquerda e uma cerejeira à direita. No Japão contemporâneo, podem ser encontradas outras formas de disposição do altar.

⁵⁹ Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/html/undoukaihistoria.html>>. Acesso em: 2 nov. 2009.

De acordo com os mesmos autores, foi somente a partir da rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial e com a intervenção dos Estados Unidos que a gincana alterou os seus propósitos iniciais militaristas. Sobre os *undoukais* no Brasil, Sato e Sato (2009) observam, no entanto, que:

Resquícios da origem militar do *UNDOUKAI* ainda podem ser vistos - ou melhor, ouvidos - nos eventos realizados no Brasil. Até hoje, a principal música tocada na abertura dos *UNDOUKAIS* nipo-brasileiros é "*Gunkan*" (O Navio Militar), marcha composta em 1897 por S. Toriyama e T. Setoguchi para a marinha japonesa, que de modo poético fala sobre uma "fortaleza flutuante que protege os quatro cantos do império", embora atualmente poucos sequer aparentem entender a letra.⁶⁰

Portanto, no centenário da imigração japonesa no Brasil, o *undokai* é uma gincana que é fundamentalmente imbrincada à história dessa comunidade nipo-brasileira desde seus ancestrais. Ela mantém traços de suas origens e se flexibiliza conforme o momento histórico.

No Japão, os brasileiros são chamados a participarem dos *undoukais* pelas escolas de seus filhos e, desta forma, fortalecer os laços junto à comunidade e melhor acompanhar o desenvolvimento das crianças nas escolas. Neste caso, os *undoukais* acontecem sempre no dia 10 de agosto, quando é celebrado o *Taiiku no Hi* ou Dia dos Esportes.

Nas dúvidas que a comunidade nipo-brasileira suscita sobre suas origens, seja o "dia das crianças", o "aniversário do imperador" ou "o dia do trabalho" e na versão militarista de suas origens, o que se encontra em comum é o princípio da ordem, da disciplina e da educação interligando as diversas gerações na transmissão de tradições e costumes.

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/htm/undoukaihistoria.html>>. Acesso em: 2 nov. 2009.

CAPÍTULO 7 O TRONO DO CRISÂNTEMO NO PAÍS DO PAU-BRASIL

“Possa o reinado do meu senhor,
 Prosseguir durante uma geração,
 Uma eternidade,
 Até que seixos
 Surjam das rochas,
 Cobertas de musgo verde claro.”
 (Hino do Japão)

Filho do imperador Hiroito, o então Príncipe Akihito visitou o Brasil no pós-guerra em passagem que ficou gravada na história e inscrita na memória coletiva. Para a comunidade *nikkei* no Brasil, que tinha que lidar com a questão das diásporas promovidas pela emigração, com o cenário pós-guerra e com a reconstrução do Japão afetando, de certa maneira, os seus processos de construção identitária, a presença da família imperial foi de extrema significação.

“Foi um espetáculo impressionante. Milhares de bandeirinhas se agitavam, ao vento. Era quase como uma prece em voz alta. Um ruído que evidenciava a veneração de um povo pelo seu príncipe”, relatou o Diário da Noite, a respeito da inédita visita ao Brasil do então príncipe-herdeiro do Japão, Akihito, e sua esposa, a princesa Michiko, em 1967. O casal emocionou os 80 mil japoneses e descendentes que lotaram o Estádio do Pacaembu, um claro sinal de que, mesmo integrados à sociedade brasileira, os japoneses ainda mantinham sua ligação com a terra natal. (ARAI; HIRASAKI, 2008, p.150).

A fala de um imigrante que esteve presente nos eventos de recepção ao representante do Trono do Crisântemo⁶¹ parece revelador da situação de desamparo em que se encontravam os japoneses no Brasil: “Brotou fortemente no coração a lembrança da pátria-mãe e a mágoa de ter sido destrutado durante a guerra. Vocês não sabem o quanto me senti reconfortado naquele momento.” (HANDA apud HARUMI, 2008, p.30).

Esta não seria a única visita da família imperial ao Brasil. Em 1978, por ocasião do aniversário de 70 anos da imigração japonesa no país, a comunidade nipo-brasileira realiza uma das maiores festas de sua história. A mesma “sensação” se repete entre aqueles que puderam observar as festividades de perto.

Em 1997, Akihito retorna ao Brasil, desta vez, na condição de imperador. De acordo com Paula Harumi (2008, p.30):

⁶¹ Trono do Crisântemo é como se denomina a linhagem da atual família imperial do Japão.

Seguindo a lenda de que por onde passa tudo prospera, o empresário Hirofui Ikesaki queria que ele percorresse algumas ruas da Liberdade. O trajeto começava na Tomás Gonzaga, passava pela Galvão Bueno até a Praça da Liberdade. Ikesaki conta que o caminho foi montado dessa forma por falta de estrutura. Na época, as associações e o Consulado não apoiaram a idéia. Mas ele conseguiu grades, enfeitou as ruas com 2 mil bandeirinhas do Japão e do Brasil. No dia, estava chovendo. “Então eu saí da loja, fui até a igreja, acendi velas e pedi para que o tempo melhorasse”, lembra. Logo que chegou no bairro, a chuva foi parando [...].

Todos os momentos de visita da família imperial japonesa ao Brasil foram emblemáticos na história da comunidade nipo-brasileira e ajudaram a aumentar os laços de amizade entre os países, com a criação de novos convênios e tratados.

E o que se pode dizer dos significados da visita da família imperial no centenário da imigração japonesa para uma comunidade nipo-brasileira cada vez mais multiétnica e multigeracional? E mais, quais os significados para as demais milhares de pessoas que acorrem aos eventos esperando ver de perto, ou mesmo de longe, príncipes e princesas?

O Trono do Crisântemo esteve novamente presente no Brasil por ocasião das comemorações dos cem anos da imigração japonesa no país, através da visita do Príncipe Herdeiro, Naruhito. Acompanhando sua passagem pela região de Maringá e norte do Paraná, é possível perceber os múltiplos significados que os sujeitos conferem à família imperial japonesa.

No Paraná, Naruhito visitou Londrina, Rolândia e Maringá, participando das festividades e homenagens à comunidade nipo-brasileira e descerrando placas de inauguração de monumentos e parques temáticos dedicados aos atores dos cem anos da imigração japonesa no Brasil.

O príncipe iniciou suas atividades no estado no dia 22 de junho de 2008, onde participou, pela manhã, da inauguração da Praça Tomi Nakagawa, no município de Londrina. O nome da praça é uma homenagem à última sobrevivente da primeira leva de imigrantes trazida a bordo do navio Kasato Maru, em 1908. Tomi faleceu aos 99 anos, no dia 10 de outubro de 2006.

Milhares de pessoas participaram do evento em Londrina, visando, não somente homenagear a imigrante Tomi, muito querida dos paranaenses, mas ver de perto o príncipe. Os motivos que levavam as pessoas a participarem das festividades era dos mais variados, conforme pode-se depreender na análise da fala de entrevistados pelo jornal Folha de Londrina (2008, p.4):

Para muitos não descendentes, a expectativa parecia mais motivada pelo glamour que envolve a realeza. *Imagino ele com roupa de príncipe*, confidenciou a manicure Olinda Constância, 53 anos, que veio da Zona Norte de Londrina e subiu em um caminhão da prefeitura para tentar ver melhor a solenidade. *Queria que ele viesse vestido como um príncipe, com aquelas vestes bonitas. De terno não tem graça*, sentenciou a vendedora Rosi Bernardo, 61 anos. [...] Dona Massae Uemura, 94 anos – uma das pioneiras que ganharam o privilégio de assistir à cerimônia em uma ala reservada e acessível ao príncipe – descreveu, com a ajuda de uma intérprete, a sensação de ser cumprimentada pela alteza: *Nunca pensei que fosse receber os cumprimentos dele um dia. Estou realmente emocionada*. Emoção que veio misturada com surpresa e espanto para Haruo Taketomi, 89 anos, que estava sentado em uma área onde não era prevista a passagem do príncipe. Quebrando o protocolo, Naruhito não só passou pelo local, como resolveu apertar uma das várias mãos estendidas em sua direção – justamente a de seu Haruo. *Ele apertou minha mão e falou saúde. Não respondi nada, a voz não saiu. Até agora não tenho palavras para descrever a emoção*, declarou o imigrante, que mudou-se para o Brasil com cinco anos. *É um dia para ficar na memória, para contar aos netos e bisnetos*.

Não tive a oportunidade de participar pessoalmente das homenagens na praça Tomi Nakagawa por privilegiar a participação no evento de Rolândia, onde, além da inauguração do parque temático Yumê⁶², dedicado aos imigrantes, aconteceriam as principais cerimônias com a presença do príncipe no estado.

Portanto, cheguei ao Imin Center, campo dedicado às comemorações em Rolândia, por volta das 12:30 h. Imbrincado ao Parque Yumê e servindo quase como uma passagem obrigatória aos visitantes, estava o Portal Catavento, em forma de arco-íris, que, de acordo com um informante em entrevista concedida durante a cerimônia, simbolizava **“a fartura do ser humano e o futuro promissor de todos”**.

Naquele dia nublado de 22 de junho de 2008, no Imin Center de Rolândia, onde mais de 75 mil pessoas aguardavam ansiosas a chegada de Sua Alteza, o príncipe Naruhito, meu intento era observar as diferentes expectativas da diversidade de atores que participavam do evento de recepção. São japoneses, *isseis*, mestiços, descendentes de negros, italianos, alemães, poloneses, indígenas, brasileiros provenientes de etnias diversas que participariam do mais importante evento de comemoração aos 100 anos da imigração japonesa no Paraná.

Enquanto tentavam se acomodar para assistirem às cerimônias do melhor ângulo possível, os artistas que se apresentariam logo mais arrumavam os

⁶² Yumê é uma palavra japonesa que significa “sonho”. O Parque temático Yumê foi inaugurado no local onde antes funcionava tão somente o Museu Rural da Imigração Japonesa em Rolândia.

últimos preparativos, ao tempo em que o locutor ensaiava com a platéia a recepção ao príncipe, principalmente no tocante aos comandos de silêncio.

Se o respeito à ordem é uma categoria de fácil apreensão nas festividades nipo-brasileiras em geral, com a visita do príncipe Naruhito por ocasião das comemorações do Imin-100, um dos motivos de maior preocupação nos eventos com a participação do monarca foi com o cumprimento de todos os rígidos protocolos japoneses.

“Silêncio, não olhar nos olhos do príncipe, não estender as mãos para cumprimentá-lo, não conversar com ele, jamais tocar o príncipe, não isso e não aquilo”. Este era o tipo de informação que exibiam os noticiários às vésperas da chegada do herdeiro do Trono do Crisântemo.

O clima é marcado por expectativas e pelos mistérios que envolvem a realeza. Às 13:10 h, a platéia recebe um aviso: **“sensei avisa que quem quiser ir ao toalete terá que ir agora, porque às 13:30 h, em ponto, todos deverão estar aqui.”** Percebe-se uma tensão da equipe organizadora para que tudo saísse conforme os seus *scrips*.

Desta forma, enquanto os telões exibiam as filmagens realizadas ao vivo no evento pelas Redes de Televisão, o cerimonial tratava de disciplinar a multidão, para que tudo saísse conforme o planejado quando da chegada do príncipe. E seguem novas orientações aos plebeus: **“Todos devem receber Sua Alteza em silêncio.”**

Às 13:23 h, a organização avisa: **“Atenção, faltam 7 minutos para o pessoal do taiko e coral se perfilarem.”**

Percebe-se certa impaciência por parte dos organizadores, que se preocupam em manter o respeito aos limites de espaço estabelecidos pelo cerimonial, pedindo aos presentes para **“se posicionarem respeitando os limites da imprensa.”**

E novamente a preocupação com o silêncio no recebimento ao príncipe Naruhito é expressa no aviso ao público: **“Às 13:30 h em ponto, aguardar em silêncio.”**

À frente dos palanques e onde serviria de palco das apresentações, crianças, jovens, adultos e idosos se organizavam em diferentes grupos artísticos que iriam se apresentar. Ouve-se o organizador: **“Atenção às etnias participantes portuguesa, alemã, brasileira e japonesa...se dirigir ao palco.”**

As Cerimônias realizadas no Parque Yumê e Imin Center, em Rolândia, foram as mais importantes do estado do Paraná, em função da grandiosidade do evento e da presença do Príncipe Herdeiro do Japão. Percebe-se na fala da organização do evento muitos dos sentidos que são atribuídos aos *nikkeis* e que os próprios descendentes se atribuem. Na discursividade do mestre de cerimonial, afinal, indago se a etnia brasileira excluiria a japonesa ou seria a mistura de todas as citadas. Infelizmente, não consegui entrevistar o autor desta fala.

Em seguida, o organizador muda o termo etnia para grupo folclórico: **“Reiteramos mais uma vez! Integrantes do grupo brasileiro, solicitamos sua presença no palco. Grupo brasileiro e grupo folclórico português”**. Neste momento, ouvi de um membro da platéia: **“Tinha que ser o brasileiro!”**

Acomodada nas primeiras fileiras exatamente no meio da multidão, observo os camarotes reservados às caravanas vindas de todas as partes do Paraná ocupados por personalidades e muitos *nikkeis* de terceira idade. *Nikkeis* estes que, mesmo que provavelmente impacientes pela ansiedade de ver o representante da família imperial, mantinham a paciência intacta na espera de um dos momentos que provavelmente seriam marcantes na vida de muitos deles.

Os céus começam a se fechar e pingos de chuva caem. Algumas pessoas começam a se retirar da arena principal, mas a maioria permanece imóvel. Outros ainda aproveitam a saída de algumas pessoas que visavam se proteger da chuva para ocuparem melhor posição como espectadores, aproximando-se do cordão que separava a multidão das áreas mais próximas ao palco principal.

Quando, às 14:10, acontecia o anúncio da chegada de Naruhito, percebi que o céu se abria por instantes⁶³. Primeiramente o príncipe adentra o Parque Yumê, localizado ao lado do Imin Center, para lançar a pedra fundamental e plantar uma cerejeira.

No Japão, a “florada das cerejeiras” é um momento de confraternização, onde ocorre o *Hanami* ou “contemplação das cerejeiras”, sendo os parques tomados pelos japoneses, que neles realizam piqueniques e aproveitam para admirar a beleza dessas flores.

⁶³ É interessante observar que, para a religião oficial do Japão até a Segunda Guerra Mundial, o Xintoísmo, a família imperial é descendente direta da deusa Amaterasu, a deusa do Sol. Com a intervenção dos Estados Unidos após a rendição do Japão, o imperador Hiroito foi obrigado a assinar um documento abdicando de sua condição divina. Para os japoneses, entretanto, a família imperial continua sendo motivo de reverência e respeito porque um dos símbolos da unidade nacional.

Todos os anos, no mês de abril, os japoneses deixam suas atividades de lado e se aglomeram nos parques, como o Ueno, em Tóquio, simplesmente para ver as árvores floridas. Multidões de pessoas de todas as idades se espremem em filas ordenadas como procissões em direção a esses locais. Muitos chegam a pernoitar para garantir um posto privilegiado. [...] Na cidade de Kyoto, o ritual de visitar as flores do monte Yoshino, coberto por mil pés de cerejeiras, repete-se anualmente desde o século VIII. (SAKURAI, 2008, pp.16-18).

Para os japoneses, diz-se que possui significação especial associada à felicidade e à honra, sendo muitas das lendas sobre a origem do Hanami relacionadas aos samurais. No Japão contemporâneo, é, ainda, uma oportunidade de cultuar a natureza no interior de parques que prezam por manter intactas estas árvores que são símbolo do país.

Sob o tremular de bandeiras do Brasil e do Japão distribuídas à maioria dos presentes, o príncipe Naruhito sobe ao palco principal ao som de um coral de mais de mil vozes que cantaram, juntamente com os mais de 75 mil presentes, os hinos do Japão e do Brasil.

Em memória aos ancestrais e aos imigrantes japoneses que já se foram, é realizada uma cerimônia religiosa com elementos xintoístas e budistas, no tradicional “Culto aos Antepassados”. O espaço reservado ao ritual é relativamente curto se considerado o restante das atividades realizadas durante o dia, no entanto, a sua plenitude se revela na sua riqueza de significados.

Para além de muitos dos significados conferidos ao Culto aos Antepassados já descritos no capítulo destinado ao *Ireisai* em Maringá, ele está fundamentalmente imbricado ao Culto ao Imperador nos primeiros momentos, conforme observou Maeyama (1973, p.435):

O culto ao Imperador em si é, até certo ponto, uma variedade do culto aos antepassados. A nação japonesa era concebida como uma “família” patriarcal, sendo o Imperador seu chefe. O Imperador era o “pai” e a Imperatriz a “mãe” do povo japonês [...] O Japão, como um país, era considerado um único *ie*.

Considerando os imigrantes japoneses e seus descendentes como representantes de uma ancestralidade por serem os fundadores do empreendimento da Colônia Japonesa, o Culto ao Imperador se reveste de significações para a comunidade. Discorrendo sobre as primeiras gerações de imigrantes e suas

dificuldades de assimilação é que aponta o pesquisador Tetsundo Tsukamoto (1973, p.13):

[...] buscando compensação nos ídolos da Mãe-Pátria [...] o culto dos ídolos centralizou-se na veneração à imagem do Imperador qualificado como "inigualável" e na apologia às virtudes do sistema familiar japonês [...] a intensidade da crise de nostalgia é algo difícil de ser imaginado, e é nesse contexto que o imigrante, numa tentativa de preencher a lacuna aberta por essa nostalgia, é possuído do orgulho, do ideal incutidos pelo governo de sua Pátria.

As motivações desta veneração podem ser verificadas ainda nas explicações de Tsukamoto (1973, p.26):

A tendência nacionalista do imigrante, assim despertada, manifesta-se sob a forma de veneração e saudosismo no que se refere ao regime político, ao povo que deixou na terra de origem, e a qual, num determinado momento, é reconhecida como o único apoio espiritual existente.

Verificando a aplicabilidade do Culto ao Imperador em um cenário posterior à Segunda Guerra Mundial, portanto, quando o nacionalismo no Japão não estava mais tão exarcebado, observa Maeyama (1973, p.245):

Embora o culto ao imperador tenha perdido grande parte de sua base desde o término da Segunda Guerra Mundial, a niponicidade, como sustentáculo da identificação de grupo, não perdeu totalmente o terreno. Mesmo o culto ao imperador, apesar de um tanto modificado em sua forma, sobrevive, até certo ponto, entre os japoneses no Brasil de hoje.

Após o Culto aos Antepassados, as autoridades iniciam a cerimônia de abertura dos trabalhos com os seus discursos dirigidos à população. Considerando também a presença do senhor José Alencar, vice-presidente do Brasil, foram elencados dois dos discursos oficiais para reprodução, sendo os discursos de Sua Alteza, o Príncipe Naruhito e do governador do estado do Paraná, sr. Roberto Requião⁶⁴:

⁶⁴ Íntegra do discurso do governador Roberto Requião. Fonte: Agência Estadual de Notícias do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.aenoticias.pr.gov.br/modules/news/article.php?storyid=38721>>. Acesso em: 25 nov. 2008.

Príncipe Naruhito, bem-vindo ao Paraná. A presença de Vossa Alteza nesta celebração engrandece as comemorações do Centenário da Imigração Japonesa ao Brasil e atesta a importância que os nossos povos dão à data. O encontro de cem anos atrás marcou para sempre as nossas vidas, as nossas histórias.

Paranaenses.

É com grande alegria que o Governo do Paraná associa-se às comemorações do primeiro centenário da imigração japonesa ao nosso país. Afinal, o nosso estado desempenhou um papel central nessa história, desde a chegada dos primeiros imigrantes aos dias que correm. Aqui, no nosso Paraná, os japoneses construíram a sua segunda maior colônia no Brasil.

Na verdade, a história da imigração japonesa no Paraná corre paralela e confunde-se com a própria história da conquista, desbravamento e colonização de vastas regiões de nosso território, como o Norte e o Noroeste do Estado, onde, preferencialmente, os japoneses se instalaram.

De fato, Jacarezinho, a cidade mais antiga da região Norte do Estado, tinha apenas algumas poucas casas quando o Kasato Maru aportou em Santos.

Rolândia, onde estamos e iniciamos essas comemorações, tem hoje 74 anos. Quer dizer, os imigrantes e seus primeiros descendentes tiveram uma importante participação no surgimento desse cordão de cidades que vai da fronteira Norte com São Paulo ao extremo Noroeste, e onde hoje se concentram mais de 30 por cento dos paranaenses. Sendo que algumas dessas cidades, como Uraí e Assaí, surgem como cidades essencialmente japonesas.

Com a colonização das regiões Norte, Noroeste e Oeste, onde também vamos localizar a presença de imigrantes japoneses, amplia-se e completa-se a conquista do território paranaense, estendem-se e esgotam-se as fronteiras agrícolas, muda-se o perfil de nossa economia, acelera-se o processo de urbanização. Enfim, nasce o Paraná moderno.

Como se vê, os japoneses chegam ao Paraná em um momento crucial de nossa história, quando começamos a sacudir as peias do oligarquismo e a deixar a clássica economia dos ciclos extrativistas, para ingressar no agitado, intenso e transformador século 20.

E os japoneses vieram para participar, atuar nesse processo de mudança do perfil econômico e social paranaense. Foi na encruzilhada de nossa história que se deu o nosso encontro.

Príncipe Naruhito, senhoras, senhores.

Toda marcha migratória, forçada ou não, é uma violência. O desenraizamento é uma violência. Deixar a terra ancestral, usos e costumes construídos em séculos, deixar para trás familiares, amigos, vizinhos, é uma violência. Apenas a pressão extrema dos acontecimentos, quer econômicos, sociais ou políticos, justifica a decisão de abandonar o local de origem, submeter-se à dureza da separação, da distância, da saudade.

Se neste Novo Mundo, nesta América somos todos imigrantes e apenas 400 anos separam a vinda dos primeiros portugueses da chegada dos japoneses, acredito que uma das mais complexas das imigrações tenha sido exatamente a de seu povo, príncipe Naruhito.

Excetuando, é claro, o crime de lesa-humanidade que foi a imigração forçada de nossos irmãos negros. Um crime para sempre sinetado em nossa história.

Procedentes da Europa, portugueses, espanhóis constroem aqui um mundo à sua semelhança. Na seqüência, italianos, alemães, poloneses, ucranianos adaptam-se a uma realidade de certa forma "européia". Não se registra, portanto, um choque cultural tão intenso.

Os japoneses, no entanto, transportam-se a uma realidade absolutamente diversa da que viviam. A mudança é radical, alucinante. A primeira exigência para quem embarcasse no *Kasato Maru*, por exemplo, é que vestisse trajes ocidentais. Grande parte dos embarcados fazia isso pela primeira vez. São comoventes aquelas fotos em preto-e-branco dos primeiros imigrantes, todos visivelmente pouco à vontade em ternos e gravatas, em saias e *tailleurs*.

Nos relatos, que agora lemos, da longa travessia, da chegada, e principalmente da instalação na nova terra, pontuam-se aflições, sensação de desamparo, desilusões. Não era para menos. Por mais que se dêem asas ao delírio, talvez não alcancemos a intensidade do conflito.

Logo, é admirável a resistência, a persistência desses pioneiros da imigração japonesa. Não desistiram, não se dobraram, não cederam. Determinados, arrostaram todas as dificuldades e até mesmo preconceitos. De tal forma que, hoje, cem anos depois, por onde lancemos os olhos, vemos e nos encantamos com os resultados dessa intrepidez.

Todas as barreiras e embaraços foram vencidos. Superamos a distância do idioma, dos costumes. E, agora, quando se anuncia o nascimento do primeiro *rokusseí*, o primeiro tetraneto de um dos passageiros do *Kasato Maru*, saudamos com entusiasmo a perfeita simbiose entre os nossos povos.

Se é verdade que a sexta geração consolida o enraizamento em nosso país, não é menos verdade que as tradições e a cultura japonesas vão continuar sendo preservadas e cultuadas também pelos *rokusseis*.

Por ter acolhido e abrigado a segunda maior colônia japonesa no Brasil, o Paraná sempre buscou manter com o Japão relações muito próximas, especiais. Tanto é assim que há 38 anos assinamos com a Província de Hyogo um compromisso de irmandade. Foi de Kobe, capital de Hyogo, que zarpou há cem anos o *Kasato Maru*, dando início o extraordinário encontro de nossos destinos.

Em maio do ano passado, quando fui ao Japão para formalizar o convite à Família Imperial, para que participasse dos festejos do Centenário de Imigração, estive mais uma vez em Kobe, e reafirmei com o governador Toshizo Ido os tantos acordos de cooperação e de intercâmbio que o Paraná e Hyogo mantêm.

Alteza Imperial, príncipe herdeiro Naruhito, reafirmamos aqui o nosso desejo de estreitar ainda mais essa parceria, tanto no campo empresarial, como nos campos cultural, técnico, de ensino e pesquisas. Um interesse que se reafirma quando sabemos que, hoje, cerca de 350 mil brasileiros, descendentes daqueles imigrantes que aqui aportaram há cem anos, vivem no Japão. Agora, são eles que deixam sua pátria à busca do sonho de uma vida melhor.

Paranaenses, ilustres visitantes.

No exato momento em que comemoramos cem anos da chegada dos primeiros imigrantes japoneses, no momento em que festejamos a imigração e a louvamos pelas contribuições ao processo civilizatório, não podemos deixar de lamentar o surgimento de manifestações e legislações xenófobas, discriminatórias, racistas que, principalmente na Europa, perseguem os imigrantes.

Associo-me aqui ao presidente Lula que, na quarta-feira passada, deplorou o endurecimento das regras da União Européia contra os imigrantes. Como disse o governo brasileiro, a decisão “contribui para criar percepção negativa da migração e vai no sentido contrário ao da desejada redução de entraves à livre circulação de pessoas e de um mais amplo e pleno convívio entre os povos”.

Ninguém imigra como quem passeia ou faz turismo. A imigração, desde os primeiros deslocamentos do homem sobre a terra, sempre foi o último recurso de que se lança mão à procura da sobrevivência, de uma vida melhor, mais segura. O próprio continente europeu é um exemplo disso. Talvez nenhum outro continente experimentou deslocamentos tão intensos de populações como a Europa, especialmente a sua parte ocidental.

Hoje, no entanto, na confortável posição de corifeus da globalização, de novos senhores do dinheiro, montados nos lucros ciclópicos da especulação e das *commodities*, querem os pobres longe de seus jardins.

Brasil e Japão já deram belos exemplos de convivência e respeito, em relação aos seus imigrantes. Podemos ser referência de uma harmonia possível, desejável e necessária.

Príncipe Naruhito, senhoras e senhores.

Desde o início do ano, deste ano do Centenário da Imigração, falou-se muito, escreveu-se muito e ainda há de se falar, discursar e escrever sobre a magnífica contribuição dos japoneses e seus descendentes à vida brasileira. Da mesma forma, citaram-se nomes, biografaram-se personalidades, intelectuais, políticos, cientistas.

De minha parte gostaria de fazer uma citação, uma menção, uma homenagem à participação corajosa, valorosa, heróica de descendentes de japoneses em episódios fundamentais na história recente de nosso país. A participação na resistência à ditadura.

E cito aqui como símbolo dessa resistência o nome do *sansei* Luís Hirata. Destemido, valente, extremamente dedicado à luta por um Brasil justo, fraterno, solidário e desenvolvido, Luís Hirata deu a vida para o seu povo. No frescor de seus 24 anos, morreu abatido pela repressão.

Como se vê é ampla, intensa, generosa a participação dos japoneses e seus descendentes em nossa história. A eles o nosso muito obrigado. Obrigado por terem vindo. Obrigado pela magnífica descendência que deixaram. Obrigado pela colonização dessas terras. Obrigado pela contribuição na construção do Paraná e do Brasil modernos. Obrigado pelo Luís Hirata e por tantos outros co-autores de nossa história.

Obrigado. A nossa união, a nossa irmandade, os nossos laços são para sempre.

Todos os olhares eram dirigidos à realeza, que era acompanhado em cada gesto, cada expressão, cada olhar. Apesar de parecerem desnecessárias as palavras, o momento mais importante da cerimônia aconteceu quando Sua Alteza, o Príncipe Naruhito, se dirigiu à platéia em seu discurso, o qual reproduzo em sua íntegra⁶⁵:

Neste ano no qual comemoramos o Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, atendendo ao convite do Governo do Brasil, venho para a minha segunda visita ao solo brasileiro como presidente honorário do Ano do Intercâmbio Japão-Brasil. Hoje, sinto-me imensamente satisfeito por poder participar aqui no Estado do Paraná, juntamente com o excelentíssimo senhor José Alencar, vice-presidente da República, o senhor Roberto Requião, governador do Estado do Paraná, o senhor Eurides Moura, prefeito do município de Rolândia, e todas as pessoas aqui presentes, da cerimônia oficial do Estado do Paraná em comemoração ao centenário da imigração japonesa no Brasil.

No Japão, também, estão sendo realizados muitos eventos comemorativos ao centenário da imigração japonesa no Brasil. No dia 24 de abril, em Tóquio, com a presença de Suas Majestades o Imperador e a Imperatriz, participei da solenidade oficial do Ano do Intercâmbio Japão-Brasil/Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, como presidente honorário do Ano do Intercâmbio Japão-Brasil. No dia 28 de abril, data em que o navio Kasato-Maru com os primeiros imigrantes partiu do porto de Kobe há exatos 100 anos, foi realizada na cidade de Kobe a solenidade do centenário da imigração japonesa no Brasil, da qual também participei.

Nesta visita ao Brasil, estive em Brasília e São Paulo; há pouco desembarquei na cidade de Londrina e, a caminho até a cidade de Rolândia, tive uma recepção muito calorosa não só dos imigrantes japoneses e seus descendentes, mas também do povo brasileiro. Ao mesmo tempo, comparando com a última vez que estive aqui, um quarto de século atrás, vejo diante dos meus olhos o Brasil de hoje alcançando cada vez mais progresso.

O Estado do Paraná tem a maior comunidade japonesa depois do Estado de São Paulo, e senti novamente que os imigrantes japoneses e seus descendentes que residem nesta terra estão integrados à sociedade brasileira e atuam em muitas áreas.

O Japão e o Brasil estão festejando este ano o Ano do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e o Ano do Intercâmbio Japão-Brasil e juntos rumam para o futuro ampliando e aprofundando as relações de amizade de mais de 100 anos. Sem esquecer a admiração pelo esforço contínuo por longos anos dos descendentes japoneses em solo brasileiro e o agradecimento à calorosa receptividade do Governo do Brasil e seu povo para com os imigrantes japoneses, é meu desejo que a relação bilateral se desenvolva por longa data. Se minha visita contribuir para estreitar ainda mais as relações de amizade e fraternidade entre os dois países, ficarei muito feliz.

⁶⁵ Fonte: Agência de Notícias do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.agenciadenoticias.pr.gov.br/modules/news/article.php?storyid=38714>>. Acesso em: 25 nov. 2008.

Ao concluir minhas palavras, a todos que participam desta solenidade, desejo profundamente que atuem ativamente como ponte que interliga a relação de amizade entre ambos os países.

É possível perceber uma sensível diferença nos tons dos dois discursos proferidos. Naruhito agradece, em sua fala citada, “ **à calorosa receptividade do Governo do Brasil e seu povo para com os imigrantes japoneses**”. E conclui desejando que o evento represente o estreitamento das relações de amizade entre os dois povos.

Requião faz um discurso institucional e político, localizando as migrações em um cenário econômico determinado e afirmando no seu discurso já citado que “**ninguém imigra como quem passeia ou faz turismo. A imigração, desde os primeiros deslocamentos do homem sobre a terra, sempre foi o último recurso de que se lança mão à procura da sobrevivência, de uma vida melhor, mais segura**”.

É possível perceber ainda, na fala de Requião, que, ao discorrer sobre a receptividade do Brasil aos diversos grupos de imigrantes que acorreram ao país, ele contrapõe a falta de disposição de países que fizeram parte deste fluxo em acolher igualmente os imigrantes, referindo-se, principalmente, a entraves à imigração de brasileiros nos países ditos “desenvolvidos”.

Mesmo que não o tenha dito diretamente, pela elegância requerida pela situação, o discurso do governador Requião localiza, implicitamente, os *dekasseguis* neste discurso que tem um caráter reivindicatório de direitos para os brasileiros que vivem no exterior. Neste sentido a sua fala é, necessariamente, política e militante.

Representando naquele ato também o Estado brasileiro, Requião não se furta a explorar temas polêmicos como racismo e preconceito, citando a escravidão no Brasil e o cenário vivenciado pelos primeiros imigrantes japoneses no país. Ao contrário da exaltação da imagem estereotipada do japonês ordeiro e que aceita sem contestações as situações impostas, Requião destaca o papel dos militantes *nikkeis* na resistência à ditadura militar no Brasil e a sua contribuição nos diversos campos do conhecimento e no mundo das artes.

Tratando-se de um evento fundamentalmente artístico, após os discursos oficiais, iniciam-se as apresentações culturais em homenagem aos

imigrantes. Reverenciando o príncipe, os artistas estão, simbolicamente, reverenciando toda a comunidade nipo-brasileira.

A formatação do evento prezou por manter apresentações identificadas com a cultura japonesa e com a “cultura brasileira”. Entendida a cultura no Brasil como a mistura de uma infinidade de influências culturais é que uma série de apresentações guardavam relação com diferentes grupos étnicos.

Desta forma se apresentaram grupos identificados com a cultura japonesa, a cultura alemã, com os italianos, com os portugueses, com os espanhóis, acontecendo ainda espetáculos de grupos de balé e de uma dezena de outras formas artísticas. Mas uma das apresentações mais emocionantes, pela própria história desta arte, veio ao som do berimbau, com o grupo de capoeira.

Durante o evento, consegui entrevistar o contramestre de capoeira que se apresentou com sua turma de alunos. Afrodescendente, militante dos movimentos de negritude, Pinauna é natural do estado da Bahia, da região nordeste do Brasil, e reside atualmente em Maringá.

O grupo de capoeira maringaense, composto em sua maioria por crianças, havia chegado em Rolândia às 09:00 h da manhã e se apresentou durante os eventos da tarde. Ao ser indagado sobre como se sentia ao se apresentar ao príncipe, Pinauna respondeu: **“Importante, pois mostra minha arte brasileira para o príncipe do Japão. [...] Penso que pela primeira vez ele viu a capoeira e quem mostrou fui eu”**.

O contramestre discorre sobre o respeito que nutre pela cultura japonesa e pelos seus descendentes, afirmando, ao ser questionado sobre o que ele levaria do evento ou ainda sobre o que ficaria registrado em sua mente: **“O valor que um homem tem no país dele. Isso eu quero para mim”**.

Pinauna afirmou ainda que o evento mostraria um dos princípios intrínsecos aos japoneses e que ele mais prezava, em suas palavras, seria a questão da **“evolução”**.

Embora eu estivesse em Rolândia naquela tarde em função da pesquisa, não posso deixar de registrar que foi uma das melhores imersões no trabalho de campo que tive. Seja pela representatividade do evento, seja pela riqueza do material coletado ou também pela experiência inusitada de ver o Príncipe Naruhito ao vivo e em um momento indiscutivelmente histórico para a comunidade nipo-brasileira.

Visando participar do maior número de eventos com a presença do príncipe, optei por me retirar mais cedo dos eventos em Rolândia para me deslocar em direção à Maringá, para onde a comitiva seguiria logo mais e onde milhares de pessoas o esperavam desde o início da tarde. Para isso, tive que traçar diversas estratégias, desde o planejamento do lugar onde o carro havia sido deixado, até atalhos e um certo preparo físico. Do contrário não seria possível chegar em Maringá em tempo hábil.

Naruhito iria inaugurar o monumento alusivo às comemorações do Imin-100, descerrar a placa de inauguração do Parque do Japão, lançar a sua pedra fundamental e plantar uma árvore. Sob um intenso sol, centenas de pessoas se movimentaram em idas e vindas durante a tarde no aguardo da chegada do Príncipe Naruhito em Maringá.

Com área igualmente reservada para os mais idosos e para as autoridades, as acomodações para o público eram, entretanto, precárias e as pessoas reclamavam da demora do príncipe. Quando cheguei, muitos já estavam indo embora e questionando a tão divulgada “pontualidade japonesa”.

Diferentemente de Rolândia, Maringá encontrava-se em um dia ensolarado e no qual acontecia o Festival Nipo-brasileiro de Balonismo. Pode-se dizer, que, “sob a benção da deusa Amaterasu”, Maringá enfeitara seu céu para receber um de seus filhos mais ilustres!

Sob uma procissão de carros e escoltado por helicópteros, o neto de Hiroíto chega ao Parque do Japão e é aclamado pelos presentes e reverenciado pelos mais antigos⁶⁶. O príncipe desce, encaminha-se até o centro do evento para o lançamento da pedra fundamental do parque, planta uma árvore, tece algumas palavras em inglês com o prefeito de Maringá e se despede dos presentes.

Alguns dizem que o príncipe ficou 5 minutos no local, outros tem o seu cronômetro mais generoso. O que se sabe ao certo é que, dada a disposição das pessoas no local, que não permitia uma boa visibilidade, e, considerando a rapidez do acontecimentos, a maioria não soube exatamente o momento no qual Sua Majestade chegou ou saiu.

Mas isso pouco importa para os imigrantes japoneses e descendentes que esperaram, não uma tarde, mas talvez uma vida por aquele

⁶⁶ Não era incomum existir, na casa dos imigrantes japoneses, quadros com imagens de Hiroíto pregados nas paredes. Dentre os que ainda vivem, muitos mantêm a tradição de reverência a Hiroíto.

momento. E os netos desses imigrantes talvez dirão, anos mais tarde, aos seus descendentes, como foi que assistiram à memorável visita do príncipe Naruhito por Maringá, em uma cerimônia que durou, não uma tarde, mas um dia inteiro. Foram minutos que valeram por uma eternidade!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Aqui pela primeira vez
 Eu canto pra vocês
 Um samba e um batuque feito pra japonês
 E vem aqui dançar comigo
 Sem levar um tombo
 E só se para quando ouvir o som daquele gongo
 Tóquio é a cidade que
 Quase vive em paz
 Pois a polícia lá estuda até arranjos florais
 Bruce Lee, Kung-fu, Shaolin chegou
 E veio sambando e cantando em nagô
 O sol então nos encontrará
 Pela madrugada
 Numa festa como num conto de fadas
 Cor de jade e de marfim, nos invade
 Amor sem fim, felicidade é uma coisa assim
 O sol então nos encontrará
 Pela madrugada
 Numa festa como num conto de fadas
 Cor de jade e de marfim, nos invade
 Amor sem fim, felicidade é uma coisa assim”
 (Samba Japonês—Composição de Nelson Jacobina/Jorge Mautner)⁶⁷

Personagens apresentando-se ao público ao tremular de bandeiras em verde e amarelo, representando o Brasil, no palco branco com a bola vermelha, que reproduzia visualmente a bandeira do Japão, anunciavam o início da festa das identidades.

Os sons do *taiko* ressoavam das batidas de tambores e ritmos para a guerra. Uma miscelânea de personagens ocupavam a arena de espetáculos portando flechas e vestindo trajes que faziam lembrar aos presentes tribos indígenas e africanas. Meninos de preto lutavam tal qual samurais.

Karatekas⁶⁸ desafiavam-se em cima do palco ao lado de uma pequena gueixa, que apresentava os traços da delicadeza da mulher japonesa. De repente, ela se despia de seu quimono de *maiko*⁶⁹ e o que se via era um quimono de luta. Dos traços mais delicados surgiam os golpes mais perfeitos e ela arrebava a todos indistintamente.

⁶⁷ O que é possível verificar na letra deste samba é uma profusão de misturas culturais que mais se assemelham a imagens de um desfile de escolas de samba na avenida. A letra facilita a construção das imagens para dizer o que ela quer comunicar, uma grande mistura cultural. Ao utilizar a poética do samba, o qual é identificado com o que é tipicamente brasileiro, afirma-se a brasilidade contida na descrição do Samba Japonês .

⁶⁸ K arateka é o lutador de Karatê, arte marcial identificada com o Japão.

⁶⁹ *Maiko* é a jovem gueixa, ainda em estágio de aprendizado para se tornar uma verdadeira gueixa.

O *Tsuru*, ave, símbolo e origami da paz no Japão, reinava de forma absoluta e o seu intérprete desenvolvia a sua coreografia fazendo desaparecer todos os demais ocupantes da arena de apresentações. E o silêncio da multidão respondia da forma como se pedia, para que se refletisse sobre a necessidade da paz no mundo.

O concerto de música tradicional japonesa, em um ambiente tomado pela seriedade de seus membros, os quais se apresentavam em trajes sociais impecáveis, era intercalado, a cada pausa feita pelos músicos, pelo som do rock pesado que vinha de uma arena reservada aos jovens *nikkeis* que apenas iniciavam a noite ao som de guitarras, baixos e baterias.

Em outro pavilhão, música ao estilo karaokê democratizava o acesso a todos os cantantes que quisessem partilhar do microfone, onde podia se perceber a presença de uma variedade de estilos musicais e também uma diversidade de gerações.

De repente, um robô, cercado de jovens, ao som de música eletrônica e iluminações ao estilo de uma “rave”, se transformava lentamente em um carro, para novamente se transmutar em um robô. Era o verdadeiro encontro da ficção com a ciência.

Estes recortes apresentados brevemente são parte das atividades culturais realizadas durante a semana de comemoração ao centenário da imigração japonesa no Brasil no Expo Imin 100, em Londrina, os quais introduzem a imagem da diversidade da própria comunidade nipo-brasileira.

O que se percebeu na festividade em Londrina encontrou-se reproduzido, em diferentes níveis, nas demais festividades alusivas ao Imin-100. Uma infinidade de traços distintivos da cultura nipo-brasileira foram eleitos em cada festividade para representar o universo dessa cultura.

Não foram poucas as festas carnavalescas que tiveram como temática o centenário da imigração japonesa no Brasil. No Rio de Janeiro, a Escola do Grupo Especial Porto da Pedra desfilou com o tema "Tem pagode no Maru! 100 anos de imigração japonesa", apresentando o samba-enredo:

Brasil! Abra o leque ao Japão,
São 100 anos de imigração
O show vai começar
De São Gonçalo o meu Tigre se transforma em Torá
Imperador da cultura milenar

No templo dourado a Mãe Natureza
 Sopra o vento da paz, encontro marcado com a sutileza
 Há luz, bambus, bonsais
 Gira baiana, oh! Mãe do Samba
 Emana cerejeira em flor
 Na grande viagem, a fé na bagagem
 A esperança navegou

O Maru cruzou o mar
 Lançado à sorte, o braço forte na lavoura trabalhou
 A liberdade cultura viva
 Terra querida é luz e cor

O sopro do gênio o fez samurai
 Quem foi Manabu? Das artes o pai
 Quem dobra o papel com as mãos do céu
 Faz do origami pedaço de paz
 Vai um sushi saborear
 Vi um gato no mangá, o gato é sorte
 Vem coração oriental
 Vem na era digital me dar suporte
 Japão, o sol nascente brilha em cada um de nós
 Em Azakusa agora explode a minha voz
 E a lágrima que cai é de emoção

A verdade que embala o meu coração
 É a Porto da Pedra a minha paixão
 Aplausos que o show vai terminar ô ô
 Me perdoe se eu chorar

(Samba enredo "Tem pagode no Maru! 100 anos de imigração japonesa" da Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra RJ)⁷⁰

Em um movimento de resgate da historicidade, a escola buscou abordar aspectos vivenciados pelas primeiras gerações de imigrantes, suas práticas culturais, ao mesmo tempo em que mesclava características do Japão “moderno” e seus principais expoentes. A alegria, própria dos desfiles, foi uma constante na avenida. Mesmo considerando as dificuldades pelas quais passaram os imigrantes japoneses no Brasil e seus descendentes nos primeiros anos, os cem anos da imigração japonesa apresentavam ao Brasil e ao Japão motivos de comemoração. Neste sentido, temas descontraídos foram eleitos para a centralidade do desfile na Sapucaí. O choro, que finaliza o samba enredo, é de alegria.

Os *cosplayers*, interpretando personagens de *mangas* e *animes* foram responsáveis pelos momentos mais esperados e descontraídos dos desfiles. Contração do termo *costume*, que pode ser traduzido do inglês como “fantasia” e

⁷⁰ Disponível em:
 <http://centenario.ipcdigital.com/index.php?option=com_content&task=view&id=45&Itemid=27>.
 Acesso em 03 mar. 2009.

play, brincar, os *cosplayers* são brincantes que vivem a fantasia de se transmutarem em seus personagens favoritos através de seus trajes e características. Estes brincaram na avenida desfilando todo o encanto de se fantasiarem de personagens e os reviverem através das mímicas e interpretações, trazendo ao público o universo dessas histórias e chamando-o à interação.

Uma das maiores influências do Japão sobre o público brasileiro nas últimas décadas foi exatamente o mundo dos personagens de quadrinhos e animação através dos *mangas*, *animes*, videogames e *tokusatsus*. Genericamente falando, os *mangas* são os quadrinhos japoneses e os *animes* são qualquer espécie de animação, comumente representados pelos desenhos animados. *Tokusatsu* é a abreviação do termo *tokushu satsuei*, que significa “filmes de efeitos especiais”. Nesta modalidade podemos citar como exemplo as séries “Godzilla” e “Jaspion”, que tiveram uma grande aceitação do público infanto-juvenil e que podem ser considerados como uns dos precursores dos filmes do gênero no Brasil.

Levando em conta a interação cultural entre o Brasil e o Japão no mundo dos personagens de ficção infanto-juvenis é que Mônica e Hello Kitty foram eleitas para representar o encontro dos dois povos no ano do Imin-100. Da mesma forma que a personagem japonesa Hello Kitty, Mônica é uma personagem brasileira muito querida do público infantil. Maurício de Sousa, criador da Mônica, presenteou a comunidade *nikkei* com a criação de dois novos personagens no centenário da imigração, o Tikara e a Keika, que foram eleitos os mascotes oficiais do Centenário da Imigração Japonesa.

Tikara é também uma palavra japonesa que significa força, vigor e energia. De acordo com o desenhista e escritor Maurício de Sousa, em entrevista concedida à revista *Made in Japan* (2008, p.60): “Tikara terá valores como ética e honestidade”. *Nikkeis* que são, estes personagens representam, ao mesmo tempo, a comunidade nipo-brasileira no Japão e são emblemáticos da conformação da imagem social do grupo nos dois países.

*Irashaimasse*⁷¹ é o que o Brasil está querendo dizer aos japoneses e seus descendentes passados cem anos de sua chegada:

⁷¹ *Irashaimasse* é um termo em japonês equivalente à expressão “seja bem vindo”.

Estrelas vão brilhar
 Vila Maria vai passar
 Irashai-Mase a este povo do Oriente
 Da terra do sol nascente
 Abrem-se os portais
 Das tradições, de uma cultura milenar...
 Preservam seu jardim oriental e a arte de cultivar
 Na religião, celebração, a cerimônia do chá
 No Ocidente se tornou realidade
 A conquista do tratado da amizade
 E com a honra de um samurai guerreiro
 Cruzou os mares rumo ao solo brasileiro
 Pra massa toda aplaudir
 A bateria ta aí... Vem ver
 E vamos comemorar
 O centenário brindar... Saquê
 Em sua criação, gentileza tem rosto de mulher
 Símbolos da sorte que anunciam devoção e muita fé
 O shodô não se apagou!
 A arte deu movimento à vida!
 No plantio do algodão, ô terra boa que se planta dá
 Na culinária, requinte em nossa mesa
 Pratos com toque de beleza
 A evolução da tecnologia
 Dá asas a imaginação, presente em nosso dia-a-dia
 Com a imigração, somos filhos de uma só nação
 Arigatô a essa parceria
 Brasil, Japão que alegria...

(Samba enredo 2008 da Unidos de Vila Maria SP: "Irashai-mase, milênios de cultura e sabedoria no centenário da imigração japonesa". Compositores: Dão, Veia, Martins, Nando e Moleque Pára)⁷²

Os *nikkeis* não aceitam não ter identidade e afirmam isso a todo o momento. Ao mesmo tempo em que apresentam a diversidade das imagens contruídas para a comunidade nipo-brasileira na atualidade, as festividades são uma reafirmação do grupo étnico, independentemente das mudanças sugeridas para uma mesma comunidade étnica no decorrer do tempo. Para Manuela Carneiro da Cunha (1986, p. 117):

Grupos étnicos distinguem-se de outros grupos, por exemplo, de grupos religiosos, na medida em que se entendem a si mesmos e são percebidos pelos outros como contínuos ao longo da história, provindos de uma mesma ascendência e idênticos malgrado separação geográfica. Entendem-se também a si mesmos como portadores de uma cultura e de tradições que os distinguem de outros. Origem e tradições são, portanto, o modo como se concebem os grupos: em relação ao único critério de identidade étnica, o de serem ou não identificados e se identificarem como tais, origem e tradições são, porém, elaborações ideológicas, que podem ser verdadeiras ou falsas, sem que com isso se altere o fundamento da identidade étnica.

⁷² Disponível em: <<http://carnaval.globo.com/Carnaval2007/0,,CVC20-8052,00.html>>. Acesso em: 03 mar. 2009.

Em um primeiro momento, os nipo-brasileiros buscaram uma imagem étnica que, mantendo os laços com um lugar imaginado⁷³, desse sustentação à própria existência do grupo. Portanto, uma “japonidade”, que funcionaria como um “mito fundador” para a comunidade, tais quais as definições fechadas de identidade apresentadas por HALL (2003, p.29).

Possuir uma identidade cultural neste sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. É claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significados às nossas vidas e dar sentido à nossa história.

No Brasil, a comunidade nipo-brasileira, originalmente conhecida como “colônia japonesa”, carregava a especificidade de identificar os descendentes de japoneses que participavam das atividades promovidas por suas associações para a “manutenção da cultura japonesa”. Portanto, ela era lembrada com tudo o que fosse identificado com o Japão, seja pelos “olhos puxados” de seus *nikkeijins* ou pelos traços culturais que visava preservar.

Adão, afrodescendente, que trabalhou como segurança no Festival Nipo-brasileiro, em entrevista a mim concedida durante a festividade, em 15 de agosto de 2008, relata suas impressões sobre a comunidade nipo-brasileira: **“ É aqui que eu vejo o conservadorismo. Os japoneses que frequentam a ACEMA são muito conservadores. Eu tenho uma amiga, sofria muito namorando um filho de japoneses, a família não aceitava o namoro porque ela era brasileira. Isso porque ela era loira, imagina se fosse negra!”**

Dentre os membros mais conservadores da colônia japonesa em relação aos costumes tidos como japoneses, era comum se referirem aos não descendentes de japoneses como *gaidins*, que é uma palavra japonesa que significa, de uma forma bastante pejorativa, estrangeiros. Esta imagem de homogeneidade ou desejo de homogeneidade entre os descendentes de japoneses está mais de acordo com as suas primeiras gerações. Tanto que, no caso em questão, apesar das dificuldades encontradas, o casal terminou por se casar.

⁷³ Lugar imaginado aqui entendido como as comunidades imaginadas de Benedict Anderson (2008). No caso, tendo o Japão como comunidade imaginada.

Não eram todos e nem mesmo é possível afirmar que a maioria dos brasileiros *nikkeis* identificassem a si mesmos como japoneses e aos demais brasileiros não descendentes de japoneses como *gaidins*. No entanto foi assim que os *nikkeis* foram popularmente chamados pela maioria dos brasileiros e ainda são em muitos momentos: japoneses.

A esse respeito, é interessante notar a fala de Alexandre, advogado, *sansei*, em entrevista a mim concedida durante festa temática japonesa ocorrida em um parque aquático de Maringá em novembro de 2008: **“Ah! Está acontecendo uma festa temática japonesa aqui no parque? Eu nem estava sabendo! É bom porque eu já estou fantasiado [...] Eu não sou japonês, eu nasci no Brasil, então, como qualquer outro, eu sou brasileiro [...] eu não tenho nada de japonês a não ser os olhos puxados”**.

Alexandre ainda se queixou de um certo racismo existente contra os descendentes de japoneses no Brasil e a sua luta para fugir dos estereótipos. Apesar de ter frequentado aulas de danças de salão durante meses, enquanto as pessoas não o vêem dançando, a maioria comentaria que ele provavelmente não saberia dançar em função de ser “japonês”.

Na sua luta diária pelo direito ao reconhecimento de ser brasileiro, Alexandre é um exemplo de “militância étnica”. Para o historiador norte-americano, que se debruça sobre o tema da etnicidade dos *nikkeis* em seu país e no Brasil, Jeffrey Lesser (2008, p.24):

Na ausência de movimentos formalmente constituídos em favor dos direitos dos *nikkeis*, a militância étnica tomou outras formas. Nos Estados Unidos, nos anos 1960 e 1970, isso frequentemente incluía a “conquista” de “espaços públicos” na arena nacional, mas, no Brasil, a maioria supunha que os grupos minoritários desejavam viver apenas no interior de “espaços étnicos”. Para os nipo-brasileiros, militância significava escapar, de forma enfática, das classificações étnicas, tanto da sociedade majoritária quanto da geração de seus pais imigrantes.

O autor pesquisou o que chamou de militância étnica dos *nikkeis* em sua obra “Uma diáspora descontente: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica”. Lesser estudou a participação dos *nikkeis* na resistência ao regime

militar no Brasil⁷⁴ e a imagem dos japoneses e descendentes na mídia a partir da análise de filmes nacionais.

Visando entender melhor um outro dilema com o qual vivem os descendentes de japoneses brasileiros em relação à identidade étnica, é interessante incorporar às análises as recentes experiências que o movimento migratório dos *dekasseguis* vivencia na atualidade.

No Japão, os brasileiros que participam do fluxo migratório para aquele país a partir de meados da década de 1980, com a abertura da economia para os *nikkeijins* brasileiros, ou brasileiros descendentes de japoneses, ficaram conhecidos como *dekasseguis*. Realizam, em sua maioria, os serviços braçais no Japão e trabalham, de acordo com a pesquisadora Elisa Massae Sasaki Pinheiros (2004, p.34):

empregando-se em ocupações de baixa qualificação caracterizadas pelos japoneses como 3 kás: *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso) e *kitsui* (penoso). Posteriormente, os brasileiros se encarregaram de acrescentar mais dois Ks: *kirai* (detestável) e *kibishii* (exigente).

Esses brasileiros viriam a constituir a comunidade nipo-brasileira no Japão. Visando um melhor entendimento das origens desta comunidade, retomo a definição de nipo-brasileiro à qual este trabalho se alinhou originalmente, conferida por Stadniki e Pinto (1999, p.245):

A expressão *nipo-brasileiro*, surgida no contexto da colonização japonesa no Brasil, sugere a noção de pertencimento dos japoneses imigrantes e seus descendentes a uma comunidade étnica, culturalmente definida, e a uma entidade politicamente definida, no caso o Estado brasileiro.

Neste sentido, a comunidade nipo-brasileira no Japão originalmente seria a transposição da comunidade nipo-brasileira tal qual conhecida no Brasil para o Japão. Ou ainda, a manutenção dos laços e traços culturais identificados com o Japão definidos pelos membros da comunidade nipo-brasileira no Brasil promovida pelos brasileiros que se identificam com esta comunidade no Japão.

⁷⁴ Em 31 de março de 1964, militares depuseram o presidente eleito João Goulart e instauraram no Brasil o que se convencionou chamar de “ditadura militar”, que durou até 1985. Na luta contra o sistema e sua repressão, formam-se diversos grupos de resistência. Imersos neste universo, vários *nikkeis* participam desses movimentos de enfrentamento ao regime militar.

No entanto, conhecidos como japoneses no Brasil, os brasileiros *dekasseguis* são chamados no Japão de *burajirujin*, ou, brasileiros, quer tenham descendência japonesa ou não, quer se chamassem no Brasil de japoneses, em contraposição aos *gaidins*, ou não. Portanto, se em um primeiro momento, os *dekasseguis* vivem uma crise de identidade, é possível dizer que a própria comunidade nipo-brasileira vivencia uma crise, pois seus membros se vêem deslocados dentro do próprio universo simbólico construído.

O preconceito manifesto contra os *dekasseguis* é visível não somente entre os japoneses, mas entre os brasileiros que não participam do fluxo migratório para o Japão como “mão de obra desqualificada”. Ou seja, por parte dos próprios brasileiros que trabalham no Japão em serviços ditos “qualificados”. Portanto, alguns destes brasileiros descendentes de japoneses não gostam de ser identificados como *dekasseguis*, que conotaria uma relação direta com as formas de trabalho braçal no Japão.

Esta mesma forma de preconceito enfrentaram os imigrantes okinawanos dentro do próprio grupo de imigrantes japoneses ao Brasil. Localizada ao sul do arquipélago do Japão e constituindo uma cultura própria, a região de Okinawa foi incorporada posteriormente ao Japão e, embora japoneses, mantendo também características étnicas que lhe são peculiares, os seus habitantes sofreram sistematicamente o preconceito dos demais japoneses, inclusive no Brasil.

Prezando pela manutenção, no Brasil, dos traços identificados com a cultura japonesa, seja na culinária, nas artes ou na tentativa de manter os casamentos dentro do grupo de *nikkeis*, no Japão, essa mesma comunidade nipo-brasileira somente manipulando os símbolos de uma cultura identificada com o Brasil consegue se afirmar enquanto grupo étnico e dar sentido à sua existência, já que se afirma na diferença, conforme a experiência dos grupos diaspóricos estudados por Stuart Hall (2003, p.33):

O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Porém, as configurações sincretizadas da identidade cultural caribenha requerem a noção derridiana de *différance* – uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um epectro sem começo e nem fim.

Japoneses no Brasil e brasileiros no Japão, mesmo sem o saber, esses mesmos personagens terminariam por fundar a comunidade nipo-brasileira no Japão. Ressaltando os aspectos de uma “brasilidade”, os *dekasseguis* promovem, naquele país, uma inversão dos sinais distintivos com os quais o grupo étnico pretendia ser reconhecido no Brasil. A “cultura nipo-brasileira” é identificada, tanto no Brasil quanto no Japão, por seus sinais diacríticos.

Grupos étnicos são formas de organização que respondem às condições políticas e econômicas contemporâneas e não vestígios de organizações passadas. Elas se servem do arsenal cultural não para conservá-los como um todo [...] mas para selecionar traços que servirão de sinais diacríticos para se exibir a afiliação a um grupo. (CUNHA, 1986, p. 95).

Situação parecida já havia sido observada pela antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, em seu estudo “Negros, estrangeiros”. Em sua pesquisa, ela analisou o retorno dos escravos libertos de origem africana do Brasil em sua volta para o continente africano, notadamente para a região de Lagos, na Nigéria, e como, lá chegando, esses indivíduos assumiam uma identidade “brasileira” e se apropriavam de símbolos que visassem reafirmar essa brasilidade.

Portanto, tidos como africanos no Brasil, essa população se afirmava como brasileira em Lagos. Isso teria a ver com o que Cunha chamou de “sinais diacríticos”. Esses seriam os sinais distintivos que as diferentes comunidades prezariam por manter e reproduzir visando a construção de sua etnicidade. Para Cunha (1986, p. 100):

A escolha dos traços culturais que irão garantir a distinção do grupo enquanto tal depende dos outros grupos em presença e da sociedade em que se acham inseridos, já que os sinais diacríticos devem poder se opor, por definição, a outros do mesmo tipo.

Desta forma é que famílias tradicionalmente identificadas com a “colônia japonesa” no Brasil, cujos filhos estudaram em *nihon-gakus*, frequentavam espaços dedicados à prática da cultura japonesa e consumiam cotidianamente comidas da culinária japonesa, quando se deparam com a realidade dos *dekasseguis* no Japão, promovem uma inversão dos sinais distintivos da comunidade nipo-brasileira, passando a se identificar com o Brasil.

A música tradicional japonesa é substituída pelo samba bem brasileiro, lojas de produtos brasileiros se tornam um dos pontos mais prezados

pelos *dekasseguis* e a comunidade nipo-brasileira ocupa os restaurantes com comida típica brasileira ao som de músicas identificadas com o Brasil.

A comunidade nipo-brasileira no Japão não é, portanto, uma simples transposição da comunidade nipo-brasileira do Brasil para aquele país. E, hodiernamente, a comunidade nipo-brasileira assume a conotação de representar os brasileiros e descendentes presentes em solo japonês, e não somente os japoneses e descendentes presentes em solo brasileiro. Nos caminhos percorridos por essa comunidade, torna-se possível pensar na centralidade da própria cultura nipo-brasileira.

A cultura original de um grupo étnico, na diáspora ou em situações de intenso contato, não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna *cultura de contraste*: este novo princípio que a subtende, a do contraste, determina vários processos. A cultura tende ao mesmo tempo a acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacríticos. (CUNHA, 1986, p.99).

O que se verificou na diversidade de atividades realizadas no ano do Imin-100 é o reflexo desta multiplicidade que existe no universo da cultura nipo-brasileira. Esta mesma cultura se modela no tempo e no espaço e continua dando significação, com as diferentes manipulações dos seus sinais diacríticos, à vida social dos membros da comunidade nipo-brasileira no Brasil e da comunidade nipo-brasileira no Japão, comunidades estas que somente na aparência são diferentes, porque, na escolha dos sinais distintivos dos quais pretende lançar mão reside o mesmo propósito de manutenção da cultura nipo-brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARAI, Jhony; HIRASAKI, Cesar. **100 anos da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

CAMPOS, Adilson; HIRATA, Joe. **O sonho de um brasileiro**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/joe-hirata/508574>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (Org.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973, pp. 317-345.

CODATO, Evandir, **Colonização Agrícola**: a colônia Três Barras – 1932-1970. 1981. 251f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Curitiba, 1981.

COULON, Alain. **A escola de Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.

_____. **Etnometodologia e educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Antropologia do Brasil**: mito, história e etnicidade. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Negros, estrangeiros**: os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAISSEN, Portal Zen-budista. **Os três refúgios**. Disponível em: <http://www.daissen.org.br/hp/index.php?id=0&s=textos&txt_id=64>. Acesso em: 14 nov. 2008.

DAO; et. al. **Irashai-Mase, milênios de cultura e sabedoria no centenário da imigração japonesa**. Disponível em: <<http://carnaval.globo.com/Carnaval2007/0,CVC20-8052,00.html>>. Acesso em: 03 mar. 2009.

DUVIGNAUD, Jean. **Festa e Civilizações**. Fortaleza: UFC, 1983.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. **Oktoberfest**: turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis: Obra Jurídica, 1997.

FOLHA DE LONDRINA. Uma manhã que vai ficar na memória. **Folha de Londrina**, Londrina, 23 jun. 2008, p.4.

GALIMBERTTI, Percy. **O caminho que o dekassegui sonhou**: cultura e subjetividade no movimento dekassegui. São Paulo: EDUC/FAPESP; Londrina: EDUEL, 2002.

GONÇALVES, Rev. Ricardo Mário. **Funerais budistas**. Disponível em: <<http://www.shurendo.org/budismoshin/revricardomariogoncalves/funeraisbudistashtm>>. Acesso em: 14 nov. 2008.

GUIA da cultura japonesa. São Paulo: JBC, 2004.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais Além da Cultura: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antonio Augusto (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. SOVIK, Liv (Org.). Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês**: história de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz Editor Ltda., 1987.

HARUMI, Paula. O futuro imperador vem ao Brasil. **Made in Japan**, São Paulo, v.11, n.128, pp. 26-31, 2008.

HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (Org.). **Cem anos da imigração japonesa**: História, memória e arte. São Paulo: UNESP, 2008.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997. pp.9-23.

HOSOKAWA, Shuhei. A história do karaokê no Brasil. In: **GUIA da cultura japonesa**. São Paulo: JBC, 2004. pp.284-286.

LAPLANTINE, François. **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

_____. **Aprender antropologia**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. **Uma diáspora descontente: os nipo-brasileiros e os significados da militância étnica 1960-1980.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LÓS, Maria; PODGÓRECKI, Adam. **Sociologia Multidimensional.** Porto: Rés, 1984.

MADE in Japan. São Paulo, v. 9, n. 100, p. 44. 2005.

_____. **Karaokê. Made in Japan.** São Paulo, v.11, n.129, p. 114. 2008.

MAEYAMA, Takashi. O antepassado, o imperador e o imigrante: religião e identificação de grupo dos japoneses no Brasil Rural (1908-1950). In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (Org.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1973, pp. 414-447.

_____. Religião, parentesco e as classes médias dos japoneses no Brasil urbano. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (Org.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1973, pp. 241-272.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala.** São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. **O Cativo da Terra.** São Paulo: Hucitec, 1986.

MORAIS, Fernando. **Corações sujos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NAGABUSHI, Tsuyoshi. **Kampai.** Disponível em: <<http://www.musicajaponesa.net/vermusica.asp?Id=462>>. Acesso em 18 set. 2009.

NAMEKATA, Takao. Canção do imigrante. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; Okamoto, Monica Setuyo (Org.). **Cem anos da imigração japonesa: História, memória e arte.** São Paulo: UNESP, 2008, p. 7.

NARUHITO, Príncipe. Íntegra do discurso do príncipe Naruhito no Imin em Rolândia. Fonte: Agência de Notícias do Estado do Paraná. Disponível em:<<http://www.agenciadenoticias.pr.gov.br/modules/news/article.php?storyid=38714>>. Acesso em: 25 nov. 2008.

NISHIMURA, Cintia Megumi et al. Características vocais do canto japonês nos gêneros enka e mudo enka. **Revista CEFAC**, São Paulo, v.8, n.4, dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462006000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 out. 2009.

NOELLI, Francisco Silva; MOTA, Lucio Tadeu. A pré-história da região onde se encontra Maringá, Paraná. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo (Org.). **Maringá e o Norte do Paraná.** Maringá: EDUEM, 1999. pp.5-19.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. Considerações sobre a imigração japonesa para o Estado de São Paulo entre 1908 e 1922. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973, pp.56-68.

O DIÁRIO. Festival Nipo é o maior do país. **O Diário**, Maringá, 10 de ago. 1991. p.6, c.3-6.

_____. II Festival Nipo-brasileiro. **O Diário**, Maringá, 10 ago. de 1990, p.10, c. 5-6.

_____. Semana nipo-brasileira, mais um evento anual para Maringá. **O Diário**, Maringá, 15 de jul. 1989. p.3, c.1-3.

OKINAWA. Joe Hirata fala um pouco sobre Karaokê, Dekassegui e Okinawa. Disponível em: <<http://www.okinawa.com.br/entrevistas/index.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

OKU, Sandra Kimie. Obrigada mãe! In: **Dekassegui – Os exilados econômicos: a realização de um sonho**. Concurso Literário Jornal Tudo Bem. Tokyo, Jornal Tudo Bem, 1995, pp. 223-225.

OLIVEIRA, Adriana Capuano. **Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão. A trajetória de uma identidade em um contexto migratório**. 198f. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 1996, v.39, nº1, pp.13-37.

ORTIZ, Renato. **O próximo e o distante**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PARK, Robert E. Ecologia Humana. In: PIERSON, Donald (Org.). **Estudos de Ecologia Humana**. São Paulo: Martins, 1970.

PEDRA, Porto. Escola de Samba. **100 anos de imigração japonesa – Tem pagode no Maru!**. Disponível em: <http://centenario.ipcdigital.com/index.php?option=com_content&task=view&id=45&Itemid=27>. Acesso em 03 mar. 2009.

PEREIRA, Ronan Alves. **Religiosidade japonesa: Sincretismo e Tolerância**. In: GUIA da cultura japonesa. São Paulo: JBC, 2004.

PINHEIROS, Elisa Massae Sasaki. Dekasseguis, brasileiros no Japão. In: **Guia da cultura japonesa**. São Paulo: JBC, 2004. pp.29-37.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, p.200-212, 1992.

REQUIÃO, Roberto. **Íntegra do discurso do governador Roberto Requião**. Disponível em: <<http://www.aenoticias.pr.gov.br/modules/news/article.php?storyid=38721>>. Acesso em: 25 nov. 2008.

RIBEIRO JUNIOR, Jorge Cláudio Noel. **A festa do povo**. Petrópolis: Vozes, 1982.

SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973.

SAKURAI, Célia; KODAMA, Kaori. Episódios da imigração: um balanço de 100 anos. In: SAKURAI, Célia; COELHO, Magda Prates (Org). **Resistência e integração: 100 anos da imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

_____. **Imigração tutelada: os japoneses no Brasil**. 191f. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

_____. **Os Japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.

SASAKI, Elisa Massae. **O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento dekassegui**. 219f. 1998. Dissertação (Mestrado em sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

_____. Os dekasseguis retornados. **Revista Brasileira de Estudos da População**, Campinas, v.13, n.1, pp.99-100, 1996.

SATO, Francisco Noryuki; SATO, Cristiane A. Gincana poliesportiva – undokai. Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/htm/Undoukai.html>>. Acesso em: 22 out. 2009.

_____. A história do Undokai. Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/htm/undoukaihistoria.html>>. Acesso em: 2 nov. 2009.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. **Mana: Estudos de Antropologia Social**. PPGAS UFRJ. v.3, n.1, pp.95-130, 1997.

SHURENDO, Grupo de estudos budistas. **Carta da Ossada Branca**. Disponível em: <<http://www.shurendo.org/budismoshin/mestrerenno/cartadaoossadabranca.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2008.

SIDRA. **Sistema IBGE de Recuperação Automática**. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 mai. 2008.

STADNIKY, Hilda Pívaro; PINTO, Meyre Eiras de Barros, “Contribuição ao estudo da presença nipo-brasileira no norte novo de Maringá”. In: DIAS, Reginaldo Benedito; GONÇALVES, José Henrique Rollo. (Org.). **Maringá e o Norte do Paraná**. Maringá: EDUEM, 1999. pp.239-254.

TOMA, Cristiane Yuri. **A experiência feminina dekassegui**: um olhar sobre a subjetividade no processo migratório. Londrina: EDUEL, 2000.

TOMIMATSU, Maria Fusako. “**A arte dos nipo-brasileiros**”. In: HASHIMOTO, Francisco;

TANNO, Janete Leiko; Okamoto, Monica Setuyo (Org.). **Cem anos da imigração japonesa**: História, memória e arte. São Paulo: UNESP, 2008. pp.307-319.

TSUKAMOTO, Tetsundo. Sociologia do imigrante: algumas considerações sobre o processo migratório. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (Org.). **Assimilação e integração dos japoneses no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973, pp.13-31.

TURNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

VIEIRA, Francisca Isabel Schurig Vieira. **O japonês na frente de expansão paulista**. São Paulo: Pioneira, 1973.

WADA, Yayoi. Dia das meninas. **Made in Japan**, São Paulo, n. 44, pp. 24-25, 2001.

WAYZYNIAK, Sidinalva Maria. A “colônia” como representação: imigração japonesa no Brasil. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; Okamoto, Monica Setuyo (Org.). **Cem anos da imigração japonesa**: História, memória e arte. São Paulo: UNESP, 2008, pp. 167-188.

WIILLEMS, Emilio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.